

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PADRÕES ARCAICOS DO VÍNCULO AFETIVO

Luiza Helena Rezende Machado

FGV/ISOP/CPGP
Praia de Botafogo, 190 - Sala 1108
Rio de Janeiro - Brasil

T/ISOP
M149p

FEV
200
7AETO

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PADRÕES ARCAICOS DO VÍNCULO AFETIVO

por

Luiza Helena Rezende Machado

Dissertação submetida como requisito parcial para
obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, março de 1987

"O primeiro amor de toda criatura imortal é o Seu Criador"

Dante Alighieri

A meu pai, Alípio, com saudades, e a
minha mãe, Edze Delorme, pela ternu
ra e afeto com que acolheram e cuida
ram de seus onze filhos.

119.73), comprometido em explorar o universo, no qual se acha inserido, nele se envolve facilmente, formando outros laços transitórios - pessoas, objetos e valores - vindo a perder o sentido primeiro de orientação este laço eterno.

Se ambos - "attachment" e Criador - são definidos como "Amor", enquanto os laços interpessoais podem ser tomados como um modelo para se compreender o divino, este, por sua vez, aparece como o padrão incriado e eterno, a partir do qual, aqueles laços foram previstos e plasmados. Pela busca natural da proximidade com uma figura específica, o "attachment" humano tende a reproduzir uma condição anterior e interior que, mais do que como proximidade, pode ser definida como unida-de de ser. O laço mãe-filho é uma versão humana do laço Criador-criatura e é nessa perspectiva que a natureza desse laço é examinada.

values - losing the sense of direction to this eternal tie.

Once both, "attachment" and Creator, are defined as "love", if the interpersonal ties are taken as a model to understand the divine tie, this one will appear as an increased and eternal pattern, from which those ties were predictable and molded. By the natural search for the proximity with a specific figure, the human attachment tends to reproduce an anterior and interior condition that, more than the proximity, it can be defined as a unity. The mother-infant tie is a human version of the Creature-creature tie and, it is in this perspective that the nature of this tie is examined.

II. O VÍNCULO DE NATUREZA ESPIRITUAL NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ, À LUZ DA TEORIA DE JOHN BOWLBY	87
1. NATUREZA DO VÍNCULO DA DIVINDADE E RESPOSTA HUMANA	93
1.1. Um Vínculo Comparável aos Vínculos Humanos	94
1.1.1. O Vínculo Parental	96
1.1.2. O Vínculo Conjugal	110
1.1.3. O Vínculo Terapêutico	113
1.2. Um Vínculo Comparável, Porém Mais Forte que o Humano	117
1.2.1. Atração Exercida pela Divindade	118
1.2.2. Manutenção de Proximidade	118
1.2.3. Cuidado e Proteção	134
1.2.4. Emoções Associadas ao Apego	139
1.2.5. Universalidade das Figuras de Apego	143
1.2.6. Complexidade das Atribuições Divinas	145
1.2.7. Universo de Figuras de Apego do Homem	145
1.3. Um Vínculo Diferente dos Vínculos Humanos	147
1.3.1. Invisibilidade	148
1.3.2. Divindade	152
1.3.3. Divindade Legisladora	159
1.3.4. Senhor que Rege os Acontecimentos	163
1.4. Conclusões: Um Padrão Arcaico do Vínculo Afetivo ...	173
2. FUNÇÃO DA FIGURA DE APEGO DIVINA NA PRIVAÇÃO AFETIVA	181
2.1. Situação de Perda Física da Figura de Apego	182
2.2. Privação Encoberta ou Psicológica	191
3. COMPORTAMENTO DE APEGO DO HOMEM EM RELAÇÃO À DIVINDADE ..	199
3.1. Variáveis que Interferem no Apego à Divindade	200
3.1.1. Natureza Divina	207
3.1.2. Natureza Humana	214
3.1.3. Experiências com a Figura Protótipa	216
3.1.4. Aprendizagem	218
3.1.5. Circunstâncias da Vida	219
3.2. Padrões de Apego e de Desapego à Divindade	223
3.3. Padrões Patológicos de Apego à Divindade	230
3.4. Realização do Potencial de Apego à Divindade	235
III. CONCLUSÕES	242

INDICE DAS FIGURAS

2.	Águia	103
3.	Manancial de Águas	109b
4.	Amor Conjugal	110
5.	Tesouro escondido	114
6.	Criação do homem	123b=.
7.	Duas faces	129
8.	Árvore do bem e do mal ...	153b .
9.	Promessas da Virgem	155b .
10.	A perda	171 .
11.	Condenação de Cristo	197
12.	De profundis	198b
13.	Pai e filho em oração	217
14.	Primeiros passos	239
15.	Interação familiar	240
16.	Coroação da Mãe	241b
17.	Relação mãe-filho	251b

INTRODUÇÃO

Desde o início, a Psicanálise freudiana atribuiu às experiências dos primeiros anos de vida, um papel significativo no desenvolvimento da personalidade e na etiologia dos distúrbios nervosos.

Freud, Jung e Murray desenvolveram suas teorias a partir de um modelo intrapsíquico, procurando no próprio indivíduo, os fatores determinantes na padronização da personalidade. Freud ressaltava nas experiências infantis, o componente sexual. Já os neo-freudianos, Fromm, Horney, Adler, Sullivan, formularam revisões da teoria psicanalítica, no sentido de reduzir o destaque dado por Freud ao fator biológico e atribuir maior ênfase ao papel desempenhado pelas variáveis sociais.

A atenção dos estudiosos voltou-se assim, para as outras pessoas envolvidas na vida dos pacientes, no pressuposto de que também as forças ambientais exercem uma importante influência no comportamento. Desta forma, o modelo intrapsíquico foi superado por uma abordagem ambiental, a patologia do indivíduo foi ampliada pela patologia do grupo social e a terapêutica individual foi estendida até o conceito de prevenção social, que visa neutralizar as influências ambientais antes que venham a desencadear processos mórbidos. Todavia, é pressuposto básico da Psicanálise, com

partilhando por uma e outra corrente, a ênfase nas experiências dos primeiros anos de vida.

Grande parte dos psicanalistas destacam, entre as experiências da infância, as primeiras interações mãe-filho. Segundo estes autores, vários aspectos da personalidade têm probabilidade de evoluírem melhor quando prevalecem relações interpessoais amistosas nos primeiros anos.

O tema da interação mãe-filho era conduzido na Psicanálise em termos de "Relações Objetais", conceito derivado da teoria do instinto, proposta por Freud. Havia concordância entre psicanalistas e teóricos da Aprendizagem Social de que o desenvolvimento das relações interpessoais está vinculado à satisfação dos impulsos considerados primários, quais sejam, a alimentação na infância e o sexo, na idade adulta, para os quais o indivíduo depende de outro indivíduo. A dependência e outras relações pessoais seriam os impulsos secundários, associados à redução daqueles impulsos. Segundo a definição do próprio Freud, em 1940, "o amor está vinculado à necessidade satisfeita de nutrição", Freud, apud Bowlby, (1984:193). O termo dependência, usado para caracterizar a relação pré-objetal da criança é um termo especialmente ligado à Teoria da Aprendizagem Social, que adota o modelo freudiano.

Entre os clássicos que, após Freud, mais se ocuparam do tema das relações objetais, estão os analistas britânicos

Fairbairn, Balint, Winnicott e Melanie Klein. A figura de John Bowlby todavia, aparece aí proeminente. Como um autor na tradição das relações objetais, Bowlby deve muito às obras desses autores britânicos e, em especial, a Melanie Klein, supervisora de seus primeiros trabalhos. No entanto, não adota especificamente, a posição de nenhum deles. Estes autores não buscaram uma alternativa para a teoria do instinto de Freud, considerada por ele mesmo, provisória. Bowlby não satisfeito com a metapsicologia Psicanalítica, subjacente a esta teoria, busca outros modelos para explicar a origem e desenvolvimento das relações interpessoais.

Servindo-se paralelamente à Psicanálise, de conceitos derivados da Etologia e da Teoria dos Sistemas de Controle, Bowlby elaborou o seu próprio esquema teórico, introduzindo em 1958, com a publicação de "The Nature of the Child's Tie to His Mother". Esta teoria foi revista e ampliada em termos de uma melhor compreensão da Teoria dos Sistemas de Controle, com a publicação, em 1969, de "Attachment".

Ao propor uma nova abordagem para a compreensão da origem do laço que une a criança a sua mãe, num novo modelo do comportamento instintivo, Bowlby busca um termo livre das implicações do termo dependência. Ocasionalmente, alguns psicanalistas haviam usado o termo "attachment", de uso na Etologia, para referirem-se às específicas relações afetivas. Seu uso corrente na literatura psicológica, porém, é proposto por Bowlby.

Sua teoria, baseada em princípios etológico-evolucionários, apresenta o vínculo como um elemento da constituição instintiva do homem, que tem seus próprios fatores causais que o ativam, independentemente de qualquer referência à satisfação dos impulsos primários, e com um significado pelo menos igual, na vida humana. "O núcleo daquilo que eu chamo de "vínculo afetivo" é a atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo" (Bowlby, 1982:64). A características principal do vínculo é a tendência a manter a proximidade com um indivíduo específico e preferido.

Na formulação de uma teoria do comportamento instintivo, Bowlby se serve do conceito de estrutura prototípica. A estrutura básica do comportamento instintivo no homem deriva de algum protótipo comum às espécies infra-humanas. Sendo menos elaboradas nas espécies inferiores e mais elaborada no homem, esta estrutura permanece como a estrutura primitiva que determina o padrão geral, de modo que os mesmos fins são atingidos.

Bowlby se baseia nos estudos de Lorenz com gansos e patos, a partir dos quais introduziu o conceito de "imprinting". Estes estudos postulam que fortes vínculos desenvolvem-se com uma figura sem qualquer referência à alimentação, simplesmente através da exposição do filhote à figura com a qual se familiarizou seja esta até mesmo um papelão de brinquedo.

A manutenção da proximidade com uma figura diferenciada é de tal forma imperiosa e importante na vida humana, principalmente nos primeiros cinco anos de vida, que muitas formas de psiconeuroses e transtornos de personalidade podem ser atribuídos à perda ou à interrupção na interação com ela, que gera o luto, ou às ameaças de separação ou perda, que se pode entrever em relações psicologicamente privadas, embora fisicamente presentes, que geram a ansiedade de separação. Uma vez tendo ocorrida uma separação ou perda, seus efeitos nocivos podem ser impedidos se se provê o enlutado com uma figura de apego substituta, estável. Com a formação de um novovínculo, é possível ultrapassar a fase de reações, a que Bowlby denomina de "desespero" ou de "desorganização", em que a pessoa abandona a esperança de recuperar a proximidade com aquela figura específica e ingressar na última fase - a de "dettachment" ou "desapego", o que permite reorganizar a realidade com base naquela perda.

Portanto, para crianças adotadas por outras famílias ou que continuam sendo cuidadas por seus familiares, situações em que são providas com uma figura de apego substituta estável, a experiência de perda não é necessariamente patogênica. Porém, aquelas crianças que são internadas em orfanatos, ou levadas a outras situações, em que não encontram uma figura de apego estável, vivem uma situação potencialmente patogênica. Sentem a ausência de uma figura estável, mais forte e mais sábia, cuja função está associada à sua

proteção. O vínculo tem para Bowlby, um valor de sobrevivência.

A obra de Bowlby abre perspectivas novas, não só pela explícita inclusão, como tema de pesquisa experimental e reflexão crítica, da problemática do instinto, mas, ainda, pela busca de maior cientificidade, pelo que reintroduz temas tradicionais da Psicanálise, não mais como meros pressupostos, extraídos do método retrospectivo de reconstrução da história individual, mas como dados da observação direta do comportamento infantil, em situações de vida real, fora do campo transferencial. Neste sentido, reúne e analisa uma grande coletânea de observações e estudos sistemáticos conduzidos por diversos autores. Reúne, ainda, dados obtidos na observação do comportamento animal.

Caplan reconhece a teoria de Bowlby como uma das teorias psicanalíticas que mais influenciaram no desenvolvimento da abordagem preventiva:

"se encuentran entre los primeros que subrayaron la posibilidad de la prevención primaria mediante la reducción de un factor prejudicial específico antes de que resulte en una perturbación del desarrollo de la personalidad."

(Caplan, 1966:31)

O conceito introduzido por Bowlby não foi, inicialmente melhor aprofundado pelos estudiosos, mas nos últimos anos vem sendo retomado com ênfase, inclusive por téóricos da Apren

dizagem Social, no estudo das relações interpessoais. Há uma tendência a aplicar-se o conceito de "vínculo" para ou tros relacionamentos. O vínculo pode ser dirigido a pai, mãe, outros indivíduos e mesmo a objetos inanimados, ou ainda a combinações destes.

Nosso interesse pelo tema nos foi despertado no acompanhamento de menores com histórias de abandono e, ainda, no nosso contato diário, nos últimos sete anos, com menores adotados por uma instituição filantrópica particular.

Alguns episódios no acompanhamento desses menores nos alertaram para a presença de um vínculo de natureza espiritual. Dados como, iniciativa de se juntarem para rezar, curiosidade em relação à figura de Deus, oração à noite etc.

A presença de um dado religioso, encontrado na observação do comportamento infantil, foi corroborada pela observação do comportamento de pacientes psiquiátrico, orientada pelo psiquiatra argentino, Carlos José Hernández, de cujo trabalho, no Hospital Psiquiátrico Baliña, em Posadas, tivemos oportunidade de participar pelo espaço de um mês, em 1984. Na criança e no paciente psiquiátrico, muitos processos estão mais transparentes e não camuflados.

As observações do comportamento infantil, nos levam a questionar se muitas crianças, privadas da principal figura de apego, face ao caráter imperioso do vínculo — ligado à sua

sobrevivência -- não acalentam um vínculo secreto, subjetivo, como forma de fazer frente aos processos desencadeados pela situação privadora. À luz da teoria de Bowlby, isto significa questionar, se a formação de vínculo de natureza espiritual possibilita à criança ultrapassar a fase de "desespero" ou "desorganização" -- que se instala quando ela, se redendo a uma situação de perda, abandona a esperança de recuperar a proximidade com a figura de apego perdida -- e atingir a fase seguinte do luto que é "se desligar da figura perdida" e se "reorganizar" com base nesta perda. Ou, pelo contrário, a formação de um vínculo espiritual estaria nelas mais dificultada porque, de acordo com numerosos dados reunidos por Bowlby, as experiências de perdas precoces sem a substituição por uma figura de apego estável, afetam a capacidade de se estabelecer relações afetivas íntimas e duradouras.

Estas colocações nos remetem à questão da origem e desenvolvimento da relação religiosa. Pode ser ela compreendida nos mesmos termos com que Bowlby definiu as relações interpessoais? Qual a sua função na patogenia da perda: secundária ou paralela ao vínculo humano? Uma substituição ou uma relação?

Sentimos falta, na obra de Bowlby e colaboradores, da abordagem do vínculo espiritual. Toda a sua obra está voltada para a relação mãe-filho, considerada por ele o protótipo de todas as relações interpessoais. Essa omissão, todavia,

Dois autores utilizaram a teoria de Bowlby como um modelo para explicar o comportamento religioso: Levin (1979) que caracteriza o cristianismo como um "desapego", e Washburn (1982), que reconhece nele a mesma dimensão de segurança-ansiedade, que caracteriza o vínculo com a figura materna.

Muitas dessas polêmicas parecem ser originadas no fato de que se investiga o dado religioso, a partir do modo como ele é percebido, interpretado ou vivenciado pelo homem, onde naturalmente, ele se acha contaminado por inúmeros processos atuantes na dinâmica pessoal. Uma outra forma de abordá-lo, seria a partir do modo como ele se apresenta da parte do Criador em relação ao homem. A expectativa de resposta que, da parte dele, se poderá entrever, em relação ao homem, deve corresponder ao potencial humano de resposta a este vínculo específico.

Reconhecemos como um objeto adequado para um estudo com este fim - porque nela a Divindade se apresenta, senão em sua linguagem original, pelo menos, em sua primeira versão humana, "falando nela, diretamente ao homem" (Heb 1.1-2), como também, por ser ela uma fonte ao nosso alcance e, ainda, comum à nossa cultura - a tradição religiosa judaico-cristã.

Uma forma de se abordar o vínculo que une a Divindade ao homem seria, através de uma comparação com os conceitos introduzidos por John Bowlby, examinar o que esta tradição

revela acerca deste vínculo.

Propondo-nos a semelhante estudo, definimos como seu objetivo específico examinar, na tradição judaico-cristã, à luz da teoria de John Bowlby, a natureza do vínculo que une a Divindade ao Homem e a resposta humana a este vínculo, de modo a responder às seguintes questões:

1. Natureza do Vínculo que une a Divindade ao Homem:

- . Se o conceito de vínculo afetivo introduzido por Bowlby se aplica às relações da Divindade para com o Homem:
- . Quais as características do vínculo da Divindade?
- . Quais as atribuições da figura de apego Divina?
- . Qual a posição do vínculo da Divindade em relação aos vínculos humanos?
- . Qual a função do vínculo da Divindade no rompimento dos vínculos humanos?

2. Comportamento de apego do Homem em relação à Divindade:

- . Quais as variáveis que interferem no comportamento de apego do Homem, em relação à figura Divina?
- . Qual o potencial humano de resposta à Divindade?

- . Quais os padrões de apego e de desapego à Divindade?
- . Quais os padrões patológicos de apego à Divindade?

A seguir, numa revisão da literatura, situamos a contribuição de Bowlby dentro do contexto mais amplo da Psicanálise, da Etologia e da Teoria dos Sistemas de Controle, abordagens que ele utilizou na construção do seu esquema teórico, e passamos aos conceitos fundamentais do seu esquema: "Formação e Rompimento dos Vínculos Afetivos".

Na segunda parte, procedemos então, à luz da teória de Bowlby, à análise de "O Vínculo de Natureza Espiritual na Tradição Judaico-Cristã", da qual, por fim, extraímos algumas "Conclusões", expostas na terceira e última parte.

I. FORMAÇÃO E ROMPIMENTO DO VÍNCULO AFETIVO NA FORMULAÇÃO TEÓRICA DE JOHN BOWLBY

1. MARCO TEÓRICO ADOTADO POR BOWLBY

O referencial teórico adotado por Bowlby, desde o início de seus trabalhos, foi a Psicanálise. A teoria do vínculo por ele formulada, deriva da teoria das relações objetais, que se baseia na teoria do instinto de Freud. Esta teoria, formulada de acordo com o modelo de "energia psíquica", está na própria essência da metapsicologia psicanalítica. Bowlby questiona a adequação desses modelos tradicionais e busca uma teoria do instinto congruente com a Biologia de nossos dias.

Servindo-se, paralelamente à Psicanálise, de princípios derivados da Etologia e da Teoria dos Sistemas de Controle, elaborou o seu próprio esquema teórico, introduzido em 1958: a Teoria do Vínculo (Attachment), uma alternativa etológico-evolucionária para a clássica abordagem das relações objetais.

1.1. O Enfoque da Psicanálise

O tema da interação mãe-filho era conduzido na Psicanálise, em termos de "relações objetais" e de "dependência". O conceito de relações objetais deriva da teoria do instinto, proposta por Freud em 1915. Segundo esta teoria,

"El objeto (objekt) del instinto es la cosa en cual o por medio de la cual puede o instinto al canzar su satisfacción. ...

En último término podríamos decir que el instin to "ama" al objeto al cual tiende para lograr su satisfacción." (Freud, 1915, in 1973:2042,2050)

Freud identificou o seio materno como o primeiro objeto de amor da criança.

A teoria freudiana do instinto, o princípio do prazer e outros, são formulados de acordo com o modelo de "energia psi quica". No intuito de formular seus conceitos psicológicos em termos científicos, análogos aos da Física e da Química, vigentes em sua época, Freud adotou e desenvolveu, por influência de Brucke, Meynart e Breuer, um modelo construído por Fechner (1801-1877).

Segundo o modelo freudiano do aparelho psíquico, o comportamento resultaria de uma hipótetica energia - energia psi qui ca ou energia nervosa - que procura uma forma de descarga. Esta energia seria como uma soma de excitação ou uma cota de emoção; algo com as características de uma quantidade, e

que pode aumentar ou diminuir, deslocar-se ou descarregar-se, como uma corrente elétrica. Essa energia seria regida por dois princípios: O princípio de inércia, pelo o aparelho mental esforça-se por manter a quantidade de excitação no mais baixo nível possível. Mais tarde, Freud vai atribuir este princípio ao instinto de morte, substituindo o termo por princípio de Nirvana. O princípio de constância, pelo qual o aparelho mental esforça-se por manter constante a quantidade de excitação. A grande contribuição de Freud no estudo dos instintos, foi reuni-los em duas categorias, que seriam os instintos primitivos: os instintos sexuais e o de auto-preservação. Mais tarde, ele postulou uma nova dicotomia: instinto de vida (Eros) e instinto de morte.

"O primer dos instintos básicos (Eros) persegue o fin de estabelecer e conservar unidades cada vez maiores, isto é, a união."

(Freud, 1940, in 1973:3382)

"Basando-nos en reflexiones teóricas, apoyadas en la Biología, supusimos la existencia de un instinto de muerte, cuya misión es hacer retornar lo lo orgânico animado al estado inanimado, en contraposición al Eros.... Ambos instintos se conducen en una forma estrictamente conservadora, tendiendo a la reconstitución de un estado perturbado por la génesis de la vida..."

(Freud 1923, in 1973:2716)

Intimamente associado à compulsão de repetição, encontrada, nas atividades infantis, o instinto seria a tendência a retornar a um estado anterior. Supondo-se que a substância viva originou-se da inanimada, pode se dizer que o instinto de morte busca seu estado anterior. A dificuldade estaria em afirmar que Eros persegue um estado anterior, pois suporia

que a substância viva tenha sido anteriormente, uma unidade. Estes instintos seriam os principais determinantes da vida psíquica, aos quais o homem mal pode subtrair-se: "O homem não é dono nem em sua própria casa". Esta teoria todavia, não deriva exatamente de sua experiência clínica. Na própria Psicanálise observa-se algumas tentativas de se substituir este modelo.

Alguns autores consideram a tendência a relacionar-se com outras pessoas, como representativa de um princípio tão primário quanto o princípio de descarga e o princípio de prazer. Os autores são unânimes em reconhecer que a relação objetiva se estabelece no primeiro ano de vida e em interpretá-la em termos de oralidade. Para alguns porém, desde o início já há relações objetivas, para outros, as relações objetivas se desenvolvem e substituem uma relação inicial de dependência em relação à mãe. Freud deixou assim, uma divisão teórica com relação à origem e desenvolvimento dessa relação. A tradição da Psicologia do Ego (Benedek, Escalona, Anna Freud, Greenacre, Mahler, Spitz e outros) aceita a teoria do desenvolvimento das relações a partir do contexto das funções do ego.

A tradição auto-denominada de teoria das Relações Objetivas originou-se na Escola Húngara da Psicanálise, dirigida por Ferenczi. Concebe as relações objetivas mais como primárias do que como secundárias. Nega explicitamente, o conceito de narcisismo primário e sustenta que desde o início já há relações objetivas. Esta tradição exerceu uma influência mais

marcante na Grã-Bretanha do que nos Estados Unidos. É representada por Winnicott, Fairbairn, Michael e Alice Balint e Melanie Klein.

Bowlby é um autor na tradição das relações objetais. Seu trabalho foi influenciado por esses autores e, mais especialmente, por Melanie Klein, supervisora de seus primeiros trabalhos. Estes autores, porém, não tinham um modelo alternativo para a teoria do instinto de Freud, considerada insatisfatória e provisória pelo seu próprio autor (1919):

"Ante la falta de toda teoria de los instintos, cualquiera que fuese su orientación, es lícito, e incluso obligado, llevar consequentemente adelante cualquier hipótesis, hasta comprobar su a cierto o su error". (Freud, 1973:2019-2022)

Bowlby se propôs a buscar uma teoria do instinto congruente com o Biologia de nossos dias, nos moldes da teoria da Evolução e da Teoria do Controle.

Outro termo usado em referência à relação mãe-filho é dependência. O termo dependência é usado na Psicanálise para caracterizar as relações pré-objetais da criança, porém, é um termo particularmente vinculado à Teoria da Aprendizagem Social. Nessa teoria, a expressão dependência foi definida no início, como um impulso aprendido, adquirido, devido à sua associação com a redução dos impulsos primários.

Por primárias se entende respostas autônomas, por oposição àquelas que derivam de um outro sistema mais primitivo, por

algum processo de aprendizagem. Os impulsos primários são a fome e o sexo e, os secundários são a dependência e outras relações interpessoais. Usa-se a expressão "impulso de dependência". Essa concepção foi influenciada pela teoria freudiana, e entre seus expoentes figuram Dollard e Miller (1950), Sears (1953), Beller (1955).

"Provavelmente, a experiência da alimentação pode ser a ocasião para a criança aprender a gostar de estar com outras pessoas, ou seja, estabelecer a base da sociabilidade."

(Dollard e Miller, apud Bowlby, 1969:193)

Esse conceito se baseia na hipótese freudiana do narcisismo primário, segundo a qual, a criança, dominada por suas necessidades fisiológicas, torna-se interessada e ligada à sua mãe, à medida que aprende que é ela quem as satisfaz:

"El primer objecto erótico del niño es el pecho materno que lo nutre; el amor aparece en anáclisis con la satisfacción de las necesidades."

(Freud, 1940, in 1973:3046)

"Si el niño de pecho demanda la percepción de la madre, es porque la experiencia le ha enseñado que aquélla satisface sin dilación sus necesidades. ... El peligro es ahora la ausencia de la madre y en cuanto el niño la advierte, da la señal de angustia."

(Freud, 1925, in 1973:2863)

Bowlby se opôs a este ponto de vista dos laços interpessoais como aquisições secundários, que se desenvolvem a partir da satisfação de impulsos primários e, ao propor sua teoria, busca um termo livre das conotações teóricas que o termo "dependência" já havia acumulado, para se referir ao

laço que liga a criança à sua mãe. A terminologia proposta por ele significa uma nova concepção para se compreender a origem e desenvolvimento das relações interpessoais.

Uma outra restrição que Bowlby faz à Psicanálise é com relação ao método. Freud trabalhava retrospectivamente, de modo que os conceitos psicanalíticos derivam de um processo de reconstituição histórica a partir de dados fornecidos por pacientes adultos. Uma vez que o pressuposto básico da Psicanálise é que as experiências dos primeiros anos de vida exercem uma influência profunda no desenvolvimento da personalidade, Bowlby considera indispensável que os estudos psicanalíticos sejam ampliados pela observação direta do comportamento infantil em situações de vida real, fora do campo transferencial. Uma vez que reconhece o significado, neste período, das primeiras interações mãe-filho, selecionou para objeto de suas observações, uma classe de eventos, apontada na teoria freudiana, como potencialmente patogênica para a personalidade em desenvolvimento: a separação e a perda da figura materna nos primeiros cinco anos da infância.

Neste sentido, reúne e analisa uma grande coletânea de observações e estudos sistemáticos de crianças em situações de separação e de perda da figura materna, conduzidos por diversos autores.

Entre os primeiros estudos, que a partir da observação, a-

lertaram para o significado patogênico das experiências de separação e de perda da figura materna, citam-se os de Levy (1937), Powdermaker (1937), Lowrey (1940), Bender e Yarnell (1941), Goldfarb (1943) e outros.

Bender identificou um síndrome a que denominou de "transtorno psicopático da conduta": deficiência da linguagem, da capacidade de abstração e de formação do conceito de tempo, e de formar laços afetivos profundos. O antecedente comum, encontrado nas crianças que apresentavam esta síndrome era a privação materna grave nos dois ou três primeiros anos de vida.

Dorothy Burlingham e Anna Freud (1942, 1944), durante a 2ª Guerra Mundial, e Spitz e Wolf (1946) reuniram uma documentação mais rigorosa sobre os efeitos psicológicos do internamento de crianças durante o primeiro ano de vida, em que não recebem uma figura materna substituta.

Spitz denominou de "depressão analítica" a um estado de embotamento estuporoso, em que a criança aparece apática, silenciosa e triste, não tenta estabelecer relação, e é mais predisposta a padecer infecção, podendo também apresentar insônia. O coeficiente de desenvolvimento diminui rapidamente. Este quadro pode regredir se a criança voltar à sua mãe, mas se a separação ultrapassar os três meses, raramente consegue se restabelecer.

Therese Benedek (1946) durante a 2^a Guerra Mundial observou adultos em situações de separação, morte e retorno ao lar.

Brokeck e Irwin (1946) observaram crianças recolhidas em orfanato; concluíram que elas emitem um menor número de sons verbais e menos variados do que crianças que permanecem em seus lares.

As observações de Roudinesco e Colaboradores (1952) e Fischer (1952) de crianças que aguardavam uma adoção apoiam a hipótese de que a privação pode desenvolver reações patológicas estáveis.

Outros estudiosos se voltaram para a observação do comportamento infantil em situações de separação mais breves, como hospitalização: Jackson (1942), Senn (1945), Langford (1948), Wallace e Feinauer (1948), Moncrieff (1951), Jessner, Blom e Waldfogel (1952), Faust (1952), Prugh e colaboradores (1953), Robertson (1953), Schaffer (1958).

Esses e outros estudos levam a concluir por uma uniformidade das reações de tipo depressivo, regressivo ou de angústia em crianças submetidas a experiências de privação materna.

Alguns desses estudos examinavam crianças mais velhas e adultos que passaram por experiências de separação e de per

da durante a infância, com o objetivo de se verificar se diferiam em algum ponto em comum, de pessoas que não passaram por estas experiências, já a teoria de Bowlby se baseia, em sua maior parte, em estudos de observação direta de crianças expostas à separação e perda da figura materna, principalmente nos conduzidos por James Robertson, Christoph Heinicke, Mary Ainsworth, Rudolf Schaffer e Colin Parkes, seus colaboradores diretos.

Além de se basear nestes estudos, Bowlby se apoia ainda, em estudos de observação direta do comportamento de diversas espécies animais: aves, mamíferos etc.

1.2. O Enfoque Etológico

Na busca de uma abordagem alternativa para a compreensão da origem e desenvolvimento do laço que liga a criança à sua mãe, Bowlby encontrou na Etologia, elementos significativos para uma nova teoria. Em especial, serviu-se do conceito de "estampagem", introduzido por Konrad Lorenz em .. 1935 e dos trabalhos de Psicologia e Etologia Comparadas de Harlow (1958), Kaufman e Rosenblum (1967), Spencer-Booth e Hinde (1967), Tinbergen (1951) e outros. Hinde orientou pessoalmente os trabalhos de Bowlby.

Os trabalhos de Lorenz publicados em 1935, só foram mais amplamente difundidos após 1950 e, a partir de 1960 passaram a exercer uma grande influência sobre o pensamento psi

cológico.

"O que eles provaram, sem qualquer dúvida possível, é que o comportamento de apego pode desenvolver-se em patinhos e gansinhos sem que os jovens animais recebam alimento ou qualquer outra recompensa convencional. Nas horas seguintes à eclosão, essas jovens criaturas tendem a seguir qualquer objeto que vejam em movimento, seja ele a ave-mãe, um homem, uma bola de borracha ou uma caixa de papelão. Além disso, tendo seguido um determinado objeto, passam a preferi-lo a quaisquer outros e, depois de certo tempo, não seguem mais nenhum. O processo de aprendizagem das características do objeto que é seguido recebe o nome de estampagem". (Bowlby, 1969:226-227)

Para Lorenz, uma das propriedades dos processos de estampagem é a irreversibilidade. Nos anos já transcorridos após suas afirmações, essa posição mudou. Provou-se que a estampagem não é irreversível, pois se se mantém um animal, à força, na presença de um novo objeto, este, com o tempo, passa a ser preferido ao objeto original.

Em estudos clássicos do assunto, Sluckin (1965) e Bateson (1966), abandonando o sentido restrito do termo, introduzido por Lorenz, usam-no sentido mais geral, em referência "ao processo que restringe as preferências sociais a uma classe específica de objetos" (Bateson, apud Bowlby, 1969: 181).

A partir desses trabalhos, Bowlby investiga se o comportamento de apego no homem pode ser equiparado ao processo de "estampagem" nas aves.

Apoiando-se nos estudos de Harlow (1958), Hinde e Spencer-Booth (1967) e vários outros autores, em que primatas não humanos são observados em condições naturais, em laboratórios, ou como filhos adotivos, como nos estudos de Robweel (1963), Bolwig (1969) e Hayès (1951), Bowlby descreve o curso do comportamento de apego nos jovens de quatro espécies primatas: Macacos Rhesus, Macacos Babuínos, Chimpazés e Gorilas.

Conclui que durante os primeiros meses de infância, as mães de todas essas espécies de primatas desempenham um papel importante, com vistas a assegurar a proximidade da cria: puxa-a quando se afasta, aperta-o contra si diante de um perigo. O bebê também, por sua vez, não se afasta demasiado de sua mãe.

Segundo observações de Harlow, bebês Rhesus se apegam a sua mãe na 1^a ou 2^a semana de vida e, ao menor perigo correm para ela e se agarram fortemente a ela. A separação gera um apego mais intenso.

À medida que crescem, eles passam a ficar, por iniciativa própria, menos tempo com a mãe, com companheiros de sua idade e mais tarde, com adultos. Voltados para atividades lúdicas e exploratórias do ambiente, o comportamento de apego diminui de intensidade e de frequência, mas não desaparece por completo. Primatas criados com seres humanos continuam mostrando maior interesse pelas pessoas do que

aqueles criados em seu ambiente natural. Bowlby conclui que "a natureza da figura para a qual o comportamento de apego é dirigido durante a infância têm, portanto, numerosos efeitos a longo prazo" (1969:213).

O comportamento de apego foi observado mesmo em bebês macacos cujas mães os maltratavam seriamente. Harlow observou que bebês Rhesus se agarravam a boneco que não os alimentava, com quem foram criados, que desempenhavam o papel de mãe-substituta. Trata-se pois, de um comportamento desvinculado da satisfação de impulsos primários.

Em algumas espécies, como os gansos, patos, ovelhas, éguas, vacas, os filhotes nascem num estado de desenvolvimento tão avançado que, em poucas horas após o nascimento, podem se movimentar livremente. O que se observa então é que, quando sua mãe se afasta, o filhote passa a segui-la, de forma a manter sempre a proximidade com ela. Já em outras espécies, como os roedores, carnívoros etc, o filhote leva mais tempo para adquirir mobilidade, mas tão logo a adquiram, torna-se evidente sua tendência a manter a proximidade com a mãe. Geralmente é o filhote o principal agente para recuperar a proximidade, mas em alguns casos é a mãe que restabelece.

Neste comportamento destacam-se duas características: manutenção da proximidade e restabelecimento da mesma quando ela é quebrada. Este comportamento visa a proteção contra

predadores.

Para Bowlby, o comportamento de apego da criança em relação à sua mãe pertence à mesma categoria geral dos comportamentos observados em outras espécies animais, podendo receber a mesma denominação usada para as aves -- "estampagem". A diferença é que, no ser humano, o comportamento de apego leva mais tempo para se manifestar do que em qualquer outra espécie. O homem nasce bastante imaturo e seu desenvolvimento é mais lento.

"Parece-nos hoje indiscutível que o vínculo que liga a criança à mãe é a versão humana do comportamento comumente observado em muitas outras espécies de animais; e é nessa perspectiva que a natureza do vínculo deve ser examinada (Ibdem: 197).

1.3 Enfoque da Teoria dos Sistemas de Controle

A Teoria dos Sistemas de Controle desenvolveu-se nas últimas décadas, com inúmeras aplicações em Engenharia. Vem também sendo aplicada ao estudo da Fisiologia (Crodins, 1963), para a análise de movimentos simples e de sequências mais elaboradas. Já Bowlby, se serviu desta teoria, principalmente dos modelos sugeridos por Miller, Galanter e Pribram, em "Plans and Structure of Behavior" (1960) e por Young em "A Model of the Brain" (1964), para a compreensão das estruturas prototípicas do comportamento instintivo.

Na formulação de sua teoria, Bowlby abandona os conceitos de energia psíquica propostos por Freud e utiliza como conceitos centrais, conceitos usados em sistemas de controle, como plano, instrução, meta-fixada, feedback, intencionalidade e outros.

"Feedback é um processo pelo qual os efeitos reais do desempenho são continuamente desenvolvidos a um aparelho regulador central, onde são comparados com a instrução inicial que foi dada à máquina". (Bowlby, 1984:44)

O resultado desta comparação vai determinar a ação subsequente da máquina, no sentido de aproximar-se cada vez mais da instrução inicial. A máquina verifica constantemente os efeitos de seu desempenho anterior, de modo que o posterior vai ser definido pelos resultados da comparação entre o observado e o fixado. Para isto o sistema requer:

1) instrução ou regulação inicial; 2 informação contínua sobre o que se passa.

Sistemas com estas diretrizes estão subjacentes no funcionamento fisiológico, como por exemplo, o sistema que mantém constante o nível de açúcar no sangue.

"Isso mostra não só que os organismos vivos incorporam sistemas de controle em sua constituição, mas que dependem profundamente dessas sistemas para inúmeras funções orgânicas (Ibdem:45).

"Intencionalidade" — como um sistema dotado de "feedback" pode ser dirigido para um objetivo pré-estabelecido, pode-se dizer que o feedback habilita a máquina a comportar-se intencionalmente, de modo a alcançar uma meta pré-fixada.

Bowlby propõe o termo "meta-fixada" para designar os resultados dos sistemas comportamentais dirigidos para a meta; um evento produzido pela ação de sistemas comportamentais estruturados de modo a levarem em conta as discrepâncias entre a instrução inicial e o desempenho: um desempenho motor como cantar, por exemplo. Utiliza a expressão "dirigido" ou "corrigido" para a meta para referir-se a sistemas comportamentais estruturados em termos de meta-fixada; isto é, sistemas de comportamentos de tal forma estruturados que, no controle do comportamento subsequente, levam em conta as discrepâncias entre a instrução inicial e os efeitos do desempenho atual.

Um sistema responsável por padrões fixos de comportamentos é estereotipado e segue um curso típico independentemente do que está ocorrendo no ambiente. Não precisam pois, de feedback provindo do ambiente pelos exteroceptores.

O conceito de feedback pode ser útil para explicar a remoção de um estado de estimulação na fonte, por meio da relação com um objeto. Bowlby introduz o conceito de finalização da ação pela percepção de uma mudança externa. Há uma interação com o ambiente, em função da qual a ação é inicia

da, cessada ou reiniciada.

Miller, e colaboradores introduzem o conceito de plano: "uma estrutura comportamental globalmente corrigida para a meta, composta de uma hierarquia de estruturas subordinadas" (Bowlby, 1984:46). A estrutura global, composta de subestruturas de qualquer tipo e número, é corrigida para a meta.

Nesta teoria considerou-se as formas mais complexas de comportamento instintivo como resultantes da execução de planos que, dependendo da espécie, são mais ou menos flexíveis.

O termo "comportamento instintivo" refere-se a certas regularidades de comportamento que desempenham um papel significativo na sobrevivência do indivíduo e da espécie. Todavia, não é um desempenho estereotipado num determinado meio ambiente, e sim idiossincrático, que obedece a um padrão reconhecidamente similar e previsível em quase todos os membros da mesma espécie. Caracteriza-se ainda por não ser uma resposta simples e sim uma sequência comportamental e por independer de aprendizagem. Segundo a terminologia de Hinde, o comportamento instintivo é "ambientalmente estável", ou seja, pouco influenciado pelas variações do meio ambientes.

Muitos questionam se no homem existe um comportamento homó

logo ao que em outras espécies é tradicionalmente qualificado de instintivo. Bowlby acredita numa continuidade estrutural com o de outras espécies.

"Muito mais provável do que a ausência de continuidade é que a estrutura básica do equipamento comportamental do homem se assemelha ao das espécies infra-humanas mas que, no curso da evolução, sofreu modificações especiais que permitem que os mesmos fins sejam atingidos através de uma diversidade muito maior de meios." (Ibdem:42)

O termo "estruturas prototípicas" refere-se a tipos de sistemas que em formas menos elaboradas explicam o comportamento instintivo animal e que, em formas mais elaboradas explicam o comportamento instintivo humano. A estrutura deste deriva daquela estrutura antiga, que não é suplantada, mas modificada, elaborada e aumentada e continua determinando o padrão geral.

Para Bowlby não há um instinto, mas sim diferentes comportamentos instintivos. A teoria por ele formulada deriva diretamente da teoria proposta por Darwin, em "A Origem das Espécies" (1895). Segundo Darwin, cada espécie tem o seu próprio repertório peculiar de comportamentos e todas as estruturas de um organismo vivo estão adaptadas de forma a alcançar a sobrevivência. A teoria do comportamento instintivo enunciada por Bowlby

"concebe tal comportamento como sendo um resultado da ativação, num determinado meio ambiente, de sistemas comportamentais que estão integrados, seja em cadeias ou em hierarquias, ou numa

mistura de ambas; e cada sistema comportamental e cada conjunto integrado de sistemas comportamentais é concebido como estando construído de tal modo, que via de regra, quando ativado, produz uma consequência que tem valor de sobrevivência" (Ibdem:143).

2. O CONCEITO DE "ATTACHMENT" OU "APEGO

"The basic thesis, as enunciated in 1958, is that an infant's attachment to his mother originates in a number of species - characteristic behavior systems, relatively independent of each other at first, which emerge at different times, become organized toward the mother as the chief object, and serve to bind child to mother and mother to child. Originally, he described five such behavioral systems as contributing to attachment - sucking, clinging, following, crying, and smiling. In the course of development, these become integrated and focused on the mother and thus form the basis of what he termed "attachment behavior". In his new (1969) formulation Bowlby still holds these as important, but having come to a "recognition to the very sophisticated forms that behavioral systems controlling instinctive behavior may take", he introduces a control systems model and postulates that between the ages of about 9 and 18 months the simpler systems become incorporated into "far more sophisticated goal - corrected systems, so organized and activated that a child tends to maintain in proximity to his mother" (Ainsworth, 1969:999).

"The model which Bowlby proposes - incorporating control systems theory with ethological principles - makes it possible to view man's attachment behavior in an evolutionary context and as comparable to attachment behavior in other species, without minimizing the complexity or flexibility of mature attachment behavior in the human." (Ibidem:1009)

2.1. Definição dos Termos

Ao introduzir um novo esquema teórico para a compreensão da origem e desenvolvimento das relações interpessoais, Bowlby utiliza dois conceitos para definir o laço que une a criança a sua mãe, protótipo de todas as relações posteriores: "attachment" e "attachment behavior".

2.1.1. "Attachment"

A expressão "attachment" aparece traduzida nas suas obras, como "vínculo afetivo", "apego", "ligação" e, às vezes, como "laço afetivo" e "amor". "O núcleo daquilo que eu chamo de "vínculo afetivo" é a atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo." (Bowlby, 1982:63)..

Mary Salter Ainsworth tomando como base a teoria de Bowlby, tem conduzido, na Johns Hopkins University em Maryland, a maioria das pesquisas modernas sobre vínculo. Para ela,

"Attachment" refers to an affectional tie that one person (or animal) forms to another specific individual. Attachment is thus discriminating and specific. ... Once formed, whether to the mother or to more other person an attachment tends to endure. ... Attachment is a synonym of love." (Ainsworth, 1969:971)

2.1.1. "Attachment behavior"

"Attachment behavior" é traduzido em algumas obras como "comportamento de apego", "comportamento de ligação", ou ainda, como "comportamento de vinculação". Para Bowlby,

"O comportamento de apego é concebido como qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual é usualmente considerado mais forte e (ou) mais sábio." (Idem, 1982:122)

De acordo com esta definição, o comportamento de apego implica em duas principais características: Manutenção da proximidade com um indivíduo específico e a função biológica de proteção.

2.1.3. "Figura de apego"

Um terceiro conceito é o de "figura de apego", ou "figura de ligação". É a figura para quem se dirige um comportamento de apego. No caso da relação protótipa é a mãe ou mãe-substituta.

Considera-se geralmente, que o indivíduo que manifesta o comportamento de apego é a criança e a mãe ou a figura que dispensa cuidados a outro indivíduo é a "figura de apego".

Todavia, para Bowlby, o termo comportamento de apego se aplica também a qualquer pessoa que esteja atuando para com o outro como figura de apego - seja um dos pais, um cônjuge, ou mesmo um filho.

2.2. Principais características do vínculo afetivo

2.2.1. Manutenção de Proximidade

A característica principal do vínculo afetivo é a tendência dos dois parceiros a se manterem próximos um do outro. E, quando separados, cada um realizará esforços no sentido de recuperar a proximidade.

No ser humano, a ontogênese desses comportamentos é mais complexa e mais lenta do que nas demais espécies. Inicialmente, estes comportamentos vão incluir chorar, chamar, gritar, protestos em geral vigorosos, que o bebê manifesta com a separação de sua mãe. Ainsworth, Schaffer e outros chamam a atenção para a iniciativa do bebê na recuperação da proximidade com sua mãe. Ele força a mãe a se aproximar com o choro, o que nunca passa despercebido. Quando a mãe se aproxima, ele então sorri e se orienta para ela. Desta forma ele controla o comportamento da mãe.

À medida que o bebê cresce, encontra outras formas de recuperar a proximidade com sua mãe. Por volta dos oito meses, inclui entre esses comportamentos ditos de apego, o engatinhar. Quando ele passa a locomover-se livremente, o comportamento de apego passa a incluir o acompanhar a mãe, ou locomover-se em sua direção, por isso, ele já não precisa chorar e protestar tão vigorosamente quanto antes.

Quando as figuras da díade estão próximas, há sempre intercâmbio de olhares e saudações, para se certificarem da presença um do outro. Nesta fase, a criança, numa atitude curiosa, faz pequenas excursões a partir da mãe, explorando

os objetos e pessoas, podendo às vezes, se afastar de sua mãe, num comportamento oposto ao de apego. De tempos em tempos porém, a criança lhe lança olhares ou retorna até ela, para se certificar de sua presença e, tendo se certificado, continua suas explorações. Se acontece de durante sua exploração, ela se assustar ou se machucar termina sua exploração e corre para a mãe. A mãe é a base segura a partir da qual ela faz suas explorações.

Quanto mais segura ela estiver da presença da mãe, mais ela se sente encorajada a prosseguir suas explorações e a ir mais longe, deixando de apresentar o comportamento de apego. Esta atividade é que habilita a criança ou o animal a formar um quadro coerente das características do ambiente. A mãe compete oferecer à criança segurança e estímulo para que explore o ambiente e amplie suas relações com crianças de sua idade e adultos.

Se porém, a criança antevê, por algum sinal, que a mãe está para se ausentar, ela se mostra aflita e manifesta o comportamento de apego.

Do sexto mês até o final do terceiro ano, a criança demonstra estar fortemente ligada à essa figura, pois demonstra satisfação em sua companhia e aflição quando ela se ausenta - fato que desencadeia todos os comportamentos de apego. A partir do terceiro aniversário, o comportamento de apego diminui gradativamente de intensidade - a presença da mãe

já não é tão urgente, mas todas as formas de comportamentos de apego permanecem como integrantes importantes do equipamento comportamental do Homem.

2.2.2. Função de Proteção

O comportamento de apego todavia, não é descrito apenas em termo de alcançar e manter a proximidade com um determinado indivíduo.

"A manutenção da proximidade com um adulto preferido (quase sempre a mãe) por um animal imaturo é a regra geral, o que sugere que tal comportamento possui um valor de sobrevivência... a mais provável função do comportamento de ligação é, de longe, a proteção, principalmente contra os predadores." (Idem, 1982:124)

Nesta definição a ênfase é colocada sobre a função biológica do comportamento de apego, que seria proteger o bebê ou a criança dos numerosos perigos do meio ambiente. O progenitor tem uma função complementar à do apego que é proteger o indivíduo apegado e cuidar dele. Sua função é, em primeiro lugar, estar disponível e pronto a atender quando solicitado, e segundo, em intervir no caso da figura estar prestes a meter-se em apuros.

O comportamento materno - dispensar cuidados - é observado em todos os mamíferos, inclusive no homem. Inclui: construir ninhos, alimentação, recuperação da proximidade com o filhote.

"A recuperação pode ser definida como qualquer comportamento parental que tem como um dos resultados previsíveis o retorno do filhote ao ninho, ou para junto da mãe, ou ambas as coisas" (Bowlby, 1984:256)

Nos seres humanos, o comportamento de recuperação recebe nomes tais como "cuidados maternos", "desvelo materno", "proteção parental".

"Em particular, "recuperação" chama a atenção para o fato de que boa parte do comportamento maternal se ocupa em reduzir a distância entre o bebê e a mãe, e em reter o bebê em estreito contato físico com ela." (Ibdem)

2.2.2.1. Origem Instintiva

"The keynote of Bowlby's position is that attachment behavior has biological underpinnings which can be comprehended only within an evolutionary context." (Ainsworth, 1969:999)

Nas suas formulações, Bowlby não faz referências a termos tais como "impulsos", "energia psíquica" ou "alimentação".

"À luz dessa teoria, o comportamento de ligação é considerado como uma parte normal e saudável da constituição instintiva do homem, que tem seus próprios fatores causais que a ativam...distinta do comportamento de alimentação e do comportamento sexual, tendo pelo menos, um significado igual na vida humana." (Ibdem) 1982:124)

Sua teoria se baseia nos já mencionados estudos etológicos que postulam que os vínculos se desenvolvem sem qualquer referência à alimentação, simplesmente pela exposição do

filhote à figura com a qual se familiarizou. Para ele, o comportamento de apego é desencadeado por sistemas comportamentais específicos; sua teoria baseia-se na teoria do comportamento instintivo e

"propõe que o vínculo da criança com a sua mãe é produto da atividade de um certo número de sistemas comportamentais que têm a proximidade com a mãe como resultado previsível. ... Estes sistemas são organizados e ativados de tal modo que uma criança tende a manter-se em proximidade com a mãe." (Idem, 1984:193)

Face à função biológica específica que lhe é atribuída, Bowlby propõe que este seja definido como

"um sistema regulador de segurança - "um sistema cujas atividades tendem a reduzir o risco de o indivíduo se dar mal e são sentidas como levando a um alívio da ansiedade e a um aumento da sensação de segurança". (Idem, 1984:398)

"A manutenção inalterável de um vínculo afetivo é sentida como uma fonte de segurança e a renovação de um vínculo, como uma fonte de júbilo". (Bowlby, 1982:123)

Estes sistemas são ativados por certas condições e finalizadas por outras. São ativados facilmente pela separação da figura materna, pela fome, pela doença, pela presença de um estranho etc. Os padrões de comportamentos aí observados são: chorar, agarrar, chamar, engatinhar, seguir. As condições terminais incluem a chegada da mãe a principal - mente a feliz interação com ela.

2.2.2.2. Estrutura Prototípica

Estes vínculos instintivos são construídos no ser humano, de acordo com um padrão geral presente em outras espécies.

"Pressupõe-se que a sua estrutura básica deriva de algum protótipo comum a outras espécies animais e considera-se como ponto indiscutível que essa estrutura foi aumentada e grandemente elaborada em certas direções". (Idem:42)

"This implies the formations of intraorganismic structures, presumably neurophysiological in nature which provide the person with a continuing propensity to direct his attachment behaviour toward specific objects of attachment". (Ainsworth, 1969:971)

Esta estrutura prototípica - que em formas menos elaboradas explicam o comportamento das espécies inferiores e, em formas mais elaboradas explicam o comportamento humano - em bora modificada, elaborada e aumentada, não é suplantada; sua forma primitiva determina ainda o padrão geral, de modo que o sistema resultante pode alcançar efeitos mais comple xos e mais adaptados às exigências.

"...behavior systems, conceived as having an inner organization as well as outward manifestation and as having a context not only in terms of the environment but also in terms of the intraorganismic neurophysiological state." (Ibdem:997)

2.2.3. Emoções Associadas ao Apego

Uma outra característica para a qual Bowlby chama a atenção é que os processos de formação e rompimento do vínculo

desencadeiam as mais fortes emoções humana. A formação do vínculo está associada a amar; as ameaças de perda do parceiro geral ansiedade e raiva; a perda da proximidade gera protesto, raiva, tristeza e luto; a manutenção da proximidade está associada a sentimentos de segurança, punição do parceiro que partira e ataques a intrusos e estranhos. Assim, todos os comportamentos de apego estão associados a uma reação emocional. Estas reações emocionais ao rompimento do vínculo serão abordadas na terceira parte, sob o título 3.2. Reações Típicas aos Rompimentos Afetivos.

O principal comportamento infantil que revela apego é o protesto quando a mãe se ausenta. Bowlby porém, reconhece como critérios para descrever padrões de apego, várias formas de comportamentos, que reuniu em cinco grupos:

- 1) Comportamento que inicia interação com a mãe, como saudá-la, tocar, abraçar e atirar-se a ela, correr para ela, enterrar o rosto em seu colo, chamá-la, falar com ela, erguer os braços e sorrir para ela.
- 2) Comportamento em resposta às interações iniciadas pela mãe e que mantêm a interação. Além dos citados anteriormente, cita a observação atenta da mãe.
- 3) Comportamentos que tentam impedir a separação,

como chorar, seguir a mãe, agarrá-la.

- 4) Comportamento quando a mãe retorna de uma separação ante a qual protestou. Ex: saudação ou desapego como evitação, rejeição, e as respostas ambivalentes.
- 5) O modo como o comportamento exploratório é orientado com referência à mãe e como a criança atenta para os aspectos do ambiente.
- 6) Comportamento de medo ou de retirada especialmente na forma como ele é orientado como referência à mãe.

Ainsworth abordou em seus estudos a dimensão de segurança ou ansiedade no apego de uma criança para com sua mãe. Um índice para se avaliar a segurança do apego de uma criança em relação a sua mãe é o modo como ela responde ao regresso da mãe após uma situação de separação breve. Na maior parte de suas pesquisas Ainsworth utiliza o paradigma da situação estranha para experimentação de laboratório controlada sobre o vínculo.

Nesta situação, a criança e a mãe são colocadas sozinhas numa sala. Observa-se o comportamento da criança, em seis episódios de três minutos cada:

1. A criança e mãe permanecem sozinhas na sala;
2. Entra uma pessoa estranha na sala;
3. A mãe sai e a criança fica só com a pessoa estranha;
4. A pessoa estranha sai e a criança fica só;
5. A criança torna a ficar só com a pessoa estranha;
6. A mãe volta e a pessoa estranha torna a sair;
a criança torna a ficar só com a mãe.

Em função do comportamento observado na criança, nesses seis episódios, Ainsworth classificou-as em três grupos, com relação à dimensão segurança-ansiedade no apego à figura materna:

Grupo A - A criança explora livremente o ambiente novo, no período de pré-separação; nos períodos de separação da mãe raramente choram ou mostram sinais de aflição. Quando a mãe volta, evita o contato com ela. Algumas crianças tratam então, um estranho, de modo mais amistoso do que à mãe. Esse comportamento foi interpretado como índice de um "vínculo ansioso. O bebê é conceituado como "ansiosamente apegado à mãe e esquivo".

Grupo B - A criança, no período de pré-separação, usa a mãe como uma base segura a partir da qual, ela se entretém a explorar o novo ambiente; sempre verificando a presença da mãe. Com a separação o vínculo é fortemente intensificado de forma que a exploração diminui e demonstra aflição. No período de reunião com a mãe, a recebe efusivamente, buscando contato e proximidade com ela, antes de retornar a explorar o ambiente. Este comportamento é um índice de que a criança está "seguramente apegada a sua mãe". Este comportamento foi observado na maior parte das crianças observadas por Ainsworth.

Grupo C - A criança explora pouco o ambiente, mostrando sinais próprios de separação mesmo no período em que se encontra só com a mãe, na pré-separação. No período de separação mostra-se intensamente aflita, e no período de reunião com a mãe apresentam um comportamento ambivalente em relação a ela: às vezes procura contato com ela, outras vezes, resiste à interação com ela. Esta resposta foi interpretada como índice de um ansioso, tal como o primeiro. Os bebês que o apresentaram foram conceituados como "ansiosamente apegados à mãe e resistentes". Outros autores o denominam de "ansiosamente apegados à mãe e ambivalentes".

Waters et alli (1980) examinaram esta experiência várias vezes e validaram a dimensão segurança-ansiedade.

Com relação à questão: porque umas crianças formam vínculo

ansioso para com sua mãe, outras formam um vínculo seguro, supõe-se que estas respostas estão associadas aos cuidados que a mãe lhe dispensa. A mãe consistente em atender à criança, estabelece as bases para um vínculo seguro; Outras favorecem a formação de ansiedade com relação aos cuidados.

2.2.4. Especificidade da Figura de Apego

Por oposição ao conceito de dependência, o comportamento de apego é caracterizado pela especificidade da figura para quem ele é dirigido. O comportamento de apego é dirigido para uma ou mais pessoas específicas, havendo claras preferências. Especificidade implica em reconhecimento individual e comportamento diferenciado. Para se restabelecer a proximidade é preciso se distinguir a figura entre outras e comportar-se parentalmente só com ela. Assim, aprender a distinguir a figura familiar da estranha é um processo central no desenvolvimento da ligação.

O principal comportamento que revela apego na criança, isto é, que revela que ela discrimina e reconhece determinada figura e comporta-se diferencialmente com ela, é, principalmente, o protesto que ela manifesta quando esta figura se afasta dela. Ainsworth (1967) indica cerca de doze tipos de comportamentos manifestados durante o primeiro ano de vida, que, além do protesto, revelam a presença de apego:

1. Vocalização diferencial - a partir da quinta semana, o bebê vocaliza mais facilmente em interação com a sua mãe;
2. Cessação diferencial do choro do bebê quando é tomado ao colo. Aproximadamente após a nona semana, o bebê pára de chorar se é apanhado ao colo pela mãe, e chora mais se estranhos a tomam.
3. Choro diferencial pelo afastamento da mãe. Após a décima quinta semana o bebê chora à saída da mãe.
4. Sorriso diferencial para estímulos visuais: a partir da décima semana, o bebê sori mais frequentemente para sua mãe do que para outros.
5. Orientação diferencial viso-postural. Após a décima oitava semana ao ser apanhado ao colo por outras pessoas, a criança continua tensamente orientada para a mãe, olhando em sua direção.
6. Resposta diferencial de acolhimento. Após a vigésima primeira semana, após uma ausência, o bebê responde de forma típica à sua mãe; o acolhimento à mãe compreende de início, sorriso,

vocalização, excitação corporal geral; mais tarde, também erguendo os braços; após o sétimo mês, engatinhando avança para a mãe. Entre as crianças gandas observou-se que batem palmas após a 13^a semana.

7. Abordagem diferencial - Após a 28^a semana, quando o bebê vê sua mãe num local com outras pessoas, ele se dirige para ela engatinhando.
8. Seguimento diferencial - Após a 24^a semana, quando as pessoas saem do quarto, o bebê segue a mãe e não as outras pessoas. Os mais novos seguem-na chorando; Após o 9º mês, seguem-na sem chorar, se ela não caminhar depressa.
9. Subir e explorar diferenciais. Após a 22^a semana o bebê sobe ao colo da mãe, explora seu corpo e brinca com o seu rosto, cabelos ou roupas, preferencialmente a outras pessoas.
10. Encobrimento diferencial do corpo. Após a 28^a semana, enquanto sobe ao colo da mãe ou após, o bebê esconde o rosto no colo materno ou em outra parte do seu corpo. Este comportamento é dirigido somente para a mãe e não para outra pessoa.

11. Uso da mãe como base a partir da qual realiza explorações. Após a 28^a semana.

12. Fuga para a mãe quando alarmada. Após os oito meses, a criança corre para a mãe e não para outra pessoa, quando alarmada. Yarrou observou bebê que aos três meses olhavam para a mãe quando afligidos.

Schaffer e Emerson (1967) observaram num estudo com 58 crianças escocesas que 17 delas dirigiam o comportamento do apego para mais de uma figura, assim que começam apresentar capacidade de discriminação. Quatro meses depois, cerca de 50% dos bebês tinham mais de uma figura; Aos doze meses tem várias figuras de apego - cinco ou mais. Aos dezoito meses só 13% tinham uma figura; a maioria tinha várias. Essas figuras não são tratadas do mesmo modo. Esses autores mediram a intensidade do protesto à partida de cada uma delas.

Como Bowlby ressaltou a importância da continuidade das relações mãe-filho, alguns concluíram que a multiplicidade das figuras subsidiárias de apego e a dispersão dos cuidados maternos entre os familiares poderia ter efeitos negativos. Todavia, Bowlby acredita que é importante completar os cuidados maternos com o que os familiares podem prodigalizar. Segundo Schaffer e Emerson, o apego à mãe não é menos intenso quando o comportamento é dirigido a outras pessoas,

mas pelo contrário, quanto maior o número de figuras de apego nos primeiros meses, mais intenso será o apego pela mãe como figura principal.

Bowlby denomina "figura materna", "qualquer pessoa a qual a criança orienta, de acordo com preferências, seu comportamento de apego" (1982:22); "Mãe-Substituta" é qualquer outra pessoa para a qual a criança está disposta, provisoriamente, a dirigir seu comportamento de apego" (Ibdem). "Figura de apoio" é qualquer pessoa para a qual se orienta o comportamento de apego, diversas da mãe ou da mãe-substituta.

2.3. O Vínculo Protótipo

Para Bowlby, os tipos de vínculos mais comuns são aqueles que se formam entre os pais e sua prole, e entre adultos de sexos opostos. (1982:64)

As experiências que teve com figuras de ligação, nos primeiros anos de sua vida, persistem ou repercutem na idade adulta, no modo como ele vai perceber e lidar com as pessoas emocionalmente significativas, refletindo na vida conjugal, na relação com os filhos.

"Existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos."

A vinculação se manifesta após o sexto mês, chega ao ápice por volta dos dois anos e meio. O vínculo aí experimentado é o protótipo da relação que a criança desenvolverá mais tarde com o mundo, com as outras pessoas. Desses primórdios derivam todos os sistemas altamente discriminadores e refinados que, ao longo da infância e pelo resto da vida serão os mediadores de apego com determinadas pessoas. O dado que aí se recebe é decisivo no modo como se desenvolve o comportamento de apego, no modo como se organiza.

As experiências com a figura de apego durante a infância e a adolescência também influenciam o seu curso.

A partir do terceiro aniversário, o comportamento de apego diminui gradualmente de intensidade, mas todas as formas de comportamento de apego permanecem como integrantes importantes do equipamento comportamental do homem. O vínculo permanece presente e ativo durante toda a vida: na infância é dirigido aos progenitores, na vida adulta vai ser dirigido a outro adulto (vida conjugal) e aos filhos. Mas além dessas figuras principais, o vínculo pode ser dirigido a outras pessoas, a objetos inanimados e a diversos outros relacionamentos.

"Embora o comportamento de ligação se manifeste de maneira especialmente forte durante a infância, quando é dirigido para as figuras parentais, ele continua em atividade durante a vida

adulta, quando geralmente é dirigido para alguma figura ativa e dominante, muitas vezes uma pessoa da família mas, outras vezes, um patrão ou alguma pessoa mais velha da comunidade." (Idem, 1982:82)

2.4. O Lugar do Vínculo de Natureza Espiritual na Teoria de Bowlby

Freud ocupa-se do sentimento religioso em algumas de suas obras: Los Actos Obsesivos y las Prácticas religiosas (1907), Totem y Taby (1913), El Parvenir de una Ilusion (1927), El Malestar en la Cultura (1930) e Moisés y la Religion Mono-teísta (1939). Jones, todavia, considera que a melhor contribuição de Freud à Psicologia do sentimento religioso, está no artigo "Un Recuerdo Infantil de Leonardo da Vinci" (1910): "... expôs de modo inequívoco, suas conclusões acerca da origem das crenças religiosas..." (Jones, 1953:353)

"El Psicoanálisis nos ha descubierto una íntima connexion entre el complejo del padre y la creencia en Dios y nos ha mostrado que el Dios personal no es psicológicamente, sino una superacción del padre, revelándo-nos innumerables casos de sujetos jóvenes que pierden la fe religiosa en cuanto cae por tierra para ellos la autoridad paterna. En el complejo paterno-materno reconocemos, pues, la raíz de la necesidad religiosa. El Dios omnipotente y justo y la bondad o sa naturaleza se nos muestran como magnas sublimaciones del padre y de la madre, o mejor aún, como renovaciones y reproducciones de las tempranas representaciones infantiles de ambos. La religiosidad se refiere, biológicamente, a la importancia y a la necesidad de protección del niño durante largos años. Cuando luego el adulto reconoce su abandono y su debilidad ante los grandes poderes de la vida, se siente en una situación análoga a la de su infancia y trata de consolarse por medio de la renovación regresiva de los poderes protectores infantiles. La protección que la fé religiosa ofrece a los creyentes

tes contra las neurosis queda facilmente explicada por el hecho de que los despoja del complejo paterno-materno, del que depende la consciencia de la consciencia de la culpabilidad tanto individual como generalmente humana - resolviéndolo para ellos, mientras que el incrédulo tiene que resolver por si solo tal problema."(Freud, 1973, II:1611-12)

Sem associá-lo explicitamente, à satisfação das necessidades primárias de alimentação e de sexo, com que explica, em termos de dependência, a origem dos laços afetivos, Freud todavia, não lhe reconhece uma dinâmica própria, reduzindo-o a fenômenos puramente psicológicos que explicam outros mecanismos de defesa. Seria, em última análise, uma projeção das figuras dos progenitores, e estes progenitores são figuras com quem se criou um laço afetivo, por satisfazerem suas necessidades básicas.

Há todavia, atualmente na História das Religiões, bem como na Psicologia, uma tendência a considerar o sentimento religioso, como um sentimento universal, irreduzível a qualquer outro aspecto da Psicologia humana.

Bowlby que se ocupou com a origem dos laços afetivos, não aborda em sua obra, o vínculo de natureza espiritual, mas sua definição de vínculo como a atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo específico, parece abrangê-lo, sendo que neste caso, o indivíduo por quem se sente atraído é de natureza divina e invisível.

Em L'Experience Religieuse", James chama religiosas, "impressions, sentimientos, actos del individuo en tanto se los considere como en relación con lo que le aparece como divino" e, Divino, "lo que está primero en el orden del ser y del poder." (Apud Bovet, s.d.:21)

A definição de Ainsworth de "attachment" como um "laço afetivo", "sinônimo de amor", não deixa dúvidas de que se pode aplicar o termo ao vínculo religioso.

Segundo o próprio Bowlby, essa atração não é específica para figuras familiares, mas "geralmente é dirigido para alguma figura ativa e dominante..." (1982:82) e "há uma tendência a aplicá-lo a diversos outros relacionamentos", (1984:400). Ainsworth o aplica aos próprios objetos inanimados:

"An attachment may form with the mother, the father, other individuals, and even inanimate objects or combinations of the above. Inanimate objects may come to have certain components of attachment behavior directed toward them because the natural object is unavailable. Like the principal attachment figure, the substitute object-pacifier, thumb, cuddly toy-is most likely to be sought when the child is tired, ill, or distressed." (Attachment, 1969:1008)

Por outro lado, fica subentendida sua aplicação também, no fato de que considera que o vínculo manifestado pela criança tão intensamente, entre o sexto mês e o terceiro aniversário é o protótipo de todas as relações que a criança estabelecerá ao longo da infância e pelo resto da vida com o mundo e com outras pessoas. (1982:64)

Encontramos referências a dois estudos que utilizam a teoria de Bowlby, como um modelo para estudo do comportamento religioso: O de Levin (1979) que caracterizou o cristianismo como "dettachment", considerando-o num sentido mais amplo, e não como fé em Deus. E o de Washburn (1982), que o descreve como uma resposta de apego.

Washburn, tomando como base a pesquisa de Stayton e Ainsworth (1973) que identificam uma dimensão de segurança - ansiedade no comportamento de apego das crianças, através do paradigma da situação estranha, levanta a hipótese de que o relacionamento do cristão para com Deus pode ser descrito também em termos de um vínculo seguro ou ansioso.

Em sua pesquisa, utiliza-se de um questionário comparável em conteúdo ao paradigma da situação-estranha, utilizado por aqueles autores. Os sujeitos foram instruídos a se conceituarem, numa escala de cinco pontos, com relação a onze enunciados. Alguns destes se referiam a estudos, outros à família e companheiros. Seis deles se referiam à relação com Deus.

1. Eu me sinto bem próximo a Deus;
2. Eu sinto que minhas orações são efetivas;
3. Eu sinto que minha fé é bem forte;
4. Eu sinto que eu tenho habilidade para superar
as tentações;

5. Eu sinto que minha vida espiritual está em ex
celente condições;
6. Eu sinto que meu interesse em ser religioso é
certo.

Os resultados alcançados indicam que se pode falar do relacionamento do cristão com Deus em termos de um vínculo seguro (Grupo B) ou ansioso (Grupos A e C). As pessoas respondem de modo diferente quando se sentem próximas ou separadas de Deus.

Grupo B - As pessoas apresentam altas correlações positivas entre a aproximação a Deus e as variáveis exploratórias de fé e habilidade de superar a tentação; Entre aproximação de Deus e as variáveis de aflição de oração e outras condições espirituais: Quando próximos a Deus, apresentavam um forte comportamento exploratório; quando afastados de Deus, experimentavam aflição (angústia). Os que apresentavam este comportamento foram conceituados como estando "seguramente apegados" a figura de Deus.

Grupo A - Os sujeitos do grupo A mostraram também relações positivas entre a proximidade de Deus e o comportamento exploratório. Quando separados de Deus eles mostram pequeno interesse em recuperar a proximidade de Deus e pouca aflição pela separação. Este grupo foi comparado aos "ansiosamente apegado e esquivo".

Grupo C - Estes sujeitos apresentam aflição quando separados de Deus, como o sentiu o grupo B, e a falta de interesse na reunião com Deus, apresentado pelo grupo A. Mostra ainda a pobreza de exploração indicada pelas correlações negativas entre proximidade e as variáveis exploratórias. Esses foram definidos como "ansiosamente apegados e resistentes", definido também como "ambivalentes".

Washburn dedica grande parte de sua discussão questionando a razão porque alguns cristãos foram um vínculo seguro e outros formam um vínculo ansioso. Como é pressuposto na teoria do vínculo que a criança forma uma ligação segura quando a pessoa que lhe dá cuidados é consistente em atendê-la, ele questiona porque o cristão forma um vínculo ansioso, uma vez que aquele que lhe dá cuidados é consistente? E propõe algumas respostas:

Como o protótipo de toda relação é a relação materna, supõe-se que aqueles que formam um vínculo ansioso com Deus experimentaram uma relação ansiosa com sua mãe.

Para alguns cristãos a única figura divina é Pai ou Deus, enquanto que no Catolicismo, a figura se estende ao conceito de mãe; Como a ligação na infância é em geral, com a mãe, a figura de Maria, Mãe, facilitaria a formação de um vínculo seguro. E as pessoas que tiveram como figura prin

cipal em sua infância, o pai, formariam um vínculo seguro mais facilmente pela imagem de Deus, Pai.

Outra parte de sua discussão é dedicada às implicações de um vínculo seguro-ansioso sobre o comportamento exploratório-espiritual de um cristão, compreendido por exemplo, nas discussões doutrinárias: alguns aderem defensivamente às suas próprias interpretações da Escritura; outros, usando sua própria posição como uma base segura — fazem explorações a diferentes opiniões. As discussões são uma forma de comportamento exploratório para os cristãos.

3. O CONCEITO DE "DETACHMENT" OU DESAPEGO

"A avidez que a criança tem de amor e presença de sua mãe é tão grande quanto a fome de alimento e conseqüentemente sua ausência gera inevitavelmente um poderoso sentimento de luto e a raiva." (Bowlby, 1984:XI)

Uma vez tendo ocorrido uma experiência de separação ou de perda da figura principal de apego, num período sumamente vulnerável do desenvolvimento, os processos patogênicos então desencadeados só podem regredir se o enlutado recebe uma figura de apego substituta, estável. Com a formação de um novo vínculo, a criança consegue superar a fase de desespero — que se segue à fase de protesto — na qual abandona a esperança de recuperar a proximidade perdida, e ingressar numa fase de "desapego" — "Detachment", e se "reorganizar" em função da realidade de um novo vínculo. As crianças porém, que não recebem uma figura de apego substituta apresentam um quadro de indiferença e "desapego" ou "ligação ansiosa" (superdependência) e são afetadas em sua capacidade de estabelecer e manter relações afetivas íntimas e duradouras. Muitos transtornos da personalidade adulta são atribuídos à essa falta de oportunidade da criança de manter um vínculo com uma figura principal.

3.1. Classificação dos Rompimentos Afetivos

Situações diversas na constelação familiar podem desintegrar o vínculo que une a criança à sua mãe, logo em seus primeiros anos de vida: abandono do lar, divórcio, morte, hospitalização, institucionalização etc. Essa separação pode ser permanente, longa ou breve. Pode ser única ou repetir-se amiúde. Pode ser inesperada ou prevista. Pode ser por uma decisão da figura de apego ou por uma situação imposta. Ou pode ainda ser de natureza unicamente psicológica, ocorrendo no próprio lar, apesar da proximidade da figura de apego.

Bowlby dedica grande atenção ao estudo dos processos envolvidos pelas experiências de separação ou de perda de uma figura de apego e no papel que podem desempenhar no desencadeamento de distúrbios de personalidade.

Em seu primeiro estudo, Bowlby enfatiza a importância de a criança receber carinho e afeto de sua mãe ou substituta, e adverte para as consequências da separação da criança e da institucionalização. Estudos solicitados pela Organização Mundial da Saúde, em 1950, levaram-no a concluir que a importância do papel desempenhado pela mãe ou substituta, é tal que, muitos transtornos de personalidade podem ser atribuídos à carência de cuidados maternos, ou às interrupções na relação da criança com a figura materna.

"O que se acredita ser essencial para a saúde mental é que o bebê e a criança pequena experimentem um relacionamento carinhoso, íntimo e contínuo com a mãe (ou mãe-substituta permanente), no qual ambos encontram satisfação e prazer. (Bowlby, 1984:X)

Neste mesmo relatório, Bowlby conclui que a "avidez da criança pelo amor e presença da mãe é tão grande quanto a fome de alimento".

A separação mãe-filho tem sido erroneamente considerada como "privação materna". Uma experiência de separação por si, não produz forçosamente uma privação de cuidados maternos, se a criança receber uma figura materna substituta, com a qual possa estabelecer uma relação mútua suficiente.

A expressão privação materna se refere a diferentes conjuntos de circunstâncias que têm como consequência semelhante a insuficiência de relações entre a criança e a figura de apego principal, em geral a mãe ou mãe-substituta.

As experiências de separação na primeira infância podem ser classificadas de graves quando, entre outras, apresentarem as seguintes circunstâncias:

- . inicia um período prolongado de privação dos cuidados maternos;
- . a separação em si mesmo é especialmente traumatizante;
- . Quando a perda da figura de apego é permanente, causada geralmente por morte ou abandono.

A palavra privação refere-se a três situações diferentes:

- 1) Privação Parcial - apesar de estar próxima à sua mãe ou mãe-substituta permanente, a criança sofre privação, ou quando a criança é entregue aos cuidados de outra pessoa;
- 2) Privação quase total - quando a criança é colocada em instituições, hospitais etc, onde não pode contar com uma determinada pessoa que cuide dela;
- 3) Privação Total - a criança perde a mãe ou mãe-substituta pela morte, doença, abandono etc, e não existe quem cuide dela.

Prugh e Harlow (1963), à semelhança de Bakwin (1949), Gesell e Amatruda (1954), Glaser e Eisemberg (1956), Clarke e Clarke (1959) e outros, consideram a privação parcial ou psicológica, mais patogênica do que certas situações de separações, de forma que, deixar a criança numa instituição, às vezes pode ser melhor do que deixá-la com a própria mãe. A mera presença da mãe não é pois, o fundamental.

"... não se debe olvidar que en familias íntegras se pueden dar con frecuencia casos de privación enmascarada, prácticamente completa, que da lugar en los niños a cuadros clínicos tan patológicos como los resultantes de otros tipos de privación." (Prugh e Harlow, 1963:15)

Autores de diferentes correntes são unânimes em ressaltar a gravidade da privação psicológica - segundo Jersild

"Para un niño que puede concebir la idea de posibles intenciones en los que le rodean, la negación del alimento cuando él tiene hambre puede significar la negación o el rechazo de sua persona." (Jersild, 1964:938)

Assim, diversos comportamentos maternos, tais como atrasar a alimentação, se irritar ou reclamar de ter que preparar a alimentação ou limpar a criança, são formas de rejeição que a criança percebe inconscientemente, e não tem como solucionar: aos poucos vai percebendo e formando a consciência de que sua pessoa não é amada, desejada. Lebovici concluiu sua discussão sobre privação afetiva, citando Huxley: "Dadme buenas madres e yo construiré un mundo melhor." (Lebovici, 1963:95). Winnicott enfatizando o papel desempenhado pelos pais, escreve:

"Procuro chamar a atenção para a imensa contribuição prestada no início, ao indivíduo e à sociedade, pela boa mãe comum, com o apoio do marido, uma contribuição que ela dá, simplesmente, graças à dedicação pelo seu bebê. Se tal contribuição for reconhecida e aceita, segue-se que todo indivíduo mentalmente são, todo aquele que se sente como pessoa no mundo e para quem o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz, está em infinito débito para com uma mulher." (Winnicott, 1971:10)

Os estudos de Provence e Coleman (1957) indicam que o síndrome de "retardo ambiental" - retardo mental sem lesão cerebral ou outra causa aparente - pode ser observada em crianças que vivem em seus lares, numa família íntegra onde recebem insuficiência de cuidados e atenção materna e pode regredir se se proporciona uma mãe-substituta à criança.

Num estudo de Engel, Reichsman e Segal (1960), a mãe era incapaz de ternura para com seu filho, com o que a criança desenvolveu uma depressão acompanhada de marasmo, durante o segundo semestre de vida e uma fístula gástrica. Tanto a depressão como o marasmo responderam ao proporcionar - se à criança uma figura materna substituta; Posteriormente melhorou da fístula. Lourie descreve vários casos semelhantes, em hospitais dotados para proporcionar uma relação mater-na substituta, paralelamente à psicoterapia dos pais, em especial da mãe.

Para Lebovici,

"La provision de madres de forma sistemática em-pírica, tiene un valor terapêutico considerable como codyuante dos mas variados tratamientos."
(Lebovici, 1963:93)

Os estudos de Spitz (1951) sobre os transtornos psicógenos da infância comprovam a importância do que ele chama de "deficiência" de ternura e carinho materno no desenvolvimento afetivo da criança e na etiologia de certos transtornos psicofisiológicos.

Numa posição diversa da de Bowlby, Spitz considera que a criança precisa entrar em estreito contato com sua mãe pa-
ra receber dela estímulos sensoriais - visuais, vestibula-
res, auditivos, cutâneos, que lhe proporcionam sensações de contato e de calor, e certos estímulos ritmicos. A necessidade de estímulos variáveis se situa no domínio da comu-

nicação verbal. São importantes devido à falta de maturidade fisiológica do recém-nascido. Esta ênfase atribuída aos estímulos no desenvolvimento da personalidade justificaria a substituição do conceito de privação dos cuidados maternos pelo conceito de frustração e carência afetiva.

3.2. Reações Típicas aos Rompimentos Afetivos

Os dados que deram origem ao estudo das reações ao rompimento, foram a observação direta do comportamento de crianças quando separadas de suas mães e colocadas em local estranho. Bowlby se apoia principalmente nos estudos de James Robertson e de Christoph Heinicke. Seus estudos se referem à observação de crianças que foram separadas de sua figura de apego e colocadas temporariamente em creches ou em hospitais, onde foram tratadas por estranhos. Também referem-se à observação da criança quando regressa ao lar e, ainda a depoimentos dos pais sobre esse período.

A partir desses estudos, lhes foi possível concluir que um bebê entre 15 e 30 meses que experimenta uma relação suficientemente segura para com sua mãe, apresenta uma sequência previsível de reações, quando separadas dela: protesto, desespero e desapego, apesar das diferenças individuais quanto à intensidade da aflição e duração de cada uma das fases.

Os resultados desses estudos são confirmados por vários in

investigadores independentes, como Burlingham e Anna Freud (1942, 1944), Prugh e outros (1953), Illigworth e Holt (1955) Roudinesco, Nicolas e David (1952), Aubry (1955), Schaffer e Callender (1959).

a) Protesto - A resposta inicial da criança é de protesto e de repetidos esforços no sentido de recuperar a proximidade com sua figura de apego. Chora alto, agita-se e mantém-se alerta a qualquer sinal que possa indicar a presença dela. Neste período, a criança conserva esperança, de que sua mãe regresse.

b) Desespero - Se a mãe não volta, mais tarde ou mais cedo, a criança perde a esperança de que ela regresse; o desejo de que ela volte porém, não diminui. Cessa o choro e a agitação mas na verdade está desolada.

c) Desligamento - Quando a mãe regressa o bebê mostra-se desinteressado, podendo até não reconhecê-la. Não demonstra conduta de apego em relação a ela. A duração desse desapego vai depender da duração da separação ocorrida.

Para a compreensão da natureza dos processos que entram em ação no luto no adulto, Bowlby se baseou principalmente nos estudos de Lindemann (1944), Marris (1958) e de Parkes (1969)

1971 b). Os estudos de Parkes referem-se a uma amostra de 22 viúvas entre 26 e 65 anos de idade, submetidas a cinco longas entrevistas individuais, aos 1,3,6,9 e 18 meses após o falecimento do cônjuge.

Com base nestes estudos, reconheceu-se quatro fases típicas de reações ao luto:

- a) Fase de torpor ou aturdimento;
- b) fase de saudade e busca da figura perdida;
- c) fase de desorganização e desespero;
- d) fase de maior ou menor grau de reorganização.

a) Fase de torpor

A maioria se sente aturdida e incapaz de aceitar a realidade. São comuns as expressões "simplesmente não posso aceitar", "não posso acreditar". Geralmente dura de algumas horas até uma semana e pode ser interrompida por momentos de aflição e de cólera.

b) Fase de saudade e busca da figura amada; cólera

Após algumas horas ou dias, começa-se a perceber a realidade da perda, o que produz desânimo, aflição, choro, insônia e pensamentos obsessivos da figura perdida.

A autocensura aparece com relação a alguma omissão associada à morte ou à doença. Em algumas viúvas a autocensura chegou a ser intensa, mas não foi tão tenaz a ponto de se converter em depressão.

As explosões de raiva são frequentes logo após uma perda e, em especial, nas perdas súbitas e precoces. Também ocorrem hostilidade contra os que tentam reconfortar a pessoa, mas que levam à aceitação da perda; são sentidos como se tivessem sido o agente da perda. Já o confortador que se mantém neutro entre o anseio de reunião e uma reunião pode ser mais aceito.

c) Fase de desorganização e desespero e

d) Fase de reorganização

Ao ver que nada pode ser feito para recuperar a pessoa perdida, a pessoa enlutada pode sentir-se desesperada e tornar-se deprimida ou apática. Mas aos poucos, estas fases começam a alternar-se com outra fase em que ela começa a avaliar a nova situação em que se encontra e examinar as formas como contorná-la. Implica em abrir mão da esperança de recuperar a pessoa e a situação perdidas.

"É um processo de remodelação de modelos representacionais interiores, de modo a alinhá-los com as mudanças ocorridas na situação de vida do enlutado." (Bowlby, 1985:97)

Para Bowlby essas fases da reação à separação e à perda, observadas na criança e no adulto, estão associadas a temas clássicos da teoria psicanalítica, introduzidos e desenvolvidos por Freud em estudos independentes:

Protesto - relacionado à ansiedade de separação;

Desespero - relacionado ao pesar e luto;

Desapego - relacionado aos mecanismos de defesa.

Bowlby (1960) formulou a tese de que estes três tipos de reação são fases de um único processo e só podem ser compreendidos por este prisma, enquanto que na literatura eles tem sido considerados isoladamente.

Ansiedade de separação - Exceto algumas breves menções, só em 1926, em "Inibições, Sintomas e Ansiedade" é que Freud dá destaque ao tema. "Sentir falta de alguém que se ama e se deseja é o elemento chave para a compreensão da angústia". (Freud, 1926, S.E. 20:136-7)

Pesar e luto - Em 1917, em "Luto e Melancolia", Freud apresenta a idéia de que a histeria e a melancolia são manifestações de luto patológico em consequência de uma morte mais ou menos recente.

Defesa - Em 1894, num de seus primeiros trabalhos, "As Neuropsicoses de Defesa", Freud desenvolve o significado da defesa e, em especial, da repressão.

3.2.1. Protesto e Ansiedade de Separação

O protesto é uma reação que se observa tanto no adulto como na criança. Compreende uma ambivalência de sentimentos; por um lado, um impulso para recriminar a pessoa por sua

deserção e, por outro lado, o impulso para recuperar a proximidade com ela.

"A raiva constitui uma resposta imediata à perda, comum e talvez invariável" (Bowlby, 1982:48). Muitos autores a consideram patológica mas para Bowlby é parte integrante da reação de pesar e necessária para que o luto siga um curso saudável.

"A função dessa raiva parece ser a de reforçar o ímpeto dos esforços vigorosos tanto para reaver a pessoa perdida como para dissuadi-la de uma nova deserção, que são marcas distintivas da primeira fase do luto." (Ibdem)

Os estudos vem demonstrando nas espécies não-humanas: aves, mamíferos inferiores, primatas etc, as mesmas respostas observadas nos seres humanos: ansiedade e protesto, desespero e desorganização, desligamento e reorganização, o que nos leva à conclusão de que essas respostas tem antigas raizes biológicas. Pollock (1961) cita o exemplo de um chimpanzé que após perder sua companheira fez vários esforços para recuperá-la e reanimá-la. Guinchou, arrancou o pelo de sua própria cabeça com cólera, depois houve choro e luto. Com o tempo veio a ficar mais intimamente ligado ao responsável por ele, demonstrando irritação quando ele saía.

Na vida natural, por questão de segurança individual e de reprodução, o grupo familiar deve permanecer unido por forte vínculo para se proteger mutuamente e a perda do víncu-

lo familiar constitui um perigo principalmente para o filho. A separação, mesmo breve, desencadeia uma reação imediata no sentido de recuperar a família e, em especial a figura materna e de desencorajar nova separação.

"Sugere-se que os determinantes herdados do comportamento (frequentemente qualificados de instintivos) evoluíram de tal modo que as respostas padronizadas à perda de pessoas amadas são sempre, em primeiro lugar, impulsos para reavê-las e, depois, para recriminá-las." (Bowlby, 1982: 49)

Assim, por razões biológicas, a resposta de recriminar a figura de apego não é sinal de patogenia e sim, uma resposta natural e saudável, mesmo quando se dá diante da morte, quando se sabe que é infrutífero qualquer esforço para reavê-la.

Para Bowlby, pelo contrário, a principal característica do luto patológico é a incapacidade para expressar esses impulsos para reaver e recriminar a figura perdida. Em vez de sua expressão livre, os impulsos de recuperar e reaver a figura perdida são reprimidos.

A raiva parece ser provocada pelos que são considerados responsáveis pela perda e também pelas frustrações durante a busca e do seu desejo de amor e cuidados, pela incerteza com relação à satisfação desses anseios gera ansiedade.

Heinicke comparou a conduta de dois grupos de crianças en-

tre 16 e 26 meses: um grupo internado em creches e outro que só passava o dia na creche. As crianças do primeiro grupo choravam chamando por sua mãe mais do que as do segundo grupo e, além disso, manifestavam uma hostilidade violenta, a qual era difícil discernir contra quem estava dirigida. Contudo boa parte desta raiva parecia estar dirigida contra a figura materna.

A raiva da criança separada é ilustrada pelo caso de Ruggie, um menino de dois anos e oito meses que desenvolveu um intenso apego por uma babá nas Hampstead Nurseries. Ele negou-se a vê-la depois que ela saiu de lá para se casar. Depois da visita, continuou a olhar para a porta por onde ela havia saído, e de noite manifestou sentimentos ambivalentes em relação a ela. "Minha querida Mary-Ann", "Porém, não a quero". (Freud e Burlingham, 1974)

Darwin (1895) concluiu que as expressões faciais do pesar no adulto, resultam em parte, da tendência para gritar como uma criança e, em parte, da inibição dos gritos.

São assim, características desta fase do luto, a busca incessante, a esperança intermitente, o desaponto, o choro, a raiva, a acusação. Todas elas devem ser encaradas como expressões do anseio de recuperar a proximidade com a pessoa de afeto.

Segundo teorias tradicionais, o medo é uma manifestação a

situações consideradas verdadeiramente perigosas. Assim, o medo ante outras situações, como por exemplo a separação de uma figura de apego, não são em si, uma situação de perigo, seria uma neurótica.

Apoiado em evidências observadas em animais de várias espécies (Hinde, 1970), em crianças (Jersild, 1947) e mesmo em adultos, Bowlby sustenta, porém, que a ansiedade em torno da separação de uma figura de apego é saudável e normal, ou por outra, pertence a uma classe de situações passíveis de suscitar medo: a escuridão, mudanças repentinas como ruídos fortes, movimentos bruscos, pessoas estranhas, isolamento etc. Quando ocorre duas ou mais dessas situações, o medo é mais intenso. Elas provocam medo porque implicam um risco maior. O ruído, por exemplo pode estar associado a algum acidente grave. Para um animal novo, o predador costuma atacar à noite, de preferência quando ele está só e ele é um estranho para o animal.

"Como tal comportamento promove o êxito da sobrevivência e da procriação, prossegue a teoria, verifica-se que os jovens das espécies que sobreviveram, incluindo o homem, são geneticamente propensos a se desenvolverem de modo a reagir ao ruído, estranheza, aproximação súbita e escuridão; As reações características, em tais casos, são a ação de evitação ou a fuga - de fato, eles se comportam como se os perigos realmente estivessem presentes. De um modo comparável reagem ao isolamento procurando companhia. As respostas de medo suscitadas pela ocorrência natural de tais indícios de perigo fazem parte do equipamento comportamental básico do homem." (Bowlby, 1982:126-7).

3.2.2. Desespero e "Luto"

Na interpretação dos dados relativos às reações da criança às experiências de separação e de perda, Bowlby se serve do conceito de "luto". A expressão "luto", introduzida em 1917, aparece aqui também retomada em 1926:

"El duelo es, por general, la reacción à la pérdida de un ser amado o de una abstracción equivalente: la patria, la libertad, el ideal etc."
(Freud, 1973:2091)

"El duelo surge bajo la influencia del examen de la realidad, que impone definitivamente la separación del objeto, puesto que el mismo no existe ya. Se plantea así a este afecto la tarea de llevar a cabo tal separación del objeto en todas aquellas situaciones en que el era de una elevada carga." (Ibidem 2883)

Bowlby utiliza o termo luto de preferência ao termo "aflição" ou "pesar" (grieving), usados por Burlingham e Freud (1942), Sptiz (1946) e Robertson (1953).

"Existem, de fato, boas razões para acreditar que a sequência de respostas descrita - protesto, desespero e desligamento - é uma sequência que, numa variante ou outra, é característica de todas as formas de luto. Após uma perda inesperada, parece haver sempre uma fase de protesto, durante a qual a pessoa que sofreu a perda se empenha, na realidade ou em pensamento e sentimento, em recuperar a pessoa perdida e a recrimina por sua deserção. Durante esta fase de desespero e a seguinte, os sentimentos são ambivalentes, enquanto que o estado de ânimo e ação variam entre uma expectativa imediata, expressa numa intimação raivosa para que a pessoa regressasse, até um profundo desespero, expresso em suspiros contidos - ou até mesmo inexprimido. Embora a esperança e o desespero possam continuar por muito tempo, acabará por desenvolver-se um

certo grau de desligamento emocional da pessoa perdida. Após ter passado pela desorganização da fase de desespero, o comportamento nesta fase se reorganiza com base na ausência permanente da pessoa." (Bowlby 1982:46)

A expressão "luto" é usada por Bowlby "para indicar uma variedade bastante grande de processos psicológicos provocados pela perda de uma pessoa amada, qualquer que sejam os resultados." (Bowlby, 1985:14)

Melanie Klein (1935, 1940) relacionou a origem do luto patológico e da conseqüente doença psiquiátrica no adulto à predisposição dos processos de luto para adotarem um curso patológico quando ocorrerem após uma perda sofrida na infância. Segundo ela, bebês e crianças pequenas se afligem e passam por fases de depressão, e seus modos de responder nesses períodos determinam o modo como, no resto da vida, responderão a novas perdas. Certos processos de defesa são "dirigidos contra a prostração por causa do objeto perdido". (In Bowlby, 1982:57)

Bowlby adota uma abordagem semelhante, diferindo no entanto, com relação aos acontecimentos considerados importantes, à idade em que ocorrem, à natureza e origem da ansiedade da separação.

Para Melanie Klein, as perdas são patogênicas, no primeiro ano de vida e, em sua grande maioria, relacionadas à amamentação e desmame. Considera a agressão como uma expres-

são do instinto de morte e a ansiedade o resultado de sua projeção. Já Bowlby se posiciona diferentemente, com relação a estes conceitos. Acredita que eles podem se estender além do primeiro ano; o período crítico seria de seis meses aos seis anos; o objeto mais significativo não é o seio da mãe, mas a própria mãe ou substituta, ou ainda o pai.

3.2.3. Desapego e Mecanismo de Defesa

Quando a mãe regressa, a criança pode manifestar um intenso apego à ela, uma forte ansiedade, surgida como temor à separação ou, pelo contrário, pode manifestar uma recusa da mãe como objeto de amor, que pode ser temporária ou permanente, à qual Bowlby denominou "detachment" — desapego. O 'detachment' é explicado como o resultado de repressão dos sentimentos da criança em relação à sua mãe. Para Bowlby, o desapego expressa o que tradicionalmente, a Psicanálise descreve como 'defesa', ou melhor, como o resultado de um processo defensivo.

A criança parece ter se adaptado satisfatoriamente ao seu novo ambiente. Não recebe a mãe efusivamente, nem se agarra a ela, mantendo-se afastada e indiferente.

Quando a separação não é longa, esta situação pode mudar. Poucos dias ou até horas depois de se reunir com sua mãe, a criança pode manifestar um comportamento de apego ainda mais intenso do que antes. Isto significa que o vínculo da

criança permacera latente e pronto para ser reativado com intensidade, mas apenas camuflado, removido da consciência, por um processo de defesa.

O desencadeamento de processos defensivos após uma perda na infância, ocorrem também no luto saudável; todavia seu desencadeamento ocorre depois da expressão ambivalente dos impulsos para recuperar e reprimir a mãe. Eles são gradualmente abandonados ou extintos. Na infância, sua manifestação é mais antecipada e os impulsos de raiva e amor não tem oportunidade de extinguir-se, persistem a nível inconsciente, o que desencadeia expressões atípicas. Embora imobilizados continuam voltados para a recuperação da figura perdida; ficarão bloqueados porque estão dirigidos para uma causa impossível.

Dois processos ocorrem aí: fixação na figura de apego e repressão. A criança permanece fixada à mãe que perdeu, num nível inconsciente. Seus impulsos para recuperar a proximidade com ela e de reprimá-la e as emoções ambivalentes de amor e raiva que aí estão em ação, sofreram uma repressão.

Outro processo defensivo que pode decorrer da perda é a "divisão do ego" (Freud, 1938). Uma parte da personalidade nega a perda e acredita que ela ainda voltará, ou que está em comunicação com ela. Outra parte da personalidade comporta-se socialmente, em função da perda irreversível. Es-

As duas posições podem coexistir por muito tempo.

A repressão e a divisão do ego podem levar a um processo patológico. Esses processos defensivos ocorrem muito mais facilmente na infância do que nos adultos. Talvez por isso é que as experiências de perda nos primeiros anos da infância desencadeiam mais distúrbios de personalidade e tendência para a doença psiquiátrica.

A forma como a criança vai se comportar à reunião com sua mãe vai depender da duração da separação, da frequência da visita da mãe, enfim, da fase que ela atingiu no período de separação. Se o período de separação não se alongou demais, a criança poderá voltar a manifestar apego por sua mãe, e então passará a permanecer sempre ao seu lado, demonstrando angústia quando há suspeita de nova separação.

Se a separação durou menos de seis meses e atingiu a fase de desligamento, a indiferença pode persistir por mais tempo e quando se desfaz, pode observar-se uma intensa ambivalência de sentimentos para a figura materna: um intenso apego e exigência contínua de sua presença e raiva sempre que ela se afaste.

Se houver separações repetidas ou se a separação ultrapassar os seis meses e atingir uma fase avançada de desligamento, a criança pode não recuperar sua afeição pela mãe, entrando numa indiferença permanente.

Quando a separação mãe-filho ocorre após os três anos, quando a criança já é capaz de uma estruturação mais adequada do tempo e já está um pouco mais amadurecida, poderá suportá-la melhor.

Quando a ausência é temporária, a situação se descreve como separação e gera na criança a "ansiedade de separação". Quando a ausência é permanente, ocorre uma perda e se observa na criança o pesar ou luto.

3.3. Efeitos Psicopatológicos do Rompimento do Vínculo Afetivo

Bowlby identificou a separação e a perda da figura de apego, entre aproximadamente os seis meses e os seis anos, como agente patogênico. Também considera patogênicas, situações familiares que implicam uma ameaça de separação ou de perda da figura de apego.

Os efeitos da separação da figura materna ou substituta, podem ser observados desde os primeiros meses. O desenvolvimento da criança institucionalizada é abaixo da média. Entre os sintomas observados citam-se:

- . O bebê deixa de sorrir para um rosto humano;
Deixa de reagir positivamente quando alguém
brinca com ele;
- . Inapetência. Não engorda;
- . Insônia;

- . Não demonstra iniciativa;
- . Vocaliza menos; apresenta atraso na fala.

A privação grave e prolongada na primeira infância pode afetar diversas funções, de modo que a criança pareça totalmente transtornada. Um exame mais rigoroso pode revelar que a linguagem e a abstração, e por consequência, o Q.I., foram afetados. Os estudos de William (1961) encontraram afetação da função da linguagem. Usando o teste de Weschler para crianças, o teste de Rorschach, a prova de percepção infantil e a prova de relações familiares de Bene-Anthony, verificou que a função verbal de crianças separadas era inferior em comparação com crianças que não sofreram privação.

A mais mencionada pelos autores é a afetação da capacidade de estabelecer relações fortes e profundas.

As funções afetadas pela privação vão variar dependendo do grau de privação.

Privação Parcial - produz angústia, sentimentos de vingança, depressão; necessidade exercebada de afeto, podendo resultar numa personalidade instável.

Privação Total - Pode afetar mais profundamente a capaci

dade de estabelecer relações interpessoais duradouras e íntimas. Antissocialidade, inadaptação social.

Os efeitos da separação são também influenciados pela disposição que a criança já tem à ansiedade, por sua susceptibilidade.

Com base nos estudos de diversos autores, Bowlby estabelece uma relação entre essas experiências e os seguintes quadros: "Apego ansioso" ou superdependência, depressão e psicopatia. Alguns autores mencionam ainda a "autoconfiança compulsiva" e a "solicitude compulsiva".

3.3.1. Apego ansioso ou superdependência

Burlingham e Freud (1944) citam casos de crianças nas Hampstead Nurseries, que apresentavam comportamento fortemente possessivo em relação a uma ou outra enfermeira, não deixando que elas se afastem. Robertson e Heinicke observaram que este comportamento surge sempre que as crianças encontram oportunidade para desenvolver apego com alguém nas creches ou quando voltam para casa da mãe. Entre os adjetivos usados para o comportamento de agarrar-se a figura de apego estão 'ciumento', 'possessivo', 'imaturo', 'superdependente', Bowlby porém, sugere o termo 'angústia de separação' ou ainda, 'apego com angústia' para enfatizar o temor de que a figura de apego seja inacessível ou sem receptividade.

de. Reflete a vontade de manter a proximidade com a figura e o medo de perdê-la.

3.3.2. Depressão grave

Na infância de depressivos a perda deve-se mais a morte de um dos progenitores do que à ilegitimidade, separação ou abandono. Estudaram essa relação: Brown (1961), Munro (1966) Dennehy (1966), Hille Price (1967). "As indicações são de que a perda de um dos pais por morte com frequência duas vezes maior num grupo de depressivos do que na população to-tal" (Bowlby, 1982, p.70)

3.3.3. Psicopatia

Bowlby reconhece como um desenvolvimento patológico do comportamento de apego também, o psicopata e o histérico, emocionalmente desligados, incapazes de manter um vínculo afetivo estável.

O psicopata ou sociopata é uma pessoa que "embora não sendo psicótica ou mentalmente subnormal, realiza persistentemente: (i) atos contra a sociedade, por exemplo, crimes; (ii) atos contra a família, por exemplo, negligência, crueldade, promiscuidade sexual ou perversão; (iii) atos contra si própria".

Numerosos estudos, como os de Greer et al. (1966), Koller

e Castanos (1968), apontam uma relação entre a perda de uma figura de apego, seja por morte ou abandono e tentativas de suicídio mais tarde. Para Adam (1973) "de todas as sequelas atribuídas à perda na primeira infância, as evidências relativas ao comportamento suicida estão entre as mais fortes" (In Bowlby, 1985, p. 316)

3.3.4. "Autoconfiança compulsiva e solicitude compulsiva"

Parkes (1973) reconhece como um padrão de comportamento de apego oposto ao de "ligação ansiosa", o denominado de "autoconfiança compulsiva". Ao invés da busca de amor e cuidados alheios, a pessoa insiste em aguentar por si mesma a situação. Reagem de modo diferente à aquelas situações, inibindo o comportamento de apego, o desejo de relações estreitas.

Outro padrão de desvio comum do comportamento de apego é a "solicitude compulsiva". A pessoa pode travar relações estreitas, mas sempre no papel de dispensar cuidados.

3.4. Padrões de Luto Patológico

Bowlby identificou quatro padrões de luto patológico na criança:

1. Angústia persistente: medo de outra perda;
medo de morrer também;

2. Anseio e esperança persistente de reunir-se à mãe;
3. Acusação e culpa persistentes;
4. Tendência do anelo a persistir, expressando-se cada vez menos claramente e dirigido para metas cada vez mais obscuras.

3.4.1. Angústia persistente

3.4.1.1. Medo de outra perda

Os autores são unânimes em afirmar que crianças que perderam um dos pais manifestam medo de perder também o outro, seja por abandono ou por morte. Condições que devem ser evitadas porque aumentam a angústia:

- . não esclarecer as dúvidas da criança com relação a morte de seu progenitor; desestimular as perguntas sobre isso;
- . acusar a criança de responsabilidade pela morte do genitor ou por seu estado de saúde;
- . o pai sobrevivente dizer que já não vale a pena viver; falar sempre em morrer ou em suicidar-se.
- . o genitor abandonar a criança com parentes.

O medo de que o genitor também a deixe é praticamente ine-

vitável em crianças que já sofreram perda de figura afetiva e é uma reação saudável, nada apresentando de patológico.

3.4.1.2. Medo de morrer também

É uma reação natural na criança que perdeu um de seus pais, pensar que ela também morrerá cedo. A criança se identifica com o genitor do mesmo sexo, de modo que o menino quando perde o pai, é mais provável que pense na sua morte do que se perder sua mãe. Para superar esses medos é sempre útil responder às perguntas da criança.

3.4.2. Esperança de reunião: desejo de morrer

Na criança são mais comuns as esperanças de se reunir com o genitor falecido, do que no adulto; isso se deve à dificuldade da criança de compreender a irreversibilidade da morte.

O persistente anelo que a criança sente pela volta da mãe está mesclado, frequentemente, de hostilidade intensa e generalizada.

3.4.3. Acusação e culpa persistentes

Como a criança não compreende exatamente as causas da morte e, por outro lado, se impressiona com o que ouvem, é

muito comum a criança acusar alguém, inclusive a si mesmo, como causadora da morte de seu genitor. O estudo de Arthur e Keme (1964), 40% das crianças e adolescentes atribuíam a causa da morte de um de seus genitores a si mesmo ou ao genitor sobrevivente. A criança culpará o outro genitor sempre que o tiver visto agredir o genitor falecido, ou tiver ouvido ameaças neste sentido, e tende a se culpar sempre que um dos genitores tenha usado como controle, frases como "acabará me matando", "você me deixa doente" etc. Quando os pais brigam, a criança procura proteger o que é atacado e se sente culpada.

3.4.4. Tendência do anelo a persistir, expressando-se cada vez menos claramente e dirigido para metas obscuras

- Intensificação da autoconfiança compulsiva

Em alguns casos uma perda afetiva pode intensificar uma tendência que a criança tenha de renegar seu desejo de amor e declarar sua auto-suficiência total. Essa auto-suficiência encobre um forte desejo de ser amado e cuidado.

- Hiperatividade: conduta agressiva e destrutiva

Além da tristeza, existem outras reações à perda, que em geral, não são reconhecidas neste sentido: a criança pode se tornar distraída, hiperativa, agressiva ou destrutiva.

- Sintomas identificadores

São os casos em que a pessoa enlutada passam a apresentar os mesmos sintomas que a figura de apego perdida sofreu.

- Acidentes

Alguns autores afirmam que crianças infelizes e, especialmente as enlutadas tendem a sofrer mais acidentes do que as outras.

3.5. Variáveis que Afetam o Rompimento do Vínculo Afetivo

No estudo do luto no adulto, Bowlby agrupa em cinco, as diversas condições que podem afetar o curso do luto:

- "1. Identidade e papel da pessoa perdida;
2. Idade e sexo da pessoa enlutada;
3. As causas e circunstâncias da perda;
4. Circunstâncias sociais e psicológicas que afetam a pessoa enlutada, na época da perda ou depois dela;
5. Personalidade do enlutado, com especial referência à sua capacidade de estabelecer relações amorosas e de reagir à situações estressantes." (Bowlby, 1984:182)

No adulto, a variável mais importante é considerada a persoo

nalidade do enlutado, é a mais influente no curso que o luto assume e a mais complexa para ser abordada.

Para Bowlby, as variáveis que afetam o curso do luto na infância e adolescência, são semelhantes às que influenciam no curso do luto do adulto.

3.5.1. Papel da pessoa perdida

Segundo Spitz (1946), a criança que tem uma relação íntima e satisfatória com sua mãe pode sofrer mais pela separação física ou psicológica do que a criança que não teve uma relação satisfatória. E sentirá mais dificuldade em aceitar a mãe-substituta pelo menos no início.

Quando as condições anteriores são gravemente privadoras ou anormais, a vida em instituição pode ser considerada um alívio. Clarke e Clarke (1959) observaram débeis mentais cujo coeficiente aumentou após alguns anos em instituições. Assim, a natureza da relação mãe-filho anterior influi na reação da criança à separação.

3.5.2. Idade e fase de desenvolvimento da criança no momento do trauma. As reações diferem de acordo com a idade.

- . A separação verdadeira ou simbólica ocorrida nos dois ou três primeiros meses de vida rara-

mente transtorna a criança se lhe proporciona uma mãe-substituta;

- . a separação posterior, quando a criança está em condições de iniciar uma relação de vínculo com a mãe, pode ser nociva e produzir transtornos aparentes como a "depressão analítica" descrita por Spitz e Wolf. O segundo semestre de vida é um período especialmente vulnerável, porque a criança começa a diferencia-se de sua mãe e a formar uma imagem corporal primitiva . Alguns autores afirmam que relações mãe - filho afetadas neste período podem ter como consequência: atraso físico e mental;

- . perturbação da aptidão de estabelecer relações intensas;

- . incapacidade de conseguir a diferenciação do ego.

- . Separações após o 4º ano - podem ser menos nocivas, porque a criança está mais amadurecida e sua capacidade de estabelecer relações está mais estruturada; ademais, já tem condições para explorar livremente o ambiente e travar novas relações por si mesmo.

Experiências em animais conduzidas por Seitz, Alee Harlow e Ader, mostram claramente a aparição de anomalias no funcionamento orgânico das

crias, em consequência de variações precoces no meio de separação da mãe ou outras perturbações na relação mãe-filho.

3.5.3. Circunstâncias após a perda

Na separação, a criança pode ficar ou não aos cuidados de uma pessoa. Se encontra uma pessoa com quem pode estabelecer uma relação afetiva estável os efeitos nocivos da separação podem ser evitados; quando não encontra esta pessoa e não estabelece relações de apego, a criança se torna mais centrada em si mesma e com tendências a estabelecer relações transitórias e superficiais com as pessoas.

II. O VÍNCULO DE NATUREZA ESPIRITUAL NA TRADIÇÃO
JUDAICO-CRISTÃ, À LUZ DA TEORIA DE JOHN BOWLBY



"Eis aí, o vosso Deus;
Ele apascentará como um pastor o seu rebanho;
Nos seus braços recolherá os cordeirinhos,
E os tomará no seu regaço;
Às que amamentam ele conduzirá mansamente."

(Is 40.10-11)

Entende-se aqui, por tradição religiosa judaico-cristã, não alguma das diversas denominações eclesiais, com que ela se revestiu através dos séculos, mas o seu conteúdo doutrinal original, condensado na Bíblia.

A Bíblia compreende 73 livros: 36 do Antigo Testamento - AT - (período do judaísmo) e 27 do Novo Testamento - NT - (período do cristianismo), classificados em: Históricos, di dáticos e proféticos. Estes livros foram escritos entre 1513 a.c. e 98 p.c., em hebraico e em grego. Dentre as ver sões, destacam-se duas do Antigo Testamento para o grego - uma conhecida como Alexandrina e outra como a versão dos Setenta (250 a.c.) e uma para o latim, compreendendo Ant igo e Novo Testamentos, feita por São Jerônimo, conhecida como Vulgata.

Rolos encontrados junto ao Mar Morto, entre 1947 e 1955, contendo cópias de alguns originais hebraicos, de cerca de 200 a.c., permitiram a comparação de alguns textos, co mo o de Isaías. As principais diferenças encontradas eram de grafia.

Embora escrita por diversos autores, em línguas e estilos diferentes - parábolas, poemas ou prosas - é reconhecida como "divinamente inspirada" (" Tim 3.16), e concebida co mo carta ou mensagem de Deus ao seu povo. A tradição evan gélica considera apócrifos, porque não reconhece como ins pirados, alguns livros constantes na tradição católi

lica: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, dois livros de Macabeus e alguns fragmentos do livro de Ester e do livro de Daniel.

Ao nos propormos a um exame do vínculo espiritual nesta tradição, à luz da teoria de Bowlby, delimitamos nosso campo de estudo, não exatamente a um ou outro livro, mas especificamente, ao tema "vínculo", isto é, a passagens independentes, de alguns livros básicos, que se referem a este tema. Atemo-nos ainda, neste tema, apenas ao que nos permitiu uma abordagem do vínculo espiritual, nos moldes da teoria de Bowlby, deixando de lado temas paralelos e referências secundárias ao vínculo, bem como outras interpretações possíveis ao seu conteúdo.

Passamos também por alto questões relacionadas à fé, considerando por um lado que, se nenhuma realidade corresponde ao conteúdo doutrinário desta tradição, emocional e psicologicamente isso nada modifica, uma vez que, em termos de vida subjetiva, que é onde se formam e se rompem os vínculos afetivos, a fantasia assume valor de realidade, e se, como tal funciona, como tal deve ser interpretada. Por outro lado, sendo ou não, apenas uma realidade subjetiva, se assume as proporções de um vínculo, pode ser considerada aqui, como na "filosofia do como-se" de Hans Vaihinger, uma "ficção útil". Segundo este autor, todo conhecimento humano conta de ficções, muitas das quais po-

dem ser consideradas úteis. A alusão a esta filosofia não implica numa proposta pragmática da fé.

Assim, nossa abordagem da tradição judaico-cristã se limi tou especificamente aos objetivos definidos na Introdu ção, ou seja, de examinar à luz da teoria de Bowlby, a na tureza do vínculo afetivo que une a Divindade ao Homem e o potencial humano de resposta a este vínculo, que se po- de entrever na expectativa de resposta que a Divindade tem em relação ao Homem. Nossa abordagem deste tema se de senvolve em duas partes:

1. Natureza do vínculo que une a Divindade ao Homem e resposta humana à figura de apego Divina;
2. Comportamento de apego do Homem em relação à figura Divina.

Para fins de categorização, estabelecemos aplicar a este envolvimento afetivo Criador-criatura humana, os mesmos conceitos fundamentais que revimos da formulação teórica de Bowlby:

- . Metas fixadas, planos, instrução, sistemas comporta- mentais;
- . Definição dos termos: vínculo, comportamento de ape- go, figura de apego;

- . Características do comportamento de apego:
 - Manutenção de proximidade;
 - Emoções associadas ao vínculo, recuperação de proximidade;
 - Função de proteção e cuidado:
 - . Origem instintiva;
 - . Estrutura prototípica.
 - Especificidade da figura de apego, figuras de apoio.
- . Rompimento do vínculo afetivo:
 - Reações típicas ao rompimento do vínculo:
 - . Protesto, ansiedade de separação;
 - . Desespero e luto;
 - . Desapego e mecanismos de defesa.

Para tanto, servimo-nos indiferentemente, ao longo do presente estudo, de duas traduções bíblicas católicas - a da Edições Paulinas, traduzida da Vulgata e a da Editora Ave Maria, traduzida de textos originais hebraicos e gregos - e uma protestante, editada pela Sociedade Bíblica Brasileira, que não menciona sua fonte. Apoiamo-nos ainda, no texto da própria Vulgata e de uma versão internacional "standard": The Holy Bible. New Internacional Version".

Para fins de localização dos temas e passagens bíblicas, servimo-nos da "Concordância Bíblica", editada pela Sociedade Bíblica do Brasil e do "Vocabulário de Teologia Bíblica" de León-Dufour.

Ao passarmos a este estudo, esbarramos de início, com a ques
tão da cognoscibilidade da natureza divina. Os livros da Sa
bedoria e o do Eclesiástico apresentam argumentos que pare
cem tomar um rumo agnóstico:

"Com dificuldade compreendemos o que há na terra,
E com trabalho descobrimos o que temos diante dos olhos.
Quem poderá pois, investigar o que se passa nos céus?"

"A muitos enganou a falsa opinião que formavam delas
E as suas conjunturas sobre tais coisas
Conservaram-nos no erro." (Sab 9.16 e Eclo 3.26)

Semelhantemente, os livros de Jós (11; 22; 26; 36) e o de I
saias (40) lembram que falta à razão humana, termos de compara
ção com o infinito. Todavia, o sábio, no mesmo livro em que
concluía ser impossível ao homem compreender o que se passa
nos céus, vem a dar-se conta de que, paradoxalmente, por suas o
bras, o Criador mal consegue escapar à observação humana,
"pois é a partir da grandeza e da beleza das criaturas, que,
por analogia, se conhece o seu autor." (Sab 13.5)

Se da observação natural, assim como da introspecção, deve e
mergir uma reflexão, que conduz a um mais profundo conheci-
mento da natureza divina, o silêncio da criação aparece como
o seu discurso original; a linguagem natural através da qual,
o Criador se comunica e que na Bíblia, ele verte a nível da
compreensão verbal. Nesta versão humana, ele se atribui ór
gãos e atos humanos:

"Ah! meu coração! meu coração! Eu me contorço em dores.
Oh! As paredes do meu coração!
Meu coração se agita! Não posso calar-me." (Jer 4.19)

O recurso da linguagem metafórica, aparentemente ingênuo para nele basear-se o conhecimento da natureza divina, exprime todavia, algo da essência divina, pois, embora o Criador não realize atos a nível da atividade motora, a seu modo, porém, alcança resultados infinitamente mais eficientes - perfeitos - do que aqueles alcançados pelos meios humanos. Na qualidade de analogia, este recurso pode ser descrito como o conhecimento obtido por comparação:

"O ser de um ente é portanto inferido ou, pelo menos aclarado mediante a comparação com outro... Pressupõe ela que o ser, que serve de referência à comparação é mais conhecido que o outro, e que entre ambos existe, ao mesmo tempo, coincidência e diversi-dade."
(Brugger, 1969:49)

Se analogias deduzidas do comportamento de várias espécies animais, como as empreendidas por Lorenz e outros, mostraram-se úteis, quando aplicadas ao conhecimento humano, acolhem-na igualmente, como o método que, mediante uma comparação entre o vínculo divino e os vínculos interpessoais, nos termos da teoria de Bowlby, também não deixará de proporcionar certo conhecimento da natureza do vínculo divino, circuns - crito aos fins a que este estudo se propõe. Levamos, todavia, em conta que, dentro de suas limitações, este método descortinar-nos-á, não um conhecimento exato da natureza do vínculo divino em si, o qual se resolve em mistérios, ante os quais, a reflexão humana há de se calar, mas apenas hipótese,

"porque as analogias existentes entre dois ou mais termos não são provas certas de sua identidade. Exigem uma verificação posterior, experimental ou racional"
(Jolivet, 1967:517)

BÍBLIA SAGRADA

Abreviaturas
usuais

ANTIGO TESTAMENTO

Os 5 Livros do Pentateuco

* Gen, Gn	—	Gênesis
Ex	—	Êxodo
Lev, Lv	—	Levítico
Num, Nm	—	Números
* Deut, Dt	—	Deuteronômio

Os 16 Livros Históricos

Jos	—	Livro de Josué
Juí, Jz	—	Livro dos Juizes
Rut	—	Livro de Rute
* I Sam (I Re)	—	I livro de Samuel (I dos Reis)
II Sam (II Re)	—	II livro de Samuel (II dos Reis)
I Re (III Re)	—	I livro dos Reis (III dos Reis)
II Re (IV Re)	—	II livro dos Reis (IV dos Reis)
I Cron, I Par	—	I livro das Crônicas (I dos Paralipômenos)
II Cron, II Par	—	II livro das Crônicas (II dos Paralipômenos)
Esd (I Esd)	—	Livro de Esdras (I de Esdras)
* Ne (II Esd)	—	Livro de Neemias (II de Esdras)
Tob, Tb	—	Livro de Tobias
Jdt	—	Livro de Judite
Est	—	Livro de Ester
I Mac, I M	—	I livro dos Macabeus
II Mac, II M	—	II livro dos Macabeus

Os 7 Livros Sapienciais

* Jó	—	Livro de Jó
* Sal, Sl	—	Livro dos Salmos
* Prov, Pr	—	Livro dos Provérbios
Ecl, Eccl, Qo	—	Livro do Eclesiastes (Qohélet)
* Cant, Ct	—	Cântico dos Cânticos
* Sab	—	Livro da Sabedoria
** Ecli, Eclo, Si	—	Livro do Eclesiástico (Sirac)

Os 18 Livros Proféticos

* Is	—	Isaías
* Jer, Jr	—	Jeremias
Lam	—	Lamentações
* Bar, Ba	—	Baruc
* Ez	—	Ezequiel
Dan, Dn	—	Daniel
* Os	—	Oséias
Joel, Jl	—	Joel
Am	—	Amós
Abd, Ab	—	Abdias
Jon, Jn	—	Jonas
Miq, Mi	—	Miquéias
Na	—	Naum
Hab, Ha	—	Habacuc
Sof, So	—	Sofonias
Ag	—	Ageu
Zac, Za	—	Zacarias
Mal, Ml	—	Malaquias

NOVO TESTAMENTO

* Mat, Mt	—	Evangelho segundo São Mateus
Mar, Mc	—	Evangelho segundo São Marcos
* Luc, Lc	—	Evangelho segundo São Lucas
* Jo	—	Evangelho segundo São João
* At	—	Atos dos Apóstolos
* Rom, Rm	—	Epístola aos Romanos
* I Cor, I Co	—	Primeira epístola aos Coríntios
II Cor, II Co	—	Segunda epístola aos Coríntios
* Gal, Ga	—	Epístola aos Gálatas
Ef	—	Epístola aos Efésios
* Filip, Flp	—	Epístola aos Filipenses
Col	—	Epístola aos Colossenses
I Tess, I Tes	—	Primeira epístola aos Tessalonicenses
II Tess, II Tes	—	Segunda epístola aos Tessalonicenses
* I Tim, I Tm	—	Primeira epístola a Timóteo
II Tim, II Tm	—	Segunda epístola a Timóteo
Tit, Tt	—	Epístola a Tito
* Filem, Flm	—	Epístola a Filêmon
* Heb, Hb	—	Epístola aos Hebreus
Tg, Tia	—	Epístola de São Tiago
I Pe, I P	—	Primeira epístola de São Pedro
II Pe, II P	—	Segunda epístola de São Pedro
* I Jo	—	Primeira epístola de São João
II Jo	—	Segunda epístola de São João
III Jo	—	Terceira epístola de São João
Jud	—	Epístola de São Judas
* Apoc, Ap	—	Apocalipse

* Livros dos quais utilizamos algumas passagens neste estudo.

** Livros não constantes da tradição protestante.

1. NATUREZA DO VÍNCULO QUE UNE A DIVINDADE AO HOMEM E RESPOSTA HUMANA.

A teoria de Bowlby abrange dois temas considerados centrais na vida psicológica: o tema da natureza do vínculo afetivo que une duas pessoas entre si e o tema de rompimento deste vínculo.

Curiosamente, encontramos que estes são dois temas centrais da Bíblia: o tema do vínculo que une o Criador ao Homem e o da resposta humana específica a este vínculo. A Divindade aparece como a figura de apego ocupada em manter ou recuperar a proximidade do homem com ela e o Homem se apresenta como uma figura afetiva ambivalente que tende ao rompimento deste vínculo.

Nesta temática central da Bíblia, o vínculo que une a Divindade ao Homem apresenta-se com características que podem ser reunidas em cinco abordagens:

1. Um vínculo comparável aos principais vínculos humanos;
2. Um vínculo com características mais fortes do que os vínculos humanos;
3. Um vínculo diferente dos vínculos humanos;
4. Padrões arcaicos dos vínculos afetivos;
5. Função da figura de apego Divina na Privação Afetiva.

1.1. Um Vínculo Comparável aos Principais Vínculos Humanos

Encontramos uma passagem no Livro de Oséias, em que o vínculo que une o Criador ao Homem, é explicitamente comparado aos vínculos humanos e, curiosamente, definido em termos familiares à definição de vínculo afetivo proposta por Bowlby:

"Quando Israel era menino, eu o amei,
E chamei do Egito o meu filho.
Mas quanto mais os meus profetas os chamaram,
Tanto mais eles se retiraram da sua presença;
Entretanto, eu como aio de Efraim,
Trazia-os nos meus braços;
E eles não reconheceram
Que era eu quem cuidava deles.
Atraí-os para mim
Com vínculos próprios de homens,
Com os vínculos da caridade;
Fui para eles como o que tira
O jugo de cima de seus ombros
E aproximei-me deles para os nutrir."

(Os 11.1-4)

No texto latino da Vulgata, já aparece a palavra vínculo:

"Quia puer Israel, et dilexi eum;
Et ex aegypto vocavi filium meum.
Vocaverunt eos, sic abierunt a facie eorum;
Et ego quasi nutritius Ephraim;
Portabam eos in brachiis meis,
E nescierunt quod curarem eos.
In funiculis Adam traham eos
In vinculis charitatis;
Et ero eis quasi exaltans iugum
Super maxillas eorum.
Et declinavi ad eum ut vesceretur."

Por "Vínculos próprios de homens" é de se esperar o que Bowlby considera protótipo de todos os vínculos, ou os que ele considera mais comuns: "aqueles que existem entre os pais e sua prole, e entre adultos de sexos opostos" (Bowlby, 1982:641).

Diversas passagens, como algumas típicas, iniciadas pela expressão "EU SOU", definem as atribuições da Figura de Apego Divina em relação ao Homem, deixando assim, entrever, que se pode entender por "vínculos próprios de homens", não só o parental e o conjugal, mas também o terapêutico, o psicoterapêutico etc.

1.1.1. O Vínculo Parental

"O comportamento de apego se manifesta de maneira especialmente forte, durante a infância, quando é dirigido para as figuras parentais." (Ibdem:82).

— Figura Paterna

Em passagens de diversos livros, identifica-se claras referências às características do amor paterno. A Divindade, por haver criado o Homem, considera-se seu Pai:

"Efraim não é para mim
Um filho muito honrado?
Um filho da minha ternura? (Jer 31.20)

"Ele me invocará dizendo:
Tu és meu Pai, meu Deus,
E o autor da minha salvação." (Sl 88.27)

"Eu disse:
Como te contarei entre os meus filhos...
E acrescentei:
Chamar-me-á Pai,
E não cessarão de andar após mim." (Jer 3,19)

— Figura Materna

Em outras passagens, o vínculo do Criador é comparado ao materno:

"Os meus filhos serão levados ao colo,
E acariciados sobre o regaço,
Como uma mãe acaricia o seu filhinho,
Assim eu vos consolarei,
E em Jerusalém sereis consolados."

(Is 66.13-4)

E serve-se, para ilustrá-lo, de imagens da oralidade:

"Para que mameis e vos farteis
Dos peitos das suas consolações;
Para que sugueis e vos deleiteis,
Com o esplendor da sua glória." (Is 66.10)

Todavia, não só é "como uma mãe...", mas se diz mãe:

"Vós com quem eu ando no meu seio,
A quem eu trago nas minhas entranhas,
Eu mesmo vos trarei até à velhice,
Até vos virem as cãs.
Eu vos criei e vos susterei." (Is: 46.3-4)

"Eu pois, que faço dar à luz os outros,
Não daria à luz eu também, diz o Senhor.
Eu que dou aos outros sucessão,
Ficaria acaso estéril, diz o Senhor teu Deus."

(Is 66.9)

E esta característica "materna" é, ainda, comparada à de outras espécies animais:

"Jerusalém, Jerusalém ...
Quantas vezes eu quis juntar teus filhos,
Como a galinha recolhe debaixo das asas,
Os seus pintinhos."

(Mt 23.37)

— Resposta Humana

Considerando-se como resposta potencial humana, a que aparece na Bíblia, atribuída ao Homem, temos que ele "reconhece", consegue discernir a figura paterna Divina: reconhece que a criação implica em paternidade:

"Agora, Senhor, tu és o nosso Pai,
Nós somos o barro e tu o oleiro.
Foste tu que nos formaste,
E todos nós somos obras das tuas mãos."

(Is 64.8)

O Homem reconhece também a sua cooperação na maternidade; No livro de Macabeus, a viúva fala ao seu sétimo filho:

"Não sei como foste formados no meu ventre;
Não fui eu que vos dei o espírito e a vida,
O que formei os membros do vosso corpo.

O Criador do mundo que formou o homem,
No seu nascimento,
E deu origem a todas as coisas ...

Suplico-te, meu filho,
Que olhes para o céu e para a terra
E para todas as coisas que há neles
E penses bem que Deus as criou do nada,
Assim como a todos os homens."

(2 Mac 7.22-28)

E no salmo 138, o Homem reflete como em resposta ao pelo da viúva:

"Porque compuseste as minhas vísceras,
E me formaste no seio de minha mãe...
Os meus ossos não te foram encobertos,
Quando no oculto fui formado,
E entretecido como nas profundezas da terra;
Os teus olhos viram o meu corpõ ainda informe."

"Eu te louvarei, Senhor, porque de um modo
Terrível e tão maravilhoso fui formado;
Maravilhosas são as tuas obras
E a minha alma o sabe muito bem."

— Figura protótipo

Para Bowlby, as relações com a figura materna ou substituída - o progenitor - é o protótipo de todas as relações posteriores. Na definição de Oséias, a Divindade se apresenta nitidamente como progenitor, podendo ser esta pois, tomada como a relação espiritual protótipo.

Tomando esta definição de Oséias como uma definição chave, passamos a examinar se também em passagens correlatas, estão presentes as características que definem os vínculos humanos: "atração", manutenção de proximidade, função de proteção, emoções típicas.

1.1.1.1. Definição

Assim como na definição de vínculo em Bowlby, aqui, "atrair" aparece como o cerne do vínculo do Criador: "Atraí-os para mim com vínculos próprios de homens, vínculos

de caridade". O vínculo se identifica pela "atração" que um ser exerce sobre outro. Para Bowlby, "o núcleo daquilo que eu chamo de "vínculo afetivo" é a atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo." (Bowlby, 1982:63). O Criador exerce uma atração sobre o Homem.

Por outro lado, tomando-se a mesma passagem na "New International Version",

"I led them with cords of human kindness,
With ties of love;"

temos a mesma definição que Ainsworth dá ao vínculo: "An affectional tie ... a synonym of love." (Ainsworth, 1969: 971)

1.1.1.2. Características do Comportamento de Apego Divino

Na definição de Oséias, observa-se as principais características do vínculo afetivo, descritas por Bowlby: manutenção e recuperação de proximidade, função de proteção, emoções associadas.

1.1.1.2.1. Proximidade e Proteção

A função do progenitor é proteger o indivíduo e cuidar de le. Este comportamento de dispensar cuidados, observado em todos os mamíferos, inclusive o Homem, que inclui: prover alimentação, "construir um ninho", "recuperar a proximidade", é também encontrado no Criador. Recuperar a proximidade é definido

"Como qualquer comportamento parental que tem como um dos resultados previsíveis o retorno dos filhotes ao ninho, ou para junto da mãe. Nos seres humanos, em particular, "recuperação chama a atenção para o fato de que boa parte do comportamento se ocupa em reduzir a distância entre o bebê e a mãe, e reter o bebê em estreito contato físico com ela." (Bowlby, 1984: 256-7)

Já na descrição de Oséias se pode notar que boa parte do "comportamento" de Deus está ocupado em reduzir a distância entre ele e os homens. Outras passagens enfatizam esta busca, como

"O Senhor encontrou-o numa terra deserta,
Num ermo solitário,
Cercou-o e instruiu-o
Guardou-o como as meninas de seus olhos;

Como a águia que provoca seus filhos a voar,
E esvoaça sobre eles,
Assim o Senhor estendeu suas asas
Tomou-o e o levou sobre seus ombros
Só o Senhor foi o seu guia
E não estava com ele deus algum estranho."

(Dt 32:11-12)

Os pais conduzem o filho até onde for preciso, mantendo com ele a proximidade:

"No deserto, o Senhor teu Deus
Te levou por todo o caminho, por onde andaste
Como um homem costuma levar o seu filhinho,
Até que chegasses a este lugar." (Dt 1.31)

A função biológica atribuída a esta proximidade é:

"Proteger o bebê que se mexe e a criança que es
tá crescendo de numerosos perigos, entre eles,
no meio ambiente de adaptabilidade evolutiva
do Homem, o perigo da predação é provavelmente
o maior." (Bolwby, 1984:399)

Tal como no vínculo dos progenitores para com um ser ain-
da imaturo, pode se atribuir ao vínculo do Criador para
com o Homem, um valor de sobrevivência:

"Ele te cobrirá com as suas asas,
E debaixo das suas asas estarás seguro."
(Sl 90.4)

Este vínculo foi a garantia inicial de sobrevivência de
todo o povo hebreu, que se mudou, sob a sua custódia, do
Egito para a Terra Prometida. Sua proximidade, tende a

"Reduzir o risco de o indivíduo se dar mal e é
sentido como levando a um alívio da ansiedade
e a um aumento da sensação de segurança."

(Bowlby, 1984:398)

Entre as atribuições dos progenitores está o prover alimentação. Já em Oséias, ele se "aproxima deles para os nutrir". Para Léon-Dufour, "Deus se revelou como Pai de Israel, no momento do Êxodo; mostrando-se seu protetor e nutridor e ao mesmo tempo seu amo." (Léon-Dufour, 1977: 695). A narrativa da caminhada no deserto é repleta de imagens de como ele provê a alimentação do povo. No deserto, Moisés lembra a Deus que este papel compete a Ele:

"Porventura concebi eu toda esta multidão,
Ou gerei-a para me dizeres:
Traz-a no teu colo,
Como a ama costuma trazer uma criança,
E leva-os à terra que com juramento
Prometi a seus pais?

Donde me virão carnes para dar
A tão grande multidão? ...
Assim, o Senhor vos dará carnes
para que comais."

(Nm 11,12-19)

Por fim,

"Ele o estabeleceu sobre uma terra elevada
Para que comesse os frutos dos campos,
Para que sugasse o mel da pedra,
E o azeite do rochedo duríssimo.

A manteira das vacas, o leite das ovelhas,
Com a gordura dos cordeiros, ...

Com a flor de farinha de trigo,
E para que bebesse o puro sangue da uva."

(Dt 32.13-14)

1.1.1.2.2. Comportamento Instintivo

"Parece-nos hoje indiscutível que o vínculo que liga a criança à mãe é a versão humana do comportamento comumente observado em muitas outras espécies de animais; e é nessa perspectiva que a natureza do vínculo deve ser examinada." (Bowlby, 1984:197)

Tal como na teoria de Bowlby, na Bíblia são utilizadas imagens do comportamento de outras espécies animais, para se ilustrar o comportamento de apego Divino. Para Bowlby, os vínculos humanos são construídos de acordo com um padrão geral presente em outras espécies. Diversas passagens na Bíblia, comparam o apego da Divindade ao das espécies animais; Referências às suas asas são frequentes.

"O Senhor Deus a quem viestes buscaste
E sob cujas asas te acolhestes." (Rute 2.12)

No livro de Jó, o primeiro discurso de Deus dedica longas linhas ao estudo do comportamento animal...

Neste discurso Ele também se apresenta como o Pai que provê o sustento dos animais:

És tu que caças a presa para a leoa,
E que satisfazes a fome dos leõezinhos,
Quando estão deitados em seus covis,
Ou quando se emboscam nas covas?

Quem prepara ao corvo o seu sustento,
Quando seus filhinhos gritam para Deus,
Quando andam de um lado para outro sem comida?
(Jó 38.39-41)

1.1.1.3. Emoções Associadas ao Apego Divino

Para Bowlby, Ainsworth, Schaffer e outros, no vínculo que liga a criança à mãe, a criança é ativa, no sentido de ser ela em geral a tomar a iniciativa em procurar manter ou recuperar a proximidade com a mãe, embora a mãe também o procure. A iniciativa de manter e recuperar a proximidade é mais acentuada da parte do organismo mais frágil. Aqui, porém, se nota que a iniciativa da busca é acentuada da parte do Criador - o parceiro mais sábio e mais forte, o progenitor - e fraca da parte do Homem. Na passagem de Oséias Deus afirma: "quanto mais os meus profetas os chamarem, tanto mais eles se retiraram da sua presença."

Após descrever a fartura que providenciou para nutrir o Homem, em Dt 32.13-4, Deus descreve o comportamento dele:

"Mas o amado engordou e recalcitrou;
Tendo-se tornado gordo, cheio e satisfeito,
Abandonou a Deus, seu Criador,
E afastou-se de Deus, sua salvação."

(Dt 32.15-16)

"Mas do modo que uma mulher
Despreza o seu marido,
Assim me desprezou a Mim
A Casa de Israel, diz o Senhor."

(Jer 3.20)

A reação do Criador ao abandono do Homem, é tão intensa quanto a do bebê quando é separado de sua mãe. Queixas com manifestações de ira e protesto são frequentes na Bíblia:

"O Senhor viu (isto) e acendeu-se em ira,
 Porque o provocaram seus filhos e filhas.
 E disse: Eu esconderei deles a minha face,
 E verei qual será o seu fim,
 Porque é uma geração perversa, e filhos infiéis."
 (Dt 32.18)

"Esconder deles a sua face" é comparável ao comportamento do menino Reggie, quando não quis ver Mary-Ann.

"Pasmai, céus, ante isto e vós,
 Ó portas celestes, ficai inconsoláveis,
 Diz o Senhor ..."
 (Jer 2.12)

"Ouvi, céus, e tu, ó terra, escuta,
 Porque o Senhor é quem falou:
 Criei filhos e engrandeci-os,
 Porém eles desprezaram-me;
 O boi conhece o seu possuidor
 E o jumento o presépio do seu dono,
 Mas Israel não me conheceu." (Is 1.2-3)

"Até a cegonha no céu
 Conhece os seus tempos determinados;
 E a rola, e o grou, e a andorinha
 Observam o tempo da sua arribação;
 Mas o meu povo
 Não conhece os juízos do Senhor."

(Jer 8.7)

O boi e o jumento apresentam a seus olhos, um comportamento de apego aos seus donos, mais forte do que o do Homem ao seu Criador. Na sua indignação, Ele chama céus e terra por testemunhas. O Homem não parece fazer muito caso de Deus. Sustenta com ele uma relação mais interessêira do que de afeto: quando satisfeito "o esquece" facilmente, o abandona.

O protesto é uma reação que se observa tanto no adulto como na criança. A presença da raiva nas espécies não-humanas, levou Bowlby a concluir que esta resposta tem antigas raízes biológicas. "A raiva constitui uma resposta à perda, comum e talvez invariável" (Bowlby, 1982:48)

Pelo exame do texto bíblico, observa-se que ela é uma emoção também divina e também coerente ou decorrente da tendência divina a manter a proximidade com o Homem. Também no Criador,

"A função dessa raiva parece ser a de reforçar o ímpeto dos esforços vigorosos tanto para reaver a pessoa perdida como para dissuadi-la de uma nova deserção, que são marcas distintivas da primeira fase do luto."

(Bowlby, 1982:48)

Ser Deus não impede que o ser seja contrariado. Desde que se esteja lidando com seres livres para se afastarem ou se aproximarem dele, Ele está sujeito a perder esses seres e manifestar raiva: um sintoma de amor.

A raiva ante o rompimento do vínculo, considerada uma resposta normal e saudável no Homem, com antigas raízes biológicas, emerge assim como algo ainda mais remoto. No texto bíblico, o Homem foi feito à imagem e semelhança de seu Criador (Gen 1.27), de forma que a ira, manifestação do amor de Deus, foi prevista no repertório comportamental

do Homem, em função de um modelo Divino pré-existente.

Das três clássicas reações humanas à perda afetiva - Protesto, desespero e desligamento - Deus frequentemente, se apresenta com características da primeira.

Observa-se nele a mesma ambivalência de sentimentos que caracteriza as reações humanas à perda, nesta fase: raiva e tentativa de aproximação.

"Como te tratarei eu, ó Efraim?
Tomar-te-ei debaixo da minha proteção, ó Israel?
Como hei de te abandonar ...?
O meu coração está comovido dentro de mim,
Sinto-me como que arrependido."

(Os 11.8)

Observa-se nele, os mesmos renovados esforços humanos em recuperar a proximidade que caracteriza esta primeira fase de reações:

"Até quando te debilitarão
As tuas delícias, filha vagabunda?"

"Buscai o Senhor,
Enquanto ele se deixa encontrar;
Invocai-o, enquanto ele está perto...
Volte-se para o Senhor..." (Is 55.6)

E há menção de uma segunda fase, comparável à que Bowlby denomina de desespero, em que se perdeu a esperança de recuperar a proximidade.

"Emenda-te Jerusalém, para que não suceda
Que a minha alma se aparte de ti."

(Jer 6.8)

E há indícios de uma mágoa ou ressentimento, assim como
na reação humana à perda

"E eu, depois que ela fez todas estas coisas,
Disse-lhe: Volta para mim,
E ela não voltou!"

(Jer 3.7)

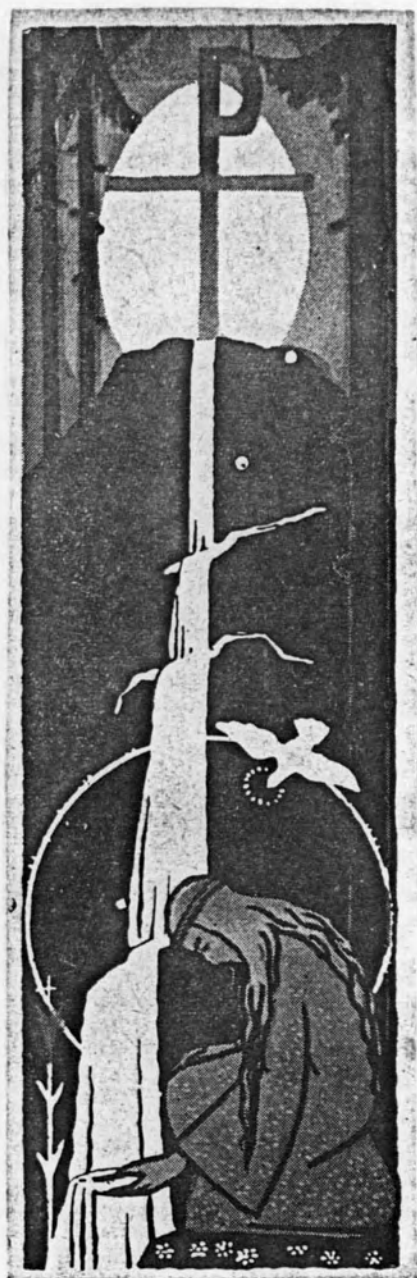
"Eu vos chamei e não me respondestes."

(Jer 7.13)

Esses sentimentos de saudade, raiva, protesto e aproximação, significam que a relação original continua ocupando um lugar central na sua vida emocional. Tudo indica que quando ele se cala e pára de protestar e procurar, deixou a primeira fase do luto - fase de protesto - e passou à segunda fase - de desespero - porque perdeu a esperança de reaver a proximidade com sua principal figura de apego. Ao perdê-la, após uma estapa de "luto" irá "re-organizar" sua realidade com base nesta perda, sem desenvolver mecanismos de defesa de "desligamento", repressão e indiferença afetiva? Como re-organiza a figura de apego divina sua realidade, a partir de uma perda afetiva? Sabe-se é que ela, assim como o homem, sente aflição quando abandonado:

"Como uma mulher abandonada e aflita
Eu te chamo."

(Is 54.4)



"O meu povo fez dois absurdos:
Abandonou a Mim que sou
O Manancial de Águas Vivas
E preferiu para si cisternas
De águas encalhadas."(Jer 2.13)

1.1.2. Vínculo Conjugal

As bases do vínculo conjugal foram estabelecidas na criação, com vistas a evitar uma solidão egocêntrica do Homem:

"Disse mais o Senhor Deus:
- Não é bom que o Homem esteja só,
Façamo-lhe uma companheira semelhante a ele."

(Gen 2.18)

e se reproduzir uma condição anterior divina: a natureza da Divindade parece que implicava também em aspectos de masculinidade e de feminilidade:

"E criou Deus o Homem à sua imagem;
À imagem de Deus o criou;
Macho e fêmea os criou."

(Gen 1.27)

Assim, uma unidade humana inicial deu lugar à uma díade:

"Mandou, pois, o Senhor Deus um profundo sono a Adão;
E, enquanto ele estava dormindo,
Tirou uma das suas costelas,
E pôs carne no lugar dela.

E da costela, que tinha tirado de Adão,
Formou o Senhor Deus uma mulher;
E a levou a Adão.

E Adão disse:
Eis aqui agora o osso de meus ossos
E a carne da minha carne."

(Gen 2.21-23)

E essa díade tende a uma re-união:



"Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe
E se unirá à sua mulher
E serão os dois uma só carne." (Gen 2.24)

Da mesma forma como Deus criou a mulher porque "não é bom que o Homem esteja só", assim também, antes, não deve ter considerado bom, que Ele próprio, em sua infinita perfeição e sabedoria, permanecesse centrado em si mesmo. Criou então objetos de amor com quem viver uma relação afetiva. Toda a criação Ele fez com o poder de sua palavra; o Homem, compreendido como a díade homem e mulher - foi o único ser que Ele fez com as suas próprias mãos; plasmou - o pessoalmente, projetando-se nele, com vistas a uma identificação profunda. Assim apareceu o Homem: como um pedaço seu, saiu de suas mãos, como decisão sua saiu de seu coração e tende a uma re-união com Ele. A unidade Divina inicial que como que deu origem ao Homem, tende a uma re-união.

"Eu o atrairei docemente a mim,
Conduzi-la-ei à soledade e
Lhe falarei ao coração ...
Então me desposarei contigo para sempre,
Desposar-me ei contigo
Com inviolável fidelidade." (Os 2.14,20)

A união conjugal é um dos mais frequentes símbolos para união do Criador com o ser humano:

"Eu sou o vosso esposo." (Jer 3.14)
"Assim como a esposa é a alegria do esposo,
Assim tu serás a alegria do teu Deus."
(Is 62.5)

Neste desposário espiritual, o Homem é chamado a uma iden
tificação profunda com o Criador:

Sede santos, porque Eu sou santo."

(Lev 19.2)

Para León-Dufour,

"Enfim, ao termo da história, será concluído o vestido nupcial da Esposa, vestido de linho de uma brancura resplandescente, tecido das obras dos fiéis. Nesta hora ... ela saciará a sede de todos aqueles que desejam esta união com o seu amor e a sua vida, união fecunda que tem na dos esposos um dos seus melhores símbolos"(Ap 22.17).

(León-Dufour, 1977:306-307)

O Homem prevê aí uma alegria maior

"Com grande alegria eu me rejubilarei no Senhor,
E meu coração exultará de alegria em meu Deus,
Porque me fez revestir as vestimentas da salvação,
Envolveu-me com o manto de justiça,
Como um noivo cinge o turbante,
Como uma jovem esposa se enfeita com as suas jóias."

(Is 61.10)

1.1.3. O Vínculo Terapêutico e Psicoterapêutico

Nóútras passagens, o Criador se apresenta como uma Divinidade que ainda atua na vida do Homem, recriando-o, fisicamente,

"Eu sou o Senhor que te sara." (Ex 15.26)
 "Ele dá saúde, vida e benção." (Eclo 34.20)
 "Ele é o que dá forças ao fatigado,
 E que multiplica a fortaleza e o vigor
 Daqueles que estão fracos." (Is 40.28)

ou psicologicamente,

"Eu sou o Senhor que te consola." (Is 54.4)
 "Ele sara os atribulados de coração,
 E liga-lhe as suas feridas." (Sl 146.3)

 Ele é um sustentáculo contra a queda
 Um auxílio quando se caiu;
 Ele levanta a alma
 E alumia os olhos." (Eclo 34.19-20)

Com Ele também o Homem pode passar por um processo de remodelação do modelo representacional interior e "nascer de novo". (Jo 3.3):

"Eu vim para que todos tenham vida
 E a tenham em abundância." (Jo 10.10)

O Homem pode ser recriado de dentro para fora porque Ele tem meios para libertar o Homem de velhos padrões de medo

e insegurança que o oprimem interiormente:

"Busquei o Senhor e Ele me respondeu:
Livrou-me de todos os meus temores." (Sl 34.4)

"Ele liberta aqueles que estão presos em grilhões".
"Endireita os encurvados" (Sl 67.6)
E dá liberdade aos cativos." (Sl 145.7)

"Digam-no aqueles que
Foram resgatados pelo Senhor ...
Estiveram sentados no meio das trevas e da escuridão
Prisioneiros da miséria e dos ferros ...

E clamaram ao Senhor no meio das suas angústias,
E Ele os livrou das suas tribulações
E tirou-os das trevas e da escuridão,
E quebrou as suas cadeias ...

Arrombou as portas de bronze
E quebrou os ferrolhos de ferro." (Sl 106.2,10,13-4)

O Seu amor pode restaurar aquele ser - ou aquilo nele - que, por falta de amor de uma figura de auge, que oferecesse segurança e cuidados necessários, não pode desenvolver-se satisfatoriamente ou seguiu um curso atípico. Ele restaura o ser, desde as suas raízes mais profundas, dos mistérios dos condicionamentos humanos:

"Assim diz o Senhor ao meu ungido, a Ciro,
A quem tomo pela sua mão direita ...
Para abrir diante dele as portas,
E as portas não se fecharão.

Eu irei adiante de ti e
Endireitarei os caminhos tortos,
Arrombarei as portas de bronze,
E despedaçarei os ferrolhos de ferro.

E te darei tesouros escondidos,
E riquezas encobertas,
Para que saibas que
Eu Sou o Senhor, o Deus de Israel,
Que te chama pelo teu nome."

(Is 45.3-4)



Estes tesouros escondidos e essas riquezas encobertas podem ser entendidas como uma vida mais plena, em que o Homem realiza um potencial de segurança e de paz - saúde mental - capaz de dar liberdade e livre expressão a níveis mais profundos de consciência, até então reprimidos: as riquezas aferrolhadas.

No texto bíblico, há indícios de que esta recriação deriva da mesma dupla raiz remota que deu origem à própria criação: Sua Palavra e o seu amor eterno têm poder para dar a vida a seres e para restaurá-la.

"Enviou a sua Palavra e os sarou;
E os livrou da sua destruição."

(Sl 107.19)

"A fim de que soubessem os teus filhos,
A quem amastes, Senhor,
Que não são os frutos naturais
Que sustentam os homens,
Mas que é a tua palavra
Que conserva aqueles que crêem em ti."

(Sab 16.26)

"Porque nem foi a erva que os sarou,
Nem lenitivo algum,
Mas sim a tua palavra, Senhor,
Que sara todas as coisas."

(Sab 16.12)

"Pois que, com amor eterno eu te amo
Também com amor te atraí,
Hei de reconstruir-te e serás edificada!"

(Jer 31.3)

As atribuições da Divindade aparecem reproduzidas na vida humana. Assim como a sua atribuição de criação da vida é comparável a dos progenitores, a sua capacidade de recriação da vida é reproduzida nos terapeutas. O psicoterapeuta é o profissional que se empenha em recriar o ser, através da palavra. A palavra que diferencia o Homem do animal, o assemelha a Divindade, de modo que, assim como pelo poder de sua palavra, a Divindade construiu o universo

"E Deus disse:
Faça-se a luz
E a luz foi feita."

(Gen 1.3)

assim também, pelo poder de sua palavra, o Homem pode construir no outro a esperança, edificá-lo, confortá-lo ou destruí-lo, fazê-lo por si mesmo perder o respeito e a estima. A força recriadora do amor, tão proclamado por Soro-kin em "The ways and power of love", pode ser transmitida pela sua Palavra ou pode ser negada.

O vínculo de recriação que liga a Divindade ao Homem mais do que comparável, aparece como modelador do vínculo, que liga o terapeuta ao paciente.

"Honra o médico, porque é necessário;
Porque o Altíssimo é quem o criou.
Porque toda a medicina vem de Deus.
O Altíssimo deu aos homens a ciência
Para ser por eles honrado em suas maravilhas."

(Eclo. 1-6)

2.1. Um Vínculo Comparável, Porém Mais Forte do Que os Humanos

Face algumas propriedades específicas da Divindade, que o ser humano não tem, tais como, onisciência, onipresença e eternidade, as mesmas características que definem os vínculos humanos, nela apresentam-se de forma muito mais intensa:

1.2.1. Atração Exercida pela Divindade

1.2.2. Manutenção de Proximidade

1.2.2.1. Interioridade

1.2.2.2. Convivência Remota

1.2.2.3. Perspectiva de União Transtemporal

1.2.3. Cuidado e Proteção

1.2.4. Emoções Associadas ao Apego

1.2.5. Universalidade das Figuras de Apego da Divindade

1.2.6. Complexidade das Atribuições Divinas

1.2.7. Universo de Figuras de Apoio do Homem.

1.2.1. Atração exercida pela Divindade

Além da passagem de Oséias, inicial, há outras referências à "atração" que a Divindade exerce sobre a natureza humana independente da proteção que possa oferecer.

"Atraiu-me":

Eu seu encalce segui

Ao aroma de seus perfumes." (Cant 1.3)

"Ele é o meu Deus e eu O Admiro." (Ex 15.1)

"Para mim estar perto de Deus,

É a felicidade perfeita." (Sl 72.28)

"Jubiloso cantarei à sombra de suas asas." (Sl 63.7)

"E a minha alma será como um jardim regado,

E nunca mais andaré triste." (Jer 31.12)

"Observai que a natureza humana exige de forma absoluta, a adoração ... A necessidade de adorar é uma propriedade essencial à natureza humana, propriedade elevada, reconhecimento do infinito, aspiração de expandir-se no infinito do universo, consciência de ser dele derivada".

(Dostoiévski, apud Cintra, 1984:100)

1.2.2. Manutenção de Proximidade

A proximidade que a Divindade mantém em relação ao Homem é muito maior do que a proximidade que os homens podem manter entre si porque:

- . Sua presença é interior e não existe separação entre ela e o homem;
- . Sua convivência com o Homem remonta à criação do universo e à pré-história da criação;
- . Há uma perspectiva transtemporal de união com ela.

1.2.2.1. Interioridade

Para Brugger, "parece ser traço comum de toda mística o fato de Deus ser conhecido experimentalmente no interior da alma." (Brugger, 1969:174)

A Divindade revela-se um ser onisciente e onipotente que está em todo tempo e lugar, e tem a propriedade de penetrar os segredos do coração humano.

"Eu sou o Senhor que esquadrinho os corações
E que sondo os sentimentos." (Jer 17.9-10)

"Os olhos do Senhor são muito mais luminosos do que o Sol,
Examinam por todos os lados o procedimento dos homens,
As profundezas do abismo e investigam o coração humano,
Até seus mais íntimos esconderijos." (Eclo 23.28)

"E penetra os seus pensamentos mais sutis,
Não lhe escapa nenhum pensamento,
E não se esconde dele palavra alguma." (Eclo 42.18-20)

"É, com efeito, um ouvido cioso, que tudo ouve,
E nem a menor murmuração lhe passa desapercibida." (Sab 1.10)

"Porque o Senhor não vê como vê o Homem.
Pois o Homem vê somente o que está diante dos olhos,
Porém, o Senhor, olha para o coração." (I Sem 16.7)

"Porque o Senhor Deus, assim como conhecia
Todas as coisas antes de as ter criado,
Assim também agora, depois que as criou,
As contempla todas." (Eclo 23.29)

"Ele é o que formou o coração de todos os homens."
(Sl 33.11)

Na resposta humana a esta característica divina, observa-se que ela não é sentida como um conhecimento curioso e persecutório, mas como uma relação afetiva, em que o Homem pode compartilhar com alguém seus sentimentos mais inex-

primíveis. O homem sente que está próximo a um alguém mais sábio do que ele:

"Senhor, tu me sondaste, e me conheces.
Tu conheces o meu assentar e o meu levantar:
De longe entendes o meu pensamento.

Antes mesmo que uma palavra venha a meus lábios,
Eis, Senhor, que já a conhecias.
Perfeitamente conheces a minha alma.

Tal ciência para mim é maravilhosíssima
Mais alta do que eu posso atingir."(Sl 138:1-6,14)

O Homem é fascinado por esta capacidade de penetrar o outro, que ele não tem.

Este também não é um conhecimento unilateral, mas uma troca. Deus também lhe abre o coração.

"Eu o atrairei docemente a mim,
Conduzi-lo-ei à soledade,
E lhe falarei ao coração."

(Os 2.14)

Esta atribuição divina de esquadrihar e sondar o coração e os sentimentos do Homem - seu consciente e seu inconsciente - é análoga à que, com menor sucesso, se empreende na relação terapêutica - a confiança despertada pelo Criador é muito maior do que a despertada por outro ser humano, o que predispõe melhor à transferência. Se bem que, estando o Homem cômico de seus próprios deslizes, pode ter o contato direto com o Criador e viver numa fuga a

Ele, há todavia fortes motivos para uma grande confiança nele: por um lado, a Divindade o ama incondicionalmente, não faz acepção de pessoas, e está sempre empenhado em recuperar a proximidade com ele; por outro lado, a Divindade tem meios para solucionar essas imperfeições do Homem:

"Derramarei sobre vós a minha água pura,
E sereis purificados de todas as vossas
Imundícies e de todas vossas abominações.
E farei o vosso estado melhor
do que na vossa origem." (Ez 36.25,11)

Para Bowlby, o terapeuta é a "base segura, a partir da qual se desenvolve o difícil e largo processo psicanalítico." (Bowlby 1983:13). Assim, com base nesta segurança maior, que o humano não pode lhe proporcionar - de uma perspectiva de solução, o Homem consegue encarar a si próprio e assumir a sua realidade: aceitar-se. Deixando de fugir de seu Criador, deixa de fugir de si mesmo:

"Eu reconheço a minha maldade,
E diante dos olhos tenho as minhas faltas.
Diante de vós eu cometi o que é mau.
Eu sei que tens razão em falar." (Sl 50,5-71)

"Ainda porém que as nossas iniquidades
Dão testemunho contra nós,
Tu, Senhor, usas conosco de clemência." (Jer 14.7)

"Tende piedade de mim, ó Deus,
Por vossa misericórdia,
Por vossa bondade imensa, apagai o meu pecado.
Lavai-me da minha culpa,
E purificai-me das minhas faltas.
Cria em mim, ó Deus, um coração novo.
Renova em mim, o seu Espírito Santo." (Sl 1-4,12)

A confissão termina com a perspectiva de uma mudança inte
rior. Vê-se amado mais pelo que pode vir a ser, do que e
xatamente, pelo que é. Desta forma, a Divindade revela -
se a base mais segura para o auto-conhecimento; A consciênça
da sua misericórdia - amor incondicional - e de sua ha
bilidade para operar mudanças interiores, favorecem a auto-
aceitação e a auto-expressão necessárias para atingilas,
de outra forma insondáveis, profundezas de seu universo in
terior e, é justamente lá, que ele encontra a Divindade à
sua espera:

"Quanto mais alto se eleva a alma para Deus,
tanto mais desce em si mesmo: a união rea
liza-se no íntimo da alma, no mais profundo
da alma."

(Stein, 1984:90)

Na relação transferencial, a aceitação de si próprio é pro
porcional à compreensão, aceitação e perspectiva de mudança -
enfim, à esperança - que o outro lhe inspira, subjeti
vamente, ou não.

1.2.2.2. Convivência Mais Remota

1.2.2.2.1. Criação

O vínculo que une a Divindade ao homem remonta à sua cria
ção. Por este laço que os une, desenvolveu-se no homem,
um afeto particular em relação ao Criador

"As tuas mãos me fizeram
E eu me afeiçoei a ti."

(Sl 119.73)

Neste contato direto e remoto com a Divindade foram defi-
nidas as expectativas divinas com relação ao homem, ou, na
abordagem teleonômica, adotada por Bowlby, lhe foram fixad
as metas em função das quais deveria corrigir o seu
comportamento. Por um lado, foi feito para explorar o u
niverso, no qual se acha inserido:

"E Deus os abençoou e disse:
Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra,
E sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar
E sobre as aves do céu, e sobre todos
Animais que se movem sobre a terra." (Gen 1.26-8)

Por outro lado, foi criado para viver uma relação afeti-
va com o seu Criador:



"Deu-lhes discernimento, e língua e olhos,
E ouvidos, e espírito para pensar,
E encheu-os das luzes da inteligência.

Criou neles a ciência do espírito,
Pôs o Seu olhar sobre os seus corações
Para lhes fazer ver as maravilhas das Suas obras;

A fim de que louvassem a santidade do Seu Nome,
E glorificassem as Suas maravilhas,
E publicassem a magnificência das Suas obras.

(Eclo 17.5-8)

"Uma voz me diz:
 Ouvi-me vós, que sois uma prosápia divina,
 E como rosal plantado à beira das águas:
 Frutificai ... e lançai graciosos ramos,
 E entoais cantos de louvor
 E bendizei o Senhor nas Suas obras.
 Proclamai a magnificência do Seu Nome,
 E glorificai-O com a voz dos vossos lábios,
 E com os cânticos da vossa boca,
 E ao som das cítaras,
 E direis assim em Seu louvor:
 Todas as obras do Senhor são muito boas."
 (Eclo 39.17-21,39)

Em qualquer direção que o homem corrigir o seu comportamento: para fora de si mesmo, em busca das criaturas, ou em direção ao seu próprio interior, ele deverá encontrar o Seu Criador e entreter-se com Ele. Do comportamento exploratório em qualquer direção, deverá emergir uma reflexão que conduza ao reconhecimento e discriminação da figura divina de a pego e a uma relação afetiva com ela. Esta aparece no texto bíblico, como a finalidade última da criação do homem e de todo o universo. O Criador é a mega-meta para a qual to do o existente se dirige. "Tudo foi criado por Ele e para Ele" (I Col 1.17).

O comportamento exploratório aparece, no texto bíblico, as sim como na teoria de Bowlby, intimamente associado à sobre vivência e preservação da espécie humana: o homem deve pre servar-se para dominar a terra e, por outro lado, deve domi nar sobre a terra para preservar-se.

Com vistas à "meta-fixada" de sobrevivência e preservação

da espécie humana, o Criador apresentou a homem, no início, o seu plano de subsistência humana - seu mapa, segundo Bowlby. Todo o contexto universal fora disposto em função desta meta; está orientado para ela. O homem orienta-se num ambiente todo organizado e adaptado em termos da sobrevivência humana.

"E disse Deus:

Eis que vos tenho dado toda a erva que dá semente,
Que está sobre a fece de toda a terra,
E toda a árvore, em que há fruto que dá semente,
Ser-vos-á para mantimento.
E a todo o animal da terra,
E a toda a ave dos céus, e a todo o réptil..."

(Gen 1.29-30)

Da parte do Criador há uma intencionalidade bem definida, subjacente no discurso da Criação: O homem deve subsistir, se firmar, se multiplica, se expandir; enfim, preservar-se e, para tanto, dominar todo o universo.

"Porque Deus não fez a morte,
Nem se alegra com a perdição dos vivos,
Porquanto Ele criou todas as coisas
Para que subsistissem.

E fez saudáveis todas as criaturas
Do mundo na sua origem,
E não havia nelas nenhum veneno mortífero,
Nem a morte tinha domínio sobre elas,

Porque a justiça é estável e imortal.
O homem porém, atraiu a morte
Com a sua conduta." (Sab 1.13-16)

"Porque amas tudo o que existe
E não aborreces nada do que fizeste;
Porque se aborrecesses alguma coisa
Não a teria estabelecido nem criado."

(Sab 11.25)

Preservar-se todavia, não como um fim em si mesmo, mas como objeto de amor; foi feito para conhecer o seu Criador, e com ele estabelecer uma relação afetiva.

"Mas, para nós, há um só Deus, o Pai,
Do qual procedem todas as coisas
E para o qual existimos,
E um só Senhor, Jesus Cristo,
Por quem todas as coisas existem e nós também."

(I Cor 8.6)

"Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo
E Cristo é de Deus." (I Cor 3.22)

Conclui-se assim, por uma hierarquia de metas, na existência humana: A consecução da mega-meta vai depender da execução de planos parciais. Diversas metas-fixadas, para as quais dirige-se o comportamento, como o comportamento exploratório, de nutrição, de procriação, de apego etc., aparecem igualmente ordenadas para a meta da sobrevivência e preservação do ser. Esta, por sua vez, aparece ordenada à mega-meta de se vivenciar uma relação com o ser com quem compõe uma unidade.

1.2.2.2.2. Pré-História da Criação

No texto bíblico, há todavia, referências a uma convivência com o Criador, anterior à criação - numa pré-existência.

"Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra,
E soprou em suas narinas o fôlego da vida;
E o Homem tornou-se um ser vivo." (Gen 2.7)

"E o pó volte à terra donde saiu,
E o Espírito volte para Deus que o deu."
(Eclo 12.7)

Este Espírito que saiu de Deus, habita no Homem, o anima e volta para Deus, se apresenta como o Espírito de Sabedoria, que em Provérbios 8, rememora uma época de feliz convivência com Ele:

"O Senhor me possui como primícia de suas obras
Desde o princípio, antes que criasse qualquer coisa,
Desde a eternidade fui constituída, desde o princípio,
Antes que a terra fosse criada...

Quando assentou os fundamentos da terra,
Junto a Ele estava eu como artífice,
Brincando o tempo todo diante d'Ele."

(Pr 8.22,30)

Para León Dufour, "enviada de Deus, como o Espírito Santo, a Sabedoria é um dom espiritual" (Dufour 1977:306)

"Ela é uma exaltação do poder divino,
É uma pura emanção da claridade do Todo-poderoso...
Ela é o clarão da luz eterna,
E o espelho sem mácula da majestade de Deus.
E através das gerações,
Transfunde-se nas almas santas." (Sab 7.25-27)

Há uma dimensão do homem que procede diretamente da Divin
dade, é seu membro. Antes de ser formado o homem, esta di
mensão era, não apenas um pensamento, um sonho acalentado
por Deus, mas já vivia com Ele, brincando diante d'Ele. E
o profeta o confirma:

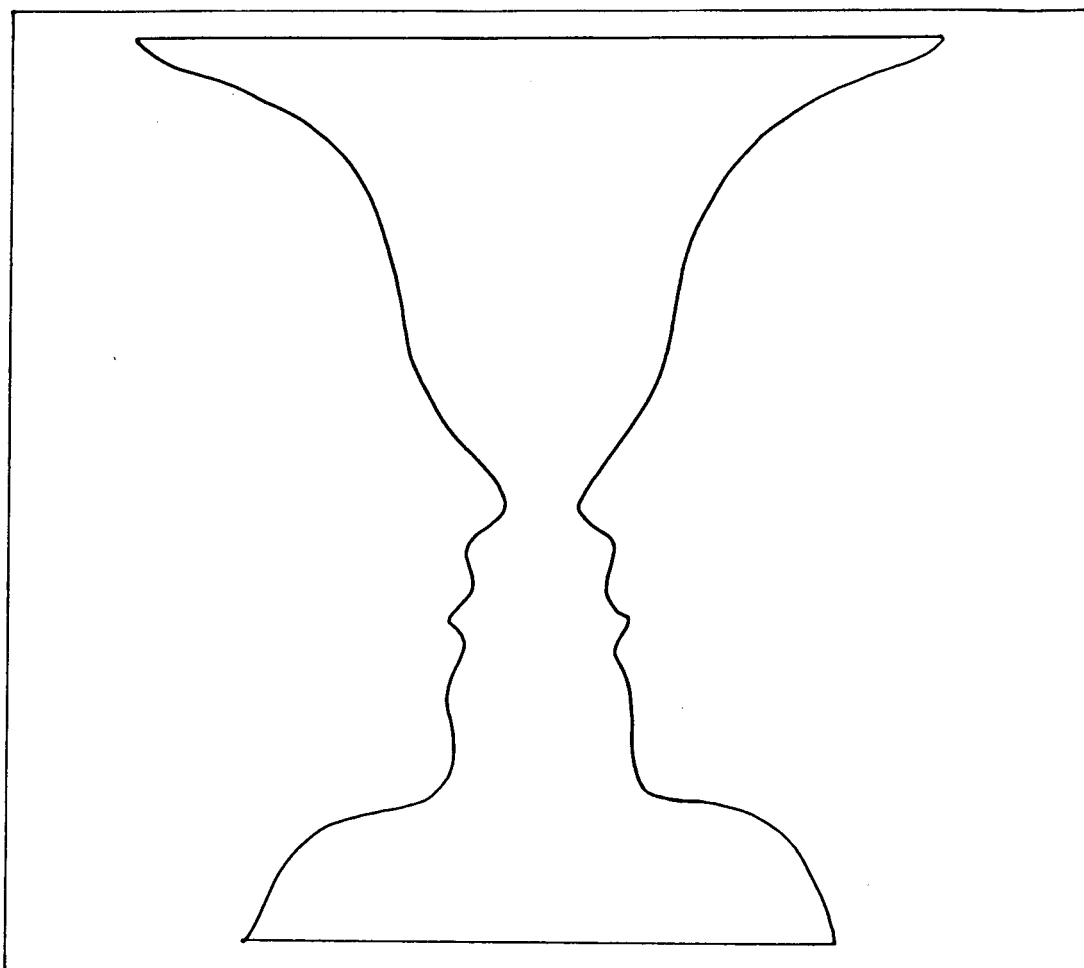
"Não está escrito na vossa lei: .
Eu disse: Vós sois deuses?
E a Escritura não pode errar." (Jo 10.34-5)

"Acaso não sabeis que o vosso corpo
É templo do Espírito Santo
Que habita em vós,
Que vos foi dado por Deus,
E que não pertenceis a vós mesmos?"
(I Co 6.19)

Mais do que proximidade, evidencia-se aqui, uma identificaç
ção com a figura Divina de apego. Uma união anterior. Ca
da ser humano é um aspecto da Divindade.

Assim, conclui-se que, a mesma unidade humana, é, por um
lado, uma criação da Divindade; um outro ser além dela, feit
o "à sua imagem e semelhança". Sua função é de ser "a imag
em visível do Deus invisível".

Por outro lado, o princípio que anima este ser, tornando-o
um ser vivo, é uma emanção da própria Divindade, de forma
que o "o que era invisível" assumiu uma forma visível de
expressão. A função do homem, além de imagem da Divindade,
é de ser também seu templo e, a da Divindade, é ser Hósped
e ou princípio que anima este templo. Templo e Hóspede,
imagem e princípio; dois aspectos de uma mesma unidade.



"Eu disse: Vós sois deuses,
E sois todos filhos do Altíssimo,
Todavia, como homens morrereis,
E caireis como qualquer dos príncipes."

(Sl 81.6-7)

Considerando-se a Bíblia como a documentação da História do Homem desde as suas origens mais remotas, segue-se que ela revela as mais profundas camadas de lembranças, das quais o Homem não tem consciência: A primeira infância.

Como no Homem, coabitam duas dimensões - uma humana, outra Divina - distingue-se nele, desde logo, duas faixas inconscientes. uma humana, outra sagrada: Uma desde a criação do universo, outra anterior a ela. . . A faixa propriamente humana começa após o arremate da Criação, em que o Homem é colocado no Éden. Assim, a camada mais profunda do inconsciente humano coletivo compreende a memória do estado paradisíaco das primeiras relações ao vivo, com o Criador no Éden, onde ocorreu o primeiro rompimento afetivo - a memória da queda e da expulsão do ventre deste Paraíso.

Segundo o texto bíblico o acesso a esta região, condição ou estado paradisíaca do Homem, foi vedado ao Homem, por anjos que guardam a sua entrada.

"E o Senhor Deus expulsou-os para fora do paraíso de delícias,
Para que cultivassem a terra, da qual foram formado,
E expulsou Adão e pôs diante do paraíso de delícias,
Querubins brandindo uma espada de fogo,
Para guardar o caminho da Árvore da Vida." (Gen 3.23-4)

Um meio de impedir o acesso a um estado de consciência pode ser por censuras. Censuras arcaicas, impostas pelo Criador, guardam as reminências de um estado paradisíaco.

1.2.2.3. Perspectivas de União Transtemporal

Uma terceira característica da Divindade torna seu vínculo capaz de maior proximidade com o Homem, do que os vínculos humanos: A proximidade com Ele não é passível de ser interrompida pela morte, como ocorre no relacionamento humano. O Homem reconhece que ele é o único vínculo imutável, inalterável, estável - "o primeiro e o último":

"És tu, Senhor, que nas origens fundaste a terra;
E os céus são obras de tuas mãos;
Eles perecerão; tu, porém, permanecerás;
Todos hão de envelhecer como um vestido,
E a todos enrolarás como um manto,
E serão mudados como vestimenta;
Tu, porém, és sempre o mesmo,
E os teus anos jamais terão fim." (Heb 1.10-12)

Esta permanência atrai o Homem; Ela implica em proximidade e proteção inalteráveis; numa segurança e estabilidade que a natureza humana não pode lhe proporcionar.

A permanência implica por um lado, que há vida após a morte, quando então o Homem vai se reunir mais efetivamente com o Criador:

"E o pó volte à terra donde saiu
E o Espírito volte para Deus que o deu". (Eclo 12.7)

Por outro lado, há a promessa de ressurreição:

"Eu sou a Ressurreição e a Vida,
Aquele que crer em mim,
Ainda que esteja morto viverá". (Jo 11.22)

A promessa de ressurreição confere ao Homem a esperança de recuperar a proximidade com a figura de apego perdida. Essa esperança pode ajudar o Homem a superar a segunda fase típica de reações à perda afetiva - o "desespero" ou luto - e ingressar numa fase de "re-organização" da realidade. Há uma esperança de recuperar a relação perdida. Essa esperança aparece na Bíblia como algo capaz de fazer voltar as forças ao Homem, dar-lhe nova vida.

"Se descoroçoado perderes a esperança
A tua fortaleza descairá."

"A vossa fortaleza está no silêncio
E na esperança." (Is 30.15)

"Ditoso aquele não tem tristezas em sua alma,
E que não descaiu da tua esperança." (Eclo 14.2)

"Porque a tristeza faz apressar a morte,
E tira o vigor,
E a melancolia de coração
Faz dobrar a cerviz." (Eclo 38.19)

A esperança é capaz de consolar o Homem na fase de "aflição".

"Lembra-te da palavra dada ao teu servo,
Com a qual me deste esperança,
Isto me consola na minha aflição,
Porque a tua palavra me dá vida." (Sl 118.49-50)

Na perspectiva puramente humana, a vida termina com a morte, a separação, a perda, e a perda da esperança de recuperação - a desolação e o luto; na perspectiva cristã, observa-se uma diferença fundamental da postura humana em relação à perda: Há uma expectativa feliz para o futuro; está prevista uma quarta fase - a da recuperação da figura de apego - na sequência emocional.

"Vi um novo céu e uma nova terra ...
 E o mesmo Deus com eles será o seu Deus:
 Enxugar-lhe-á todas as lágrimas de seus olhos,
 E não haverá mais morte, nem luto,
 Nem clamor, nem mais dor,
 Porque tudo isto passou.
 O que estava sentado no trono disse:
 Eis o que eu renovo todas as coisas." Ap 21.1-5)

"Quando este corpo mortal se revestir
 Da imortalidade, então se cumprirá a palavra:
 "Tragada foi a morte na vitória.
 Onde está, ó morte, a tua vitória?
 Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (I Co 15.54-5)

1.2.3. Cuidado e Proteção

Em função das características de interioridade e transtemporalidade, que representam uma maior proximidade, e em função de sua onipotência, a função de cuidado e proteção que o vínculo do Criador realiza é muito maior do que a que o Homem pode realizar.

O salmo 90 é um dos que mais cantam a esperança e segurança que Ele promete, ao Homem:

"Ele te cobrirá com as suas penas
E debaixo das suas asas estarás seguro,
Porque Ele te livrará do laço do passarinho,
E da peste perniciosa.

Não temerás espanto noturno,
Nem seta que voe de dia.
Nem peste que ande na escuridão,
Nem mortandade que assale ao meio-dia.

Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita,
Mas tu não serás atingido.
Nenhum mal te sucederá,
Nem praga alguma chegará à tua tenda." (Sl 90.3.-10)

A adoção dele como progenitor que cuida e protege é uma garantia de sensação de segurança e de paz. Ele está empenhado na sobrevivência humana.

As promessas de proteção continuam; vão ainda mais longe:

"No tempo da fome Ele te salvará da morte,
E no tempo da guerra, do poder da espada.
Estarás a coberto do açoite da língua
E não temerás a calamidade quando chegar.

Na desolação e na fome te rirás,
E não temerás as feras da terra;
Até farás aliança com as pedras dos campos,
E as feras da terra te serão pacíficas."(Jó 5.20-23)

"Serás isenta de qualquer opressão,
Nada terás a temer,
Pois nada poderá atingir-te."(Is 54.14-5)

"As respostas de medo suscitadas pela ocorrência natural de tais indícios de perigo fazem parte do equipamento comportamental básico do Homem." (Bowlby 1982:126-7)

"Pelo que o temor não é outra coisa
Do que a perturbação da alma
que se julga privada de todo socorro.
E quanto menor ela tem dentro em si esperança
Tanto maior lhe parece a causa desconhecida
Que a atormenta." (Pr 17.11-12)

Já "a manutenção inalterável de um vínculo afetivo é sentida como uma fonte de segurança, e a renovação de um vínculo como uma fonte de júbilo." (Bowlby 1982:123)

Para ajudar a formar no Homem a consciência de seu poder, da amplitude de sua proteção, que implica em sobrevivência humana, Ele recomenda rememorar sempre grandes feitos passados: - aumentam a sensação de confiança:

"Se disseres no teu coração:
Estas nações são mais numerosas do que eu,
Como poderei eu extingui-las?
Não temas, mas lembra-te do que o Senhor teu Deus,
Fez a Faraó e a todos os egípcios,

Dos grandíssimos feitos que os teus olhos viram,
 E dos milagres e dos prodígios,
 E da mão poderosa e do braço estendido,
 Com que o Senhor teu Deus te tirou para fora,
 O mesmo fará ele a todos os homens que temes."

(Dt 7.17-19)

Esta consciência e sensação de segurança devem ser formadas no Homem, no período mais sensível da infância:

"Ensine a criança
 No caminho em que ela deve andar
 E, ainda quando envelhecer
 Não se desviará dele." (Pr 22.6)

Assim como a infância é um período maleável e decisivo para firmar sensações de insegurança, de solidão, de medo, de ansiedade de separação e de luto, é maleável também para firmar uma sensação perene de segurança que se irradiará na vida adulta, em franco contraste com os episódios psicopatológicos identificados por Bowlby como o desfecho mais provável para as histórias de privação afetiva na infância.

A proximidade com uma figura de apego que não pode ser interrompida pela separação e pela morte, e que é "considerada mais forte e mais sábia do que ela" (Bowlby 1982:122) por suas características de onipotência e onisciência, pode ser "sentida como uma fonte de segurança e de júbilo" muito maiores do que as proporcionadas pelos vínculos humanos: uma segurança ontológica.

"Não terei medo nos dias maus,
Quando me cercar a iniquidade
Dos que me armam ciladas." (Sl 49.5)

"Não terei medo de dez milhares
De pessoas que se puserem contra-mim,
Ao meu redor." (Sl 3.6)

"Ainda que uma guerra se levante
Contra mim, n'Ele confiaria." (Sl 27.7)

"Ainda que um exército me cercasse,
O meu coração não temeria." (Sl 26.3)

"Pelo que não temerei ainda que a terra se mude,
E ainda que os montes se transportem
Para o meio do mar.

"Ainda que as águas rujam e se perturbem,
Ainda que os montes se abalem pela sua braveza." (Sl 46.1-7)

"Ainda que eu passe pelo vale da sombra da morte,
Não temerei mal algum porque Tu estás comigo."

"Quando o temor me invadir (Sl 23.4)
Porei a minha confiança em ti."

Os vínculos humanos não podem ser inalteráveis. Esta característica é específica do vínculo do Criador: É o único vínculo estável. Por isso o salmista canta:

"Os que confiam no Senhor
São como o monte Sião:
Nada há que os possa abalar." (Sl 125.1)

"Aquele que teme o Senhor de nada tremerá,
E não terá pavor algum
Porque Ele mesmo é a sua esperança." (Eclo 34.14-21)

Esta segurança ontológica é proporcional ao comportamento exploratório com o qual o Homem está comprometido no universo. A criança só avança no ambiente se tem certeza da proximidade da mãe. A mãe é a base segura para que ela possa prosseguir em frente no pequeno mundo que a cerca. Num amplo universo, a segurança básica tem que ser muito

maior, e cobrir outras áreas: fogo, água, montes, terra, exércitos, ciladas, guerras, morte. Diante de tudo isto, ele não pode se envolver emocionalmente; ele precisa manter a capacidade de raciocinar e refletir para poder atuar com os seus talentos e inteligência; de preferência, que esteja "inabalável como o monte Sião, a quem nada há que o possa abalar". Aí se tornará mais arrojado. Para prosseguir em frente e para estar em condições psicológicas, ele precisa olhar sempre para seu Criador, certificar-se de sua presença, lembrar-se da segurança que ele promete. Quanto maior a segurança que ele antevê, mais se sente à vontade, mais se torna arrojado, mais amplia seus horizontes de atuação: o externo e o interno; Há um mundo interior que esta segurança também permite explorar. Sua segurança produz um estado de relaxamento,

"Quando te deitares, não terás medo,
Repousarás
E o teu sono será tranquilo."
(Prov 3.24)

que permite ao Homem, avançar até camadas mais profundas do seu interior. Assim, seus potenciais podemse atualizar mais livremente. Alcança uma auto-expressão mais livre.

1.2.4. Emoções Associadas ao Apego

Na relação humano-divina não há como o homem se afastar fisicamente de Deus, pois sendo onipresente e eterno, está em todo tempo e lugar. A proximidade com Ele está ligada à atitude do Homem, em que reconhece a sua presença e comporta-se orientado para ele. Pelo livre arbítrio, o homem pode romper com seu Criador, agindo de forma a ignorá-lo, uma vez que a manutenção de proximidade com Ele, depende da fé e da receptividade do Homem. Pelas suas atividades exploratórias que tanto o entretêm, o Homem pode perdê-lo de vista; esquecer completamente de seu Criador ou abandoná-lo propositalmente, pelos laços afetivos que aí vem a criar.

Entre as emoções Divinas típicas à perda do laço afetivo, que se encontra na Bíblia estão o protestos, a raiva, o ciúme, chamar, ir atrás do Homem, tentar convencê-lo a voltar, apresentando os mais variados argumentos, insistir em chamar através de seus profetas. E o Homem, via de regra, não responde a seu chamado, e nem busca o Criador. Então surge a raiva - a ira Divina, que é quase mortal para o homem.

"Não seguireis a outros deuses
 Entre as nações que vos cercam,
 Porque o Senhor teu Deus
 Que mora no meio de ti é um Deus ciumento;
 Sua cólera se inflamaria contra ti
 E te apagaria de sobre a terra." (Dt 6.15)

A raiva que no homem, é um sintoma de amor, no Criador a
 parece proporcional ao amor, que é eterno. Todavia, como
 um sintoma de amor, vai sempre ceder lugar a este:

"Se um homem despedir sua mulher
 E ela se afastar dele
 E juntar-se a outro homem,
 Porventura tornará a ela mais?
 Ora, tu te maculaste com muitos amantes,
 Mas ainda assim, torna-te para mim, diz o Senhor."
 (Jer 31.1)

"Como uma mulher abandonada e aflita eu te chamo:
 Pode se repudiar uma mulher desposada na juventude?
 Por um momento eu te abandonei,
 Mas com profunda afeição te recebo de novo.
 Num acesso de cólera volvi de ti minha face,
 Mas no meu eterno amor tenho compaixão de ti,
 Mesmo que as montanhas oscilassem
 E as colinas se abalassem,
 Jamais meu amor te abandonará
 E jamais meu pacto de paz vacilará
 Diz o Senhor que se compadece de ti." (Is 54.10)

"Porventura pode uma mulher
 Esquecer-se de sua criança de peito?
 De sorte que não tenha compaixão
 Do filho de suas entranhas?
 Porém, ainda que esta se esquecesse dele,
 Eu não me esquecerei de ti.
 Eis que eu te gravei nas minhas mãos." (Is 49.14-6)

Assim, a aparente dicotomia humana raiva-busca do ser ama-
 do, parece ter seu correspondente na, também aparente, di
 cotomia, justiça-misericórdia divina:

"Pois misericórdia e ira estão sempre em Deus,
Grandemente misericordioso,
Porém, capaz de cólera.
Os seus castigos igualam à sua misericórdia.
A sua misericórdia e a sua ira
Andam perto uma da outra." (Eclo 16.12-3; 5-6)

Porém, como a justiça é obra também do amor, diante da miséria humana, ele se comove, em vez de se ofender e dá mais uma chance porque está habilitado a promover uma mudança interior no ser:

"Pois se comoveram as minhas entranhas por ele,
E compadecido, terei misericórdia dele,
Diz o Senhor." (Jer 31.20)

"Eu sou o Deus que te perdoa."

"Sou eu, sou eu mesmo,
Que apago as tuas iniquidades por amor de mim,
E dos teus pecados não me lembro." (Is 43.25)

"Se vossos pecados forem como o escarlata,
Eles se tornarão brancos como a neve,
E se forem roxos como o carmesim,
Ficarão brancos como a branca lã." (Is 1.18)

"E os teus pecados se desfarão como
O gelo ao sol do meio-dia." (Eclo 3.17)

"Desfaço as tuas transgressões como uma nuvem,
E os teus pecados como uma névoa." (Is 44.22)

Perdoar é a atribuição incessante do Criador, no sentido de recuperar a proximidade com o homem. E depende da esperança ou perspectiva de mudança que nele antevê. A manutenção da proximidade interpessoal vai depender da habilidade pessoal para esperar no outro - amá-lo pelo que pode vir a ser: melhor do que é; ou pelo que amigo que pode vir a ser - e perdoá-lo. Esperar no outro e perdoá-lo, investir nele, em sua re-edificação são padrões que integram um mais sofisticado comportamento de apego.

1.2.5. Universalidade das Figuras de Apego da Divindade

A relação de apego humana é caracterizada também pela especificidade. A figura materna discrimina cada um de seus filhos entre todas as crianças que não são suas. Chama pelo nome próprio a cada uma, reconhecendo-a como sua, e comportando-se parentalmente somente em relação a ela. Já a figura de Apego Divina, como criou a todas as pessoas, reconhece a todas por sua figura de apego principal:

"Não faz acepção de pessoas." (At 10.34)
 "Faz nascer o seu sol sobre bons e maus,
 E manda a chuva sobre justos e injustos". (Mt 5.45)

"Tu, porém, perdoas a todas as criaturas
 Porque são tuas, ó Senhor, que amas as almas.
 Porque amas tudo o que existe
 E não aborreces nada do que fizeste;
 Porque se aborrecesses alguma coisa,
 Não a terias estabelecido nem criado."

(Sab 11.25-7)

Cada pessoa humana é importante para ela. Como a um filho, chama-a pelo seu nome próprio.

"Entretanto, eis o que diz
 O Senhor que te criou, ó Jacó,
 E que te formou, ó Israel:
 Não temas, porque Eu te remi
 E te chamei pelo teu nome:
 Tu és meu."

(Is 43.1)

Para muitos, o encontro existencial com a Divindade é a única chance de um reconhecimento pessoal, de um sentimento de possesão, de realizar o direito de existir, ser e se firmar. Ele é Aquele que crê na pessoa indiferentemente de quem seja ela.

"E dar-te-ei tesouros escondidos
E riquezas aferrolhadas
A fim de que saibas que eu sou o Senhor,
O Deus de Israel
Que te chamo pelo teu nome." (Is 45.3)

Ao chamá-la pelo nome ressuscita ou desperta uma identidade pessoal, mais profunda, que Ele, só Ele conhece em cada um;

"Porque o Homem olha
Para o que está diante dos olhos
Mas o Senhor olha para o coração." (II Sam)

A identidade mais profunda do Homem: quem ele é, e a que serve, só Ele tem acesso. N'Ele, o Homem serve a finalidades muito mais amplas do que ele pode imaginar, porque está inserido no contexto igualmente mais amplo, que só Ele pode abranger. Neste contexto, cada um tem o seu papel, a sua atribuição, a sua função no todo, que só Ele conhece. Ele olha para uma realidade humana escondida aos próprios olhos humanos e, mesmo aquelas pessoas, menos conceituadas de acordo com os valores humanos, são significativas para Ele:

"É uma lâmpada desprezada
No conceito dos ricos
Mas preparada para brilhar
Em tempo oportuno."(Jo 12.5)

1.2.6. Complexidade das Atribuições da Figura de Apego Divina

A figura de apego Divina reúne as qualificações e atribuições de todos os vínculos que unem os homens entre si: pai, mãe, médico, psicoterapeuta, consultor, pastor, além das atribuições propriamente de Divindade, que por outro lado, incluem todas aquelas. Então o número de expectativas humanas em relação à Divindade é muito maior do que em relação a qualquer figura de apego humana.

1.2.7. Universo de Figuras de Apoio do Homem

O comportamento de apego do Homem ao Criador, significa ainda, amar aos seus semelhantes, que foram "feitos à Sua imagem e semelhança" (Gen 1.27), para serem "Templos", onde Ele habita:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração,
E de toda a tua alma e de todo o teu pensamento,
Este é o primeiro e grande mandamento;
E o segundo, semelhante a este é:
Amarás o teu próximo como a ti mesmo."
(Mt 22.37-9)

"Se alguém disser: Eu amo a Deus
E não amar os seus irmãos, mente."
(I Jo 4.20)

Por figuras de apoio, Bowlby se refere a qualquer pessoa, para a qual se orienta o comportamento de apego, diversas da figura principal de apego.

Em função do Criador ser o Pai de todas as pessoas, todos são irmãos; assim o número de figuras de apoio de cada pessoa eleva-se incontavelmente, com a formação do vínculo espiritual.

1.3. Um vínculo diferente dos vínculos humanos

Por algumas características específicas do Criador - tais como invisibilidade, Divindade, Divindade Legisladora e que rege os acontecimentos da vida humana - os laços que unem ao Homem e que unem o Homem a Ele são diferentes dos laços afetivos, que unem os homens entre si.

Elas implicam da parte do Criador, em atribuições que não cabem a nenhum outro ser e, da parte do Homem, implicam em um repertório de comportamentos de apego específicos que deve assumir somente para com Ele e não para com outros seres, tais como fé, interiorização, adoração etc.

1.3.1. Invisibilidade

Como decorrência de sua invisibilidade, o Criador precisa tomar a iniciativa de se apresentar ao Homem, para manter a proximidade com ele.

Também como decorrência de sua invisibilidade, a discriminação e reconhecimento da figura de apego divina, da parte do Homem, fica condicionada à sua capacidade de uma reflexão mais profunda acerca da realidade que o cerca, à sua capacidade de interiorização e ainda, ao esforço da fé.

A Bíblia é considerada a revelação da Divindade; Por ela, o Criador se apresenta ao homem. Na vida pessoal, pode se dar a conhecer através de mensageiros ou de uma revelação pessoal:

"Conduzi-la-ei à soledade
E lhe falarei ao coração."

(Os 2.14)

Segundo Brugger,

"Sem dúvida, tal experiência não é geral, mas atestam-na uniformemente tantos homens exímios no transcurso dos séculos, que se torna absolutamente impossível duvidar do fato."

(Brugger, 1969:274)

Todavia, mesmo tendo passado por essa experiência, o Homem tem dificuldade de manter a proximidade com a Divinidade. Assim, boa parte das atribuições divinas é empregada em "reduzir a distância entre o homem e ela, tomando, para isto, sempre a iniciativa:

"Brilhante é a Sabedoria, e nunca se muda,
E facilmente é encontrada por aqueles que a amam,
Ela antecipa-se aos que a desejam,
De tal sorte que se lhe patenteia primeiro;
Aquele que vela desde manhã para a possuir,
Não terá trabalho porque
A encontrará sentada à sua porta."

(Sab 6.13-15)

A invisibilidade dificulta ao homem discriminar ou reconhecer a sua divina figura de apego. Ele sente dificuldade de manter uma proximidade que transcende a obtida pelos sentidos:

"Porque eu estava calado,
E parecia não ver,
Por isso te esqueceste de mim."
(Is 57.12)

O homem está imerso num contexto, no qual ele corrige o seu comportamento, de modo a alcançar a meta, definida na sua criação, de explorar imensuráveis universos: tanto o externo, quanto aquele que se esconde na, aparentemente, minúscula interioridade de seu ser. Neste ofício, os laços com os quais ele vem a se envolver - pessoas, objetos, valores e ocupações - não lhe deixam muito espaço para o que não lhe é imediato aos sentidos. As formas o embevecem.

"Vivendo entre as suas obras, porém,
Os homens as contemplam,
E porque eles as consideram belas,
Deixam-se seduzir por elas.

São fascinados-pela beleza das coisas que vêem,
E não consideram o quanto o Criador
Não excederá as suas obras.

Pelos bens visíveis não chegaram
A conhecer Aquele-que-é,
Nem considerando as suas obras,
Reconheceram quem era o Artífice." (Sab 13.7,3,1)

E adoraram e serviram a criaturas
Em vez de adorarem e servirem ao Criador." (Rom 1.25)

A invisibilidade exige ainda, da parte do Homem, o esforço da fé, para reconhecer a figura de apego Divina:

"Ora, sem fé, é impossível agradar a Deus,
Pois, para se chegar a Ele, é necessário
Que se creia primeiro que ele existe,
E que acolhe os que O procuram.

A fé é o fundamento da esperança,
É uma certeza a respeito do que não se vê.

Pela fé reconhecemos que o mundo
Foi firmado pela palavra de Deus
E que as coisas visíveis se originam do Invisível."

(Rom 4.19)

E finalmente, exige o exercício da oração - a interiorização - outro comportamento de apego que o Homem deve ter especificamente para com a Divindade. A interiorização é a forma que o Homem tem, de manter a proximidade com ela:

"Aplicará o seu coração a velar de madrugada,
Ante o Senhor que o criou,
E na presença do Altíssimo fará a sua oração...
Porque se o soberano Senhor assim o quiser,
Enche-lo-á do espírito de inteligência,
E então ele derramará as palavras
Da sua sabedoria como chuva
E na oração louvará o Senhor."

(Eclo 39.6-9)

Estes comportamentos de apego à figura Divina são dificul
tados, não só pela invisibilidade do Criador, mas pelo en-
volvimento do Homem com as criaturas. A imediatabilidade
dos sentidos não prevê um apego ao que não se vê.

1.3.1. Divindade

O Criador se apresenta ao homem como um ser anterior a ele, responsável pela sua criação. É o único ser que pode contar a história da sua primeira infância, a história de sua formação; da formação do ambiente no qual se acha inserido, às quais só Ele assistiu: "Nenhum Deus comigo estava."

"Eu sou o Senhor que faço todas as coisas,
Que só por mim estendi os céus e firmei a terra,
Sem que ninguém me ajudasse." (Is 44.24)

"Eu é que fiz a terra, e quem
Sobre ela criou o homem, fui eu." (Is 45.12)

"Eu sou o Senhor que te criou." (Is 45.8)

Como Divindade, Ele define o comportamento de apego específico para com Ele, que Ele aguarda de parte do homem com exclusividade:

"Ao Senhor teu Deus adorarás e,
Só a ele servirás." (Dt 6.13)

Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor,
Amarás pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração,
E de toda a tua alma, e com toda a tua força
E estas palavras, que hoje te ordeno,
Estarão no teu coração." (Dt 6.4-6)

"Ama com todas as forças aquele que te criou."
(Eclo 7.31)

Estes comportamentos implicam, da parte do homem, não só em reconhecimento da figura Divina, capacidade de discri-

miná-la ou identificá-la, mas em aproximar-se dela e dirgir-se a ela afetivamente: adorando-o e amando-a ainda

"Mais do que a todos os familiares." (Mt 10.37)

A Divindade por sua vez, responde a estes comportamentos com uma aproximação e proteção maiores em relação ao Homem:

"Aquele que adora a Deus com alegria,
Será por Ele amparado,
E a sua prece chegará até as nuvens.
A sua oração penetrará as nuvens,
E não se consolará
Enquanto não se aproximar de Deus
E não se retirará até que
O altíssimo tenha posto nela os seus olhos."

(Eclo 35.20-21)

Se por um lado, a "Divindade atrai o Homem irresistivel-mente, suscitando nele adoração,

"Importa prevenir o nascer do sol para te bendizer
E adorar-te desde o raiar da aurora." (Sab 16.38)

por outro lado, porém, despertou nele também, logo de início, a inveja. O primeiro rompimento entre o Homem e a Divindade aparece no Gênesis, quando ouvindo a voz da ilusão,

"Na sua ambição, quiseram
Tornar-se iguais a Deus." (Ne 9.13)



"Se comerdes deste fruto,
Sereis iguais a Deus." (Gen 3.5)

"Se comerdes deste fruto sereis iguais a Deus." (Gen.1.5), eis a promessa que o seduziu. Assim, a queda não explica a dificuldade do Homem de manter a proximidade com a Divindade. Esta é anterior à queda. Seu comportamento genuinamente humano, ainda não contaminado por outras variáveis, em vez de ser de adoração e admiração para com a Divindade, foi de competição; sonhou usurpar-lhe a Divindade: o poder e a glória.

Esse rompimento humano evoca outro rompimento na história de Deus, ocorrido durante a Criação: Um dos anjos "sendo criatura e não Deus", que excedia a todos em beleza, perdeu a cabeça diante de sua própria glória e do esplendor do universo, e como que delirando, concluiu:

"Eu sou Deus!
Subirei o céu e estabelecerei o meu trono
Acima dos astros de Deus.
Sobrepujarei a altura das nuvens,
Serei semelhante ao Altíssimo." (Is 14.13-4)

A um e outro - Lúcifer e Homem - parecem estar dirigidas estas palavras:

"A tua arrogância enganou-te
Assim como a soberba do teu coração." (Jer 49.16)
"Eu conheço, diz o Senhor, a sua presunção,
A qual não corresponde o seu real valor,
E sei que as suas pretensões ultrapassam o teu poder."
(Jer 48.29-30)

O desejo de ser igual a Deus aparece não como uma tendência à identificação e à proximidade com Ele, mas como uma tendência a afastar-se d'Ele.

"O mal da soberba é que
O homem se afasta de seu Criador;
Porque o seu coração afasta-se
Daquele que o criou."

E à toda soberba estava reservada a queda:

"Será abatida a arrogância dos homens
E humilhada a altivez dos grandes." (Is 2.18)

Assim, pois, como o Anjo, o Homem também caiu:

"Agora pois, expulsemos-lo do paraíso
Para que não suceda que ele estenda a sua mão,
E tome também da Árvore da Vida,
E a coma, e viva eternamente.
E o Senhor Deus tirou-os do paraíso de delícias,
Para que cultivassem a terra da qual foram formados
E expulsou Adão
E pôs diante do paraíso de delícias
Querubins brandindo uma espada de fogo
Para guardar o caminho da Árvore da Vida."
(Gen 3.22-24)

Todavia, o Criador, na ambivalência de sentimentos que tal separação lhe suscita - raiva e tendência a proximidade - serviu-se da queda do Homem, como um motivo para vir pessoalmente ao seu encontro. Eis a meta que Ele estabeleceu, para manter a proximidade com o Homem: vencer a barreira da invisibilidade e tornar-se visível



"Eis que uma Virgem conceberá,
E dará à luz um menino,
E Ele será chamado Emanuel,
Que quer dizer "Deus-conosco".

(Is 7.14)

Para todo o mal humano, uma medicina que começa igualmente, pela relação mãe-filho. Uma imagem retida desde os primórdios de sua história e sempre evocada como uma esperança, pelos profetas:

"Haverá um justo ...
 E será como a luz da aurora
 Quando resplandece o sol numa manhã sem nuvens,
 E como a erva que brota da terra depois das chuvas."
 (II Sam 23.3-4)

Como a luz, virá do Alto, como a erva, brotará da terra. Identifica-se com o humano, para dele se aproximar.

"Eis que agora, Eu mesmo,
 Irei buscar as minhas ovelhas,
 E velarei sobre elas ...
 Eu é que apascentarei o meu rebanho,
 Eu é que o farei repousar.
 À ovelha perdida, irei buscá-la;
 À desgarrada, hei de reconduzi-la;
 À que estiver ferida eu porei ataduras;
 À que for fraca, devolverei as forças.
 E velarei sobre a que estiver gorda e vigorosa;
 Apascenta-las-ei todas com justiça." (Ez 34.11-6)

E "depois de tais coisas, foi vista sobre a terra e conversou com os homens" (Bar 3.38 P). A Divindade também corrige o seu comportamento em função da meta de manter e/ou recuperar a proximidade com sua humana figura de ápego:

"Deixou o seu alto trono nos céus." (Sl 66.1) e
 "Se fez carne e habitou entre nós," (Jo 1.14)
 "O que era desde o princípio, o que ouvimos;
 O que vimos com os nossos olhos, e contemplamos;
 E as nossas mãos apalpamos do Verbo de Deus.
 Porque a Vida se manifestou e nós a vimos ...
 Esta Vida Eterna que estava no Pai
 E apareceu a nós." (I Jo 1.1-2)

Todavia, desejoso de glória e de poder, que lhe acenam desde toda a eternidade e como que jazem em seu próprio ser, o homem agarrara a primeira possibilidade de assegurar-se, pelas aquisições externas, "todos os reinos do mundo e sua glória" (Mt 4.8), não relutando por eles, em romper com o vínculo com o seu Criador.

Considerou o ser igual a Deus,
Como algo a que se apegar ciosamente,
E cheio de si, recusou assumir a condição de servo,
E foi desobediente ...
Mesmo sob a ameaça de morte.

Despojado do fausto divino, igual a si, o homem não reconheceu o Seu Criador, quando este "armou sua tenda entre os homens":

"Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele,
E o mundo não O conheceu.
Veio para o que era seu,
E os seus não o receberam." (Jo 1.10)

Nem lhe tributou as devidas homenagens; pareceu-lhe por demais desfigurado.

Todavia, a Divindade faz ao homem, nova concessão, maior ainda, proporcional à falta cometida, com vistas à manutenção da proximidade com ele: Proporciona-lhe a oportunidade de, não pelas aquisições externas, mas pela formação de um vínculo com a Divindade, ser seu herdeiro:

"Somos herdeiros de Deus
E co-herdeiros de Cristo:
Se é certo que como Ele padecemos,
Também com Ele seremos glorificados." (Rom 8.17)

Isto leva a Igreja a proclamar na Vigília da Páscoa:

"Ó culpa tão feliz, o pecado de Adão,
Que nos há merecido a graça
De uma tão grande salvação."

Em função da manifestação Divina no Homem, alcançar a Divindade significa atualizar seu potencial, uma face escondida, latente. Em suas múltiplas atribuições, a Divindade se manifesta nos diversos laços humanos. As pessoas são aspectos da Divindade. Cristo porém, "é a cabeça", "o primogênito entre muitos irmãos" (Rom 8.29), isto é, o primeiro que realizou esta natureza escondida e latente no Homem; que assumiu o potencial divino.

"É preciso crer, de maneira precisa,
que o Verbo encarnado - Deus encarnado -
É o ideal definitivo do Homem."
(Dostoiévski, apud Cintra, 1984:100)

Todo homem é chamado a

"Crescer até que alcance o estado perfeito,
Semelhante em estatura e em plenitude, a Cristo." (Ef 4.12-3)

Em Cristo isto é possível porque Ele é

"A cabeça, pela qual todo o corpo,
Alimentado e unido pelas juntas e ligamentos,
Realiza o seu crescimento em Deus." (Col 2.19)
"Nele fostes levados à plenitude." (Col 2.9)

1.3.3. Divindade Legisladora

Estabelecendo inúmeras normas de comportamento para o Homem, que se resumem na preservação do vínculo com ela e com seus semelhantes ~ o que sugere uma tendência à unidade no comportamento de apego ~ a Divindade se revela uma grande educadora:

"Para que reconheças no teu coração,
Que do mesmo modo
Que um Homem instrui o seu filho,
Assim o Senhor teu Deus te instrui".

(Dt 8.5)

No seu todo, essas leis, prescritas "para que sejas feliz", visam:

- . O bem comum, se resumem em amar;
- . À preservação da espécie humana;
- . O acesso à condição de co-herdeiro da Divindade, condição que:
 - . assegura a união com o Criador;
 - . assegura a preservação do humano;
- . Assegurar ao Homem o livre desfrutar da condição de co-herdeiro da Divindade, restringindo esta condição de poder absoluta e suprema "a quem tem as mãos limpas e o coração puro, quem não é vaidoso e sabe amar" (Sl 24,4)

Resumidas em amar, suas leis implicam em manutenção da pro-

ximidade entre Ele e o Homem e dos homens entre si, a que proporciona proteção, preservação e transforma a sociedade humana numa grande família, onde Ele é o Pai. Suas leis visam o bem comum e implicam em aumentar o número de figuras de apoio pessoal, até então limitada ao grupo familiar.

"Agora, pois, ó Israel, que é que
O Senhor teu Deus pede de tí senão que ...
O ames e
Observe os mandamentos do Senhor,
E os seus estatutos,
Que hoje te prescrevo,
Para que sejas feliz?" (Dt 10.12-3)

Muitas dessas leis visam à higiene e profilaxia do indivíduo e da coletividade, desempenhando assim, uma função de preservação da pessoa e do grupo humano:

"Es indudable que cierto numero de prescripciones de la Biblia tienen intenciones higiênicas. Los largos capítulos del Levítico en que trata de la lepra revelan medidas profilacticas .."

(Daniel-Rops, 1961:359)

A observância da lei aparece como a condição que assegura ao Homem a posse da Divindade, co-herdada com o Verbo - a qual por sua vez, significa a oportunidade de uma "segurança inalterável" e imutável - a permanência:

"O cuidado da instrução é o amor;
E o amor é a observância das suas leis,
E a observâncias destas leis é a
Consumação da imortalidade,
E a imortalidade iguala o Homem a Deus.
É assim que o desejo da Sabedoria
Conduz ao reino eterno. (Sab 6.18-23)
Se a vós, pois, vos agradam tronos e cetros,
Ó reis dos povos,
Amai a sabedoria para reinardes eternamente".

A posse da Divindade - sonho mais antigo do Homem - só po-
de ser alcançada com uma condição: A de que

"Assim como Eu vos amei,
Vos ameis também uns aos outros,
Nisto conhecerão se sois meus discípulos:
Se vos amardes uns aos outros." (Jo 13.35)

Seguindo a verdade em amor,
Cresceremos em tudo em direção
Àquele que é a Cabeça, Cristo." (Ef 4.15)

"Não há sobre a terra, nenhum outro nome, dado aos homens,
pelos quais possamos alcançar esta Divindade" (At 4.12). E
le é a Porta (Jo 10.9).

"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes,
No sangue do Cordeiro,
Para terem parte na Árvore da Vida,
E entrarem pelas portas na cidade" (Ap 22.14-5)

"O Senhor te dará um refrigerio perene;
Encherá a tua alma de resplendores;
Livrará os teus ossos,
E serás como um jardim bem regado
E como uma fonte cujas águas nunca faltarão
E romperá a tua luz como a alva,
E a tua escuridão será como o meio-dia
E a tua saúde rapidamente brotará
E a tua justiça irá adiante da tua face,
E a glória do Senhor será a tua retaguarda."

(Sab 1.13)

A legislação é pois uma característica forte do vínculo do
Criador. Preserva ainda, o direito da pessoa desfrutar esta
co-herança da Divindade, sem que outros com o seu poder a co-
loquem em risco, porque a ela - supremo poder - só se pode-
rá ascender se for por amor e não por qualquer forma de ego-
latria e de auto-afirmação.

Embora assim definida como uma preservação do vínculo com a Divindade, há uma distorção humana, pela qual, a instrução Divina é interpretada como um obstáculo às metas imediatas, auto-delineadas pelo Homem. Pelas satisfação destas metas, o Homem pode preferir virar as costas ao seu Criador.

Aquele que observa a lei "andarã com confiança no seu caminho, nada temerá, mas quando deitar-se o seu sono será suave" [Pr 3.23-24]; A desobediência a ela desencadeia, por outro lado, a culpa e o medo ante o ser onipotente, o que vai gerar dificuldades na manutenção do vínculo com Ele. O Homem vai tentar se esconder de Deus, que está em seu próprio interior:

"E tendo ouvido a voz do Senhor Deus,
Que passeava pelo paraíso, à hora da brisa,
Depois do meio-dia,
Adão e sua mulher esconderam-se
Da face do Senhor Deus
No meio das árvores do paraíso.
E o Senhor Deus chamou por Adão,
E disse-lhe: Onde estás?
E ele respondeu:
Ouí a tua voz no paraíso e tive medo."

[Gen 3,8-10]

O Homem tem medo da Divindade. Não medo de que Ela o deixe, mas medo de que ela se aproxime e o repreenda e castigue como Pai que tudo vê, tudo sabe, tudo assiste.

Por isso, o conhecimento das próprias limitações, o reconhecimento das suas desobediências precisa ser completado pelo conhecimento da intensidade do apego Divino: Misericórdia.

1.3.4. Senhor Que Rege os Acontecimentos da Vida

No texto bíblico, todos os acontecimentos da vida são atribuídos ou a uma decisão ou a uma permissão da Divindade.

"Que coisa te sobrevirá senão o que
For do beneplácito do Altíssimo?" (Eccl 41.61)

"Eu Sou o mesmo desde o princípio,
E não há nada que possa subtrair-se à minha mão"
(Is 43.13)

"E, assim como desce do céu a chuva e a neve,
E não voltam para lá, mas embebem a terra,
Fecundam-na e fazem-na germinar ...

Assim será a minha palavra que sair da minha boca:
Não tornará para Mim vazia,
Mas fará tudo o que eu quero e
Produzirá os resultados para as quais a enviei"

(Is 55.9-10)

Essa é uma característica da Divindade, que encontra resistência no Homem. Ele é capaz de refletir e se delinear metas para o seu próprio desempenho e sempre esbarra com as contradições da vida, a que ele não pode escapar e nem pode dominar.

Todavia, como a Divindade ama o Homem, zela por ele, com misericórdia e compaixão, segundo Ele Mesmo, todas as Suas decisões visam o bem do Homem. Ele enxerga a realidade de uma maneira mais ampla do que um indivíduo e arranja ou rearranja-a em vista do bem comum, que inclui o bem do indivíduo, sem detrimento de outrem.

"Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos,
 Nem os meus caminhos são os vossos caminhos,
 Porque, quanto os céus estão elevados acima da terra,
 Assim se acham os meus caminhos acima dos vossos caminhos,
 E os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos" (Is 55.8)

"Eu sei os desígnios que tenho para vós, diz o Senhor,
 São desígnios de paz e não de aflição,
 Para vos dar o fim de vossos males e a paciência."

(Jer 29.11)

E o profeta o confirma:

"Todos os seus caminhos são de delícias,
 E todas as suas veredas paz." (Pr 8.17)

"Tu és justo, Senhor,
 Todos os teus juízos são justos,
 E todos os teus caminhos são
 Misericórdia, verdade e justiça." (Tob 3.2)

Aqui se revela que o sofrimento humano - e o mais intenso deles e com consequências mais decisivas para a saúde mental é, segundo Bowlby, a separação ou a perda de uma figura de apego - é algo previsto pela Divindade, como um "meio" e não como um fim, para que o homem adquira bens que, de outra forma, ele não obtem. Entre esses bens, identificados pelo profeta como "delícias" e "paz", está a paciên-cia. Como um ser chamado a ocupar o lugar quarto na Trindade; chamado a co-herdar a Divindade com Cristo, homem-Deus, a quem "Todo poder foi dado no céu e na terra" (Mt 28.18).

Esta Divindade é "estável como o Monte Sião, nada há que o abale": não se desorganiza, impaciente e temerosa, diante dos obstáculos com que é confrontada. Ela não sente a sua segu

rança e a de suas metas ameaçadas pelos obstáculos. Ela é um ser soberanamente seguro de si, sabe-se e, coerentemente sente-se um ser capaz de enfrentar desafios. Já o Homem, por sua própria natureza, tende a desorganizar-se diante dos obstáculos. Sente-se ameaçado por eles em sua integridade. Todavia, para assumir a Divindade, ele precisará comportar-se à altura, com dignidade de um filho de Deus. Onde surge a necessidade de re-educar-se, recriar-se, "nascer de novo". Precisa aprender a permanecer inabalável, paciente diante dos obstáculos, na certeza de que tudo vai terminar bem. Para isto, ele precisa, primeiro conhecer que a Divindade está acima dos fatos, tem poder para orientá-los e os orienta infalivelmente para o seu bem, dependendo apenas de que ele confie nela e aguarde pacientemente os resultados finais. Se ele não confiar não aguardará o resultado final, desistirá da luta, perdendo a chance da vitória. Como progenitora e educadora do Homem, a Divindade previu o sofrimento como uma oportunidade de exercitar nele a paciência. Por isso o profeta diz:

"Não te pertubes no tempo da infelicidade,
Sofre as demoras de Deus.
Espera com paciência, a fim de que
No derradeiro momento, sua vida se enriqueça"

[Eclo 2.1-6]

"Todas as coisas concorrem para o bem
Daqueles que confiam no Senhor" [Rom 8.28]
Submete-te pois, Deus, e terás paz." [Jô 22.21]

O Livro de Judith explica quais os dois comportamentos que o Homem pode adotar diante do sofrimento:

"Lembraí-vos como nosso pai Abraão foi provado
E passou por múltiplas tribulações
Para se tornar amigo de Deus.

Assim também Isaac, assim Jacó, assim Moisés,
E todos os que agradaram a Deus,
Passaram por inúmeras tribulações,
Permanecendo fiéis.

Aqueles porém, que não aceitaram a prova,
No temor do Senhor,
E se impacientaram e murmuraram contra Deus,
Foram exterminados. (Jd 8.22-25)

"Ignoraram os desígnios secretos de Deus,
E não esperaram a retribuição da justiça,
Nem fizeram caso da glória
Reservada às almas santas." (Sab 2.22)

Esta realidade exige do Homem um comportamento de apego à Divindade, caracterizado por fé na sua existência, confiança no seu poder e certeza nas suas boas intenções, isto é, uma alegria confiante, tranquila, durante o sofrimento, que o leva a agradecer e louvar a Deus, quer no sofrimento, quer na prosperidade.

Se ele não tiver este vínculo, ele se desorganiza diante dos acontecimentos dolorosos, aos quais não pode solucionar nem escapar, e considera a vida e a Divindade como impiedosas e contrárias a ele. Um comportamento assustado, medroso, nervoso, triste, impaciente diante dos fatos, reflete ausência de um vínculo profundo com a Divindade, mesmo entre aqueles que sempre se dirigem a ela pela oração e outras práticas religiosas.

"Este povo honra-me com os lábios,
Mas o seu coração está longe de mim".

O Criador interpreta como traição ou rompimento do vínculo com Ele, o medo. É uma infidelidade a Ele, pois quem já o conhece, deve sentir-se seguro:

"Não temais a presença do rei da Babilônia,
De quem tendes tanto medo." (Jer 42.11-12)

"Quem és tu, para teres medo de um homem mortal,
E do filho do homem que secará como a erva?

E te esqueceres do Senhor teu Criador,
Que estendeu os céus e fundou a terra?
E todo dia tremes continuamente
Diante do furor daquele que te atribulava,
E se tinha disposto para te perder!" (Is 51.12-3)

"Quem temeste tu, de quem tiveste receio
Para me seres infiel,
Para me apagares da tua memória,
Para não refletires no teu coração?

Por que eu estava calado e parecia não ver,
Por isso te esqueceste de mim." (Jer 57.11-2)

Tendo perdido a esperança num desfecho feliz dos fatos, o homem entra numa fase de desapego, em que começa por dar por perdida a possibilidade do Criador transformar em bem, os acontecimentos amargos da vida e, com raiva, "se impacienta e murmura contra Deus". Por fim, vão re-organizar a sua vida a partir desta perda afetiva fundamental na existência: "Deus não existe", ou, "Deus morreu" (Sl 14.1). Viram-lhe as costas e não lhe tempo de concluir o que estava preparando: "não aguardaram a retribuição da justiça" a justiça da fé, da paciência. Da visão dos fatos pela Divindade (sempre são atos de misericórdia e sabedoria) até a visão dos mesmos pelo homem (abandono, desamor, castigo ou uma omissão de Deus), há uma distorção. A conversão pedida é primeiro, cognitiva: passar a interpretar os fatos como misericórdia e felicidade e não como castigo.

Outros se conservaram fiéis a Deus, não tendo medo diante dos obstáculos, interpretando os sofrimentos como aparecem na revelação: algo inevitável, temporário, com fins ao bem do Homem. Mantêm assim, o vínculo da fé e da confiança nele; põem nele a sua esperança.

"Lembra-te da palavra dada ao teu servo,
Com a qual me deste esperança,
Isto me consola na minha aflição,
Porque a tua palavra me dá vida." (Sl 118.49)

Entre os que na História Bíblica mais fielmente conservaram seus vínculos de fé, de confiança no poder e nas boas intenções do Criador, estão Jesus e Maria. Aceitaram o sofrimento como uma prova de amor. Com isto deram oportunidade e tempo a Ele de realizar o seu plano de metas que tinha preparado para torná-los felizes. Assim, após o sofrimento, puderam receber o prêmio da Ressurreição, da glorificação da forma humana, o que tornou o vínculos que os unia um vínculo inalterável: Mãe e Filho, pela primeira vez na história, após uma separação e perda dolorosas, recuperaram a proximidade para nunca mais se separarem.

Ao anunciar aos amigos a sua Paixão, Ele não deixou de anunciar também a vitória da Ressurreição. Mantendo sempre os olhos fixos na "glória reservada às almas santas", conseguiu passar por cima dos piores sofrimentos:

"O Filho do homem há de ser entregue ao povo,
Escarnecido, injuriado e cuspidos,
E, havendo-o açoitado, o matarão;
E, ao terceiro dia, ressuscitará."

(Luc 18.31-3)

"Deus resgatará a minha alma
Do mais profundo da sepultura-" (Sl 48.15)
"Não morrerei, mas viverei,
E cantarei as obras do Senhor." (Sl 118.17)

Na oração dos salmos, sempre na boca do povo, insiste com a Divindade nas metas almejadas: preservar-se no humano.

"Não deixarás a minha alma na morte,
Nem permitirás que o teu santo veja a corrupção,
Far-me-ás ver as Veredas da Vida;
À tua mão direita há delícias perpétuas."

(Sl 18.6)

Face o vínculo materno que a Ele a unia, ao tomar conhecimento dos fatos que o aguardavam - injúrias, humilhações, morte - sua Mãe, se não estivesse animada pelas fé e pela mesma esperança, teria tentado dissuadi-lo de suportar tais coisas. Mas o "fiat" à maternidade divina se estendia não só às alegrias da infância, mas também à espada da separação e da perda. Não se perde sem dor o que se ama. Mas uma dor sem prostração, porque contrabalançada pela esperança, que nasce do conhecimento, consciência e confiança na misericórdia e sabedoria de Deus:

"Bendito é o teu nome, ó Deus de nossos pais,
Que depois de te irares, usas de misericórdia,
E no tempo da aflição perdoas aos que te invocam.
Para ti, Senhor, volto a minha face,
Para ti dirijo os meus olhos.

Porque não estão ao alcance dos homens
Os teus desígnios.
Mas todo o que te rende culto
Tem por certo que a sua vida,

Se for provada, será coroada,
Se for atribulada, será livre;
Se for castigada,
Poderá acolher-se à tua misericórdia.

Porque tu não te deleitas com a nossa perdição,
Visto que, depois da tormenta, dás a bonança,
E depois das lágrimas e suspiros,
Infundes a alegria.

Seja o teu nome, ó Deus de Israel,
Bendito pelos séculos." (Tob 3.13-4, 20-2)

Largamente prefigurada no Antigo Testamento, pode se atribuir a sua resposta ao anúncio da Paixão de seu Filho, também a passagem de Baruc, que evoca a figura de uma mãe, que em dolorosa despedida, abandona-se confiante, às disposições divinas:

"Entre lágrimas e coberto de luto, deixo-vos partir;
Deus porém, vos devolverá a mim, para uma eterna alegria.
Porque as vizinhas de Sião, que virem a vossa deportação,
Verão em breve, Deus conceder-vos a libertação,
Seguida de imensa glória e de fulgor emanado do Eterno.

Deus revertir-te-á do manto duplo da justiça,
E porá sobre a tua cabeça, um diadema de eterna honra.
Porque Deus mostrará em ti o seu resplendor
A todo aquele que está debaixo dos céus.

Eu esperei sempre a vossa salvação,
E a alegria me vem do Deus Santo,
Por causa da misericórdia que vos virá do Eterno,
Nosso salvador." (Bar 4.22; 5.2-4)

A espada da separação e da perda que traspassou-lhe o coração, não despedaçou a Esperança. Ela ainda chama por Ele.



"Nas fendas da pedra,
Na concavidada da rocha,
Mostra-me a tua face!
Ressoe a tua voz aos meus ouvidos,
Porque a tua voz é doce
E a tua face graciosa." (Cant 2.14)

E os fatos que confirmaram a esperança, indicam que a retribuição da justiça, da parte da Divindade, é proporcional ao sofrimento imposto: A uma grande humilhação, sucede-se uma coroa de glória; à morte, a imortalidade; a um grande tormento, uma grande felicidade. O sofrimento emerge assim, no texto bíblico, como a mais sofisticada forma de proteção e cuidado do Criador em relação ao homem. Segundo uma intencionalidade bem definida, o sofrimento se apresenta como a oportunidade que é oferecida ao homem de salvaguardar o vínculo com o Criador, o único que pode proporcionar ao homem, o sentido de uma proximidade e segurança inalterável, e acesso à condição de co-herdeiro da Divindade, a qual significa uma condição de segurança absoluta: a imortalidade. E o abandono às disposições divinas, aparece como o mais forte padrão de apego à Divindade.

Segundo esta intencionalidade, as situações de rompimento dos vínculos humanos, consideradas por Bowlby como etiológicas em boa parte das perturbações mentais, são permitidas toleradas ou previstas, pelo Criador, como forma de "desapegar" o homem de figuras transitórias de apego, com as quais tende a se identificar, para que reconheça, discrimine e se aproxime da única figura de apego que pode lhe dar o sentido de permanência do ser. Donde se questiona se a patogenia da privação, não estaria tanto na perda de um vínculo já em si, instável, mas na dificuldade daí derivada de se conceber um vínculo estável: um padrão de estabilidade da figura de apego.

1.4. Padrões Arcaicos do Vínculo Afetivo

Tendo examinado a tradição bíblica, encontramos que, em função de origens remotas - uma na criação do universo e outra, anterior a ela - o homem apresenta duas faces ou dimensões, que o inclinam a uma identificação com a figura de apego divina: uma humana, pela qual é criatura feita semelhante à Divindade e outra, mais remota, pela qual é emanação da mesma.

De acordo com o Livro do Gênesis, na pré-história da criação, fora estabelecido o plano de se fazer um ser semelhante ao Criador

"E disse Deus:
Façamos o homem à nossa imagem
Conforme à nossa semelhança."

(Gen 1.26)

Este plano, delineado pelo Criador, realizou-se na criação do universo: O homem como um outro ser, além dele criado à sua imagem e semelhança. Assim, o homem deve a sua existência a uma decisão ou meta traçada por um outro ser, anterior a ele.

"Deus criou o Homem à sua imagem.
 À imagem de Deus o criou.
 Macho e fêmea os criou." (Gen 1.27)

"Deu-lhes discernimento, língua e olhos,
 Ouvidos e espírito para pensar,
 E encheu-os das luzes da inteligência..."(Eclo 17.1-2)

"E disse:
 Eis que agora o Homem
 É como um de nós." (Gen 3.22)

Além de criatura, o Homem aparece também como manifesta-
 ção ou emanção desta mesma Divindade: o princípio que o
 anima, insuflado em suas narinas na Criação é a própria
 Divindade

"Formou o Senhor Deus o Homem do pó da Terra,
 E soprou em suas narinas o fôlego da vida;
 E o homem tornou-se um ser vivo." (Gen. 2.7)

Pelo que, com a Criação do Homem

"O que era invisível
 Tornou-se visível." (I Jo 1.1)
 A vida que estava no Pai
 Manifestou-se a nós." (I Jo 1.2)

Com isto, o salmista conclui:

"Vós sois deuses,
 E todos filhos do Altíssimo,
 Todavia, como homens, morrereis
 E caireis como qualquer dos príncipes." (Sl 81.6-7)

Examinando-se a natureza do vínculo afetivo que une o

Criador ao Homem, encontrou-se que, as atribuições desta figura de apego divina coincidem em parte com as atribuições das principais figuras de apego dos vínculos humanos: pai, mãe, esposo, médico, terapeuta, psicoterapeuta etc., podendo ser eventualmente a figura de apego substituta de todas essas.

Encontrou-se também que todas as características que definem os principais vínculos humanos estão nele presentes:

- A figura específica da Divindade exerce uma atração sobre o Homem.
- Boa parte do comportamento da figura de apego divina, mobilizado pelas mesmas emoções que aparecem associadas aos vínculos humanos, se ocupa em "reduzir a distância" entre o Homem e Ela, ou seja, "em recuperar a proximidade com o Homem, quando perdida, e em mantê-lo próximo" (Bowlby 1984:256).
- Esta proximidade tem uma "função de proteção", um "valor de sobrevivência" (Idem, 1982,124)

Encontrou-se ainda que, por algumas propriedades e habilidades específicas do Criador, tais como: Divindade, onipresença, onipotência e eternidade, essas mesmas características que definem os vínculos humanos aparecem nele

presentes de forma muito mais intensa, numa escala infinitamente maior do que na humana:

- A Divindade exerce sobre o Homem uma intensa atração.
- A proximidade que ela pode manter com o Homem é muito maior, devido à sua onisciência e interioridade, a uma convivência remota com o Homem e. à perspectiva de união transtemporal.
- Seus esforços para recuperar a proximidade com o Homem aparecem muito mais persistentes, devido à maior força das emoções associadas ao seu vínculo: ira, busca, misericórdia, perdão.
- A manutenção deste vínculo tende muito mais intensamente do que os vínculos humanos, a "reduzir o risco de o indivíduo se dar mal" e é sentida "como levando a um alívio da ansiedade e a um aumento da sensação de segurança (Bowlby, 1984:398). Essa função de cuidado e proteção aparece tão fortemente a ponto de ser o Divino, o único vínculo com potencial para ser qualificado de "inalterável" (Idem, 1982:123) e para proporcionar ao Homem uma segurança ontológica, proporcional ao comportamento exploratório, com o qual ele está comprometido no universo e, proporcional ainda, ao conhecimento mais profundo de si mesmo, à busca interior, que culmina no conhecimento do Criador - exploração a que ele é também chamado a empreender.

- Encontrou-se ainda que, por outras características e atribuições específicas da Divindade, como Divindade Legisladora e que rege os fatos da vida humana, o vínculo do Criador é o único que possibilita ao Homem o acesso à Divindade, condição que implica numa garantia absoluta de segurança e de sobrevivência humana.

Assim, pode se concluir que mesmo em seus aspectos diferentes dos vínculos humanos, o vínculo do Criador apresenta as mesmas características dos vínculos humanos de forma muito mais intensa, numa escala infinitamente maior do que a humana.

Em função da semelhança entre os vínculos humanos e o vínculo de Divindade - semelhança anunciada e constatada numa análise interna do texto bíblico, em termos de atribuições e de características do apego da figura Divina - conclui-se que o Homem foi planejado e plasmado de modo a ser "a imagem visível do Deus invisível", ou seja, de modo a reproduzir fisicamente, modelos ou princípios ativos originais e arcaicos, invisíveis e infinitos presentes numa realidade que se revela eterna, anterior a ele: a Divindade. E é animado por estes mesmos princípios nela operantes.

Em outras palavras, a estrutura humana, prevista num plano de metas anteriormente fixado, foi plasmada de forma a, por um lado, reproduzir fisicamente modelos originais ou princípios ativos presentes na Divindade, e, por outro lado a ser o arcabouço físico para conter e expressar essa mesma realidade original invisível e infinita .

Como decorrência desta reprodução geral, conclui-se que, também, a estrutura prototípica que, em formas menos elaboradas, explica o comportamento de apego animal e, em forma mais elaborada, explica o comportamento humano de apego, foi plasmada de acordo com aquele modelo anterior, arcaico, invisível e infinito, de modo a reproduzi-lo fisicamente e a ser o ^{seu} arcabouço físico .

Todavia o repertório de comportamentos aí definidos que o Homem viria a desenvolver é variado e idiossincrático, e leva em conta as variações do ambiente e não um comportamento estereotipado. Isso porque, com vistas a uma profunda e total semelhança com o Criador, o Homem foi dotado de inteligência, criatividade, capacidade de refletir, decidir e improvisar.

Assim, seus sistemas comportamentais responsáveis pelo apego humano, as emoções a ele associadas: raiva, protesto,

busca, tendência a proximidade, função de proteção, e outras manifestações de amor, derivam de modelos divinos, que numa escala infinita, são fortemente caracterizados por eles.

As múltiplas atribuições do Criador, ao serem reproduzidas no humano, assumiriam diversas faces: pai, mãe, esposo, médico, psicoterapeuta etc. Modelados de acordo com as atribuições divinas e ativados pelos mesmos princípios presentes no Criador, os vínculos humanos são formas pelas quais seu vínculo infinito se expressa de maneira sensível e finita. São expressões ou extensões dos sentimentos e atribuições da Divindade. O humano deriva de uma realidade mais arcaica, que antecede à sua criação.

Plasmados de modo a reproduzir finita e visivelmente o vínculo infinito e invisível da Divindade, e a ser o seu arcabouço físico, os vínculos humanos podem ser melhor compreendidos a partir daquele modelo ou princípio original que os ativa e, ao mesmo tempo, podem ser tomados como modelos para se compreender melhor o vínculo da Divindade.

"Porque o que se pode conhecer de Deus
É-lhes manifesto, pois Deus lho manifestou.
De fato, as coisas invisíveis dele,
Depois da criação do mundo,
Compreendendo-se pelas coisas feitas,
Tornaram-se visíveis,
E assim o seu poder eterno e a sua divindade."
(Rom 1.19-20)

"Porque pela grandeza e formosura da criatura,
Se pode visivelmente chegar ao conhecimento
Do Seu Criador." (Sab 13.5)

Em função desta reprodução sensível do vínculo da Divindade, pelo qual ela pessoalmente se humanizou, se fez carne, a sociedade humana foi estruturalmente organizada de acordo com o modelo Divino. No corpo, cada membro tem funções específicas que não cabem aos outros membros. A humanidade é o corpo de Deus e, como todo corpo tem uma cabeça que o orienta e dirige. A Divindade aparece centralizada em Cristo, quem como primogênito da Divindade, vive na "plenitude da Divindade:"

"Ele é a cabeça de todo principado
E de toda autoridade." (Col 1.2)

"A cabeça pela qual, todo corpo
Alimentado e unido pelas juntas e ligaduras
Realiza o seu crescimento em Deus." (Col 2.19)

A humanidade é chamada

"A crescer até que alcance o estado perfeito
Semelhante em estatura e em plenitude a Cristo."
(Ef 4.12-3)

Neste corpo de Deus, ou seja, nesta sociedade humana compreendida como reprodução da sociedade Divina, emergiu no seu devido tempo, a face materna da Divindade. Maria, co-

mo todo ser humano é templo e concomitantemente aspecto da Divindade. Como membro do corpo de Deus apresenta-se com atribuições de Mãe. É mãe daquele que é chamado de "cabeça de todo principado e de toda autoridade" e, por diretriz dele, adota toda humanidade como filho:

"Mulher, eis aí o teu filho,
Filho, eis aí a tua mãe."

(Jo 19.26-7)

2. FUNÇÃO DA FIGURA DE APEGO DIVINA NA PRIVAÇÃO AFETIVA

"Se meu pai e minha mãe
Me desampararem,
O Senhor me acolherá."

(Sl 27.10)

2.1. SITUAÇÕES DE PERDA OU SEPARAÇÃO DA FIGURA DE APEGO

Várias passagens fazem referência a um vínculo especial, com que a Divindade se une às pessoas que se encontram em situações de perda de sua principal figura de apego. Aparece como a Figura Substituta das principais figuras de apego:

"Ele é o Pai dos órfãos,
E o juiz das viúvas." (Sl 67.6)
"O Senhor protege os peregrinos,
Ampara o órfão e a viúva." (Sl 145.9)

O peregrino, aquele que perdeu o vínculo com sua pátria é sempre lembrado entre o órfão e a viúva. Como sua Figura Substituta, é Ele quem provê o seu sustento:

"Ele faz justiça ao órfão e à viúva,
Ama o peregrino,
E dá-lhes o sustento e o vestido." (Dt 10.18)

Para realizar essas suas promesssas, dita normas de comportamento ao "seu povo". Realiza-as sempre por intermédio das próprias pessoas; As leis garantem o cumprimento das promesssas:

"Quando no teu campo segares a tua sega,
E esqueceres uma "gavela" no campo,
Não tornarás a tomá-la:
Para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será;
Para que o Senhor te abençoe
Em toda a obra das tuas mãos." (Dt 24.17-8)

Como Pai está atento às suas necessidades:

"Não desprezará os rogos do órfão,
Nem a viúva que lhe fala,
Não correm as lágrimas à viúva pelas suas faces,
E não clama ela contra aqueles que lhas faz derramar?
Porque elas das faces sobem até aos céus,
E o Senhor que ouve,
Não gostará de a ver chorar."(Eclo 35,17-20)

Como Pai, ainda toma as dores do órfão. Se queixa dos transgressores da Lei:

"... transgrediram perversissimamente os meus preceitos.
Não defenderam a causa da viúva,
Não encaminharam a causa do órfão,
Nem fizeram justiça ao pobre.
Por ventura não hei de eu punir esses excessos,
Diz o Senhor,
E não me hei de vingar duma tal gente?" (jer 5,29)

E propõe ao povo uma conversão - mudança de comportamento de apego em relação a estes:

"Lavai-vos, purificai-vos, tirai de diante dos meus olhos, a malícia dos vossos pensamentos; Cessai de fazer o mal.
Aprendei a fazer o bem, procurai o que é justo, Socorrei o oprimido, fazei justiça ao órfão, Defendei a viúva." (Is 1.16)

Além de Pai, aparece também como o Curador, cuja função é salvaguardar e defender os direitos do órfão e da viúva.

"Não farás mal algum à viúva nem ao órfão.
Se o ofenderdes, eles gritarão por mim,
E eu ouvirei o seu clamor;
O meu furor se acenderá."(Ex 22.23)

"Não toques nos limites antigos,
E não entres no campo dos órfãos;
Porque o seu curador é poderoso,
E Ele mesmo se fará contra ti
O defensor da tua causa." (Pv 23,10-11)

No Livro de Baruc, a Divindade, com ciúmes porque o Homem prefere criar outros deuses "visíveis" para adorar e seguir, passa a enumerar as atribuições da figura de apego Divina que os ídolos - falsos deuses - não conseguem desempenhar:

"Os ídolos...
Nem defendem o fraco do mais poderoso,
Nem livram o Homem de suas necessidades;
Não se compadecem da viúva,
Nem fazem bem ao órfão." (Br 6.36-7)

A promessa bíblica prevê que aquele que aceita o Criador como uma figura de apego substituta, mais tarde ou mais cedo, receberá uma família:

"Pai de órfãos e juiz das viúvas
É Deus em sua santa morada,
Ele fará que o solitário
Viva em família." (Sl 68.5)

Isto parece indicar que o laço com o Criador é genuíno no Homem e independente, paralelo aos laços humanos. É forte o suficiente, para substituí-la e pode substituí-la numa emergência, todavia o apego humano foi previsto por Ele para o Homem e na privação, Ele o proporciona para

aquele que confia nele, providenciando alguém na comunidade humana que o adote. Essa promessa se cumpriu na vida de Elias e outras pessoas,afetivamente ligadas à Divindade, para as quais Ela providenciou pessoas que cuidassem delas.

Desde que a Divindade aparece como uma figura de apego disposta a, numa emergência, substituir as figuras humanas de apego de toda pessoa,

"Não há para ele distinção de pessoas,
O Senhor não faz accepção de pessoas."
(Eclo 32.15)

a adoção dela como figura de apego vai depender da capacidade individual para estabelecer relações íntimas e duradouras, a qual, segundo Bowlby, é fortemente influenciada pela experiência que teve na infância, com a figura dos progenitores. Passamos então, aqui, à abordagem desta variável dominante mas, como veremos na segunda parte deste trabalho, onde examinamos "O comportamento de Apego do Homem em Relação à Figura Divina", outras variáveis, como a natureza da Figura Divina de Apego, as circunstâncias de vida, a aprendizagem etc. podem aí interferir,facilitando ou dificultando a formação do vínculo com a Divindade.

Quanto à capacidade individual para se estabelecer novas relações afetivas, temos que

"Existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos, e certas variações comuns dessa capacidade, manifestando-se em problemas conjugais e em dificuldades com os filhos, assim como nos sintomas neuróticos e distúrbios de personalidade podem ser atribuídos a certas variações comuns no modo como os pais desempenham seus papéis." (Bowlby, 1982:128)

Uma privação afetiva na infância, é considerada por Bowlby como grave, porque capaz de afetar a capacidade de estabelecer novas relações, quando:

- . Ocorre num período especialmente sensível do desenvolvimento, ou seja, entre os 6 meses e os 3 anos;
- . Se a privação afetiva implicou em morte da figura de apego;
- . Se a perda se deu em condições traumatizantes;
- . Se a separação implicou em privação de cuidados;
- . Se a figura de apego perdida não foi substituída por outra.

Resumindo-se, a privação será grave se ao perder a sua figura de apego principal, a criança não tem oportunidade de formar vínculo com uma nova figura, que lhe dispense cuidados e proteção. Neste caso, na sequência emocional então desencadeada, após uma fase de protestos e raiva, em que tenta inutilmente recuperar a proximidade com a figura de apego, a criança entra numa fase de desespero, em

que perde a esperança de recuperá-la e por fim, passa numa fase de "desapego", ou indiferença afetiva,

"... e acabará por não apegar-se a quem quer que seja. Tornar-se-á cada vez mais egocêntrica e, em vez de dirigir seus desejos e sentimentos para as pessoas, passa a preocupar-se apenas por coisas materiais como doces, brinquedos e alimentação."

(Bowlby, 1984:29)

Quando houve perdas dolorosas, ou quando a privação psicológica é suficientemente grave para desencadear um quadro de luto, a pessoa pode apresentar alguns dos padrões de luto patológico citados por Bowlby que vão afetar as relações interpessoais:

- . Angústia persistente, com medo de outra perda ou de morrer também;
- . Desejo de reunir-se à figura por sua volta ou pela morte;
- . Tendência deste anelo a exprimir-se cada vez menos claramente, dirigido para metas obscuras:
 - . Intensificação da auto-confiança compulsiva
 - . Conduta agressiva e destrutiva.

Donde se pode concluir que pessoas que passaram por experiências graves de privação afetiva e não tiveram oportunidade de formar vínculo com uma figura substituta - na

primeira infância, tendem a sentir dificuldade de formar um vínculo afetivo com o Criador, em termos de fé ou de confiança, e podem manifestar em relação a Ele, tendências e auto-suficiência. Isso não vai significar que as pessoas que apresentam dificuldade de estabelecer um vínculo com Ele tenham necessariamente passado por tais experiências, pois outros fatores afetam a resposta do Homem a Ele.

Essa auto-suficiência, segundo Bowlby, esconde um desejo de amor e cuidado; sendo assim, embora a pessoa possa preferir ficar só do que aceitar a Divindade como sua figura de apego, no fundo ela seria afetivamente mais realizada se a adotasse como figura de apego pelo menos substituta.

O medo de que a nova figura de apego a deixe é praticamente inevitável e pode atuar na relação com a figura Divina em dois sentidos: pode levar a um apego intenso a Ele, por suas características de estabilidade, ou pode dificultar a concepção de um ser do qual não se separa.

A situação de perda é por outro lado, passível de facilitar no Homem a formação de apego em relação à figura Divina porque, embora de início se possa rejeitar novas relações com o tempo, após uma fase de apatia, começa-se a buscar novas relações e, sempre que há uma figura de ape-

go com a qual possa relacionar-se e que cuide dela, a criança tende a apegar-se a ele e tratá-la como mãe. Todavia, essa aproximação em relação à Divindade pode aparecer mesclada com raiva e ressentimentos por ter Ele lhe levado a figura humana de apego - passa a atribuir-lhe a responsabilidade pela perda afetiva à medida que cresce em conhecimento dos atributos de onipotência do Criador. Esse resultado ambivalente da aproximação da Divindade pode criar sentimentos de culpa que vão dificultar a relação com Ele; podem ocorrer comportamentos cada vez mais emascarados de tentativas de fuga à sua "onipresença".

2.2. PRIVAÇÃO ENCOBERTA OU PSICOLÓGICA

Prugh e Harlow (1963), chegam à conclusão de que mesmo sem haver uma separação ou perda física, há situações familiares de privação afetiva tão graves quanto as ocasionadas por aquelas. Ocorre muitas vezes, uma incapacidade de amar, de acolher e cuidar da criança, um comodismo que considera a criança como um estorvo e a rejeita, ora declaradamente, ora veladamente, atrasando a alimentação da criança, irritando-se ou batendo nela quando ela chora ou precisa de algo. São formas de rejeição que a criança pode perceber inconscientemente e não tem como solucionar, e que colocam em jogo sua sobrevivência, pois, dada à sua imaturidade está na dependência do adulto para se alimentar, se banhar, se vestir etc.

Uma relação afetiva assim caracterizada na infância, pode dificultar a concepção de um Deus que a ama e lhe quer bem.

Quanto à sequência emocional em relação à privação psicológica, Bowlby não menciona uma classificação especial específica. Tudo indica que se pode atribuir à mesma, a mesma sequência de reações emocionais observada nas situações de separação e perda física: Protesto e ansiedade de separação; Desespero e luto; Desapego e mecanismos de de-

fesa.

Assim a uma criança que passa por uma experiência de rejeição da principal figura de apego, se pode atribuir as seguintes etapas:

1. Aos poucos, na sua convivência com a figura de apego dar-se-á conta, através de palavras e atitudes, que a figura de apego evita a proximidade com ela e não lhe dispensa os cuidados esperados, não lhe suscitando uma sensação de proteção e segurança, mas de ansiedade de separação e medo, mesclada com raiva, protesto, velados ou não, - e as mais diversas formas de comportamento que objetivam recuperar ou obter a proximidade, merecer o cuidado e proteção, fazer-se amada, tais como: exibicionismo, doenças e outras formas de chamar a atenção; Por amor a si mesmo, pelo instinto de sobrevivência, o self quer se fazer amado e mantém a esperança de conquistas aquele amor, recuperar ou obter a proximidade e proteção tão importantes à sua sobrevivência.
2. Pouco a pouco, porém, enquanto se firma a consciência e a certeza da rejeição, vai minando a esperança da conquista, porque não vê como resolver o problema; todas as mudanças que pensou que poderiam solucionar o problema e recuperar a proximidade, o afeto e o cuidado, não resolveram. A criança sente-se impotente ante algo tão importante a sua sobrevivência. Perde então, por fim, a

esperança da conquista, entrando num quadro de luto subjetivo: não houve perdas ou separações físicas, mas o self perdeu a esperança de obter a proximidade, o afeto, o cuidado, a segurança, o apoio. Enquanto vai desistindo de alcançar estas metas vai desorganizando-se interiormente, sentindo-se um ser altamente exposto; o medo e a insegurança se avolumam.

Enquanto vai desistindo de sua meta inicial, a criança passa na vida também, gradativamente, a se confrontar com a realidade da morte: Mais uma realidade que ela não terá como resolver e agrava o seu quadro de desorganização.

3. Numa terceira fase, tentando re-organizar-se a partir da perda afetiva, se propõe desapegar-se de sua original figura de apego e formar novos interesses e novas metas viáveis de vida, que proporcionem certa satisfação ou certa realização:

- uma ou mais formas seguras, imediatas e intesas de satisfações, capaz de fazer-la esquecer seu problema insolucionável. Uma variante que pode conduzir à auto-destruição
- Uma forma de destacar-se socialmente, pensando assim, fazer-se merecedora de amor. A busca de prestígio social será tão maior quanto maior tiver sido a ferida do amor próprio, causada pela privação psicológica. Enfim, a busca original do amor tende a expressar-se cada vez menos claramente e dirigir-se para metas obscuras.

Em ambas as direções que ele prefere trilhar - a das satisfações substitutivas ou da auto-afirmação compulsivas - o "self" permanece de luto e pode passar toda a vida assim, sem enxergar a sua problemática existencial fundamental: Que na infância, em vez de substituir a figura de apego principal - tão necessária à sua saúde mental - por outra capaz de lhe dar maior segurança - tentou substituí-la por formas efêmeras de satisfações ou de realizações pessoais que não podem lhe conferir segurança, paz, felicidade, não podem ressuscitar o "self" que está passando a vida de luto.

Aplicamos a esta situação os conceitos encontrados na tradição bíblica, que possam fornecer uma pista para o destino deste "self" de luto. Confirmando ou, aludindo a uma situação de luto, Jesus por exemplo, refere-se aos vivos como a "mortos". "Deixai os mortos sepultarem os seus mortos" (Mt 8.22). "Este meu filho estava morto e reviveu". (LC 15.24) disse o Pai acerca do filho que voltou do seu dissoluto comportamento exploratório numa terra distante.

Partindo-se do pressuposto de que a história individual repita a história do Homem, pode-se dizer que a segunda fase emocional em que o self se dá conta da rejeição pessoal e entra num quadro de desespero e desorganização, em que por fim, o luto se instala, equivale à primeira queda do Homem, cuja consequência foi uma morte psicológica: "Se

comerdes deste fruto morrereis, indubitavelmente". (Gen 1.16). Adão e Eva o comeram e, "pela desobediência de um só Homem entrou a morte no mundo" (I Co 15.21): A morte prevista não foi a morte física imediata, pois Adão e Eva continuaram vivos mas uma forma psicológica de morrer.

Algo, alguma condição, alguma forma de consciência foi perdida. Assim na história pessoal, um estado de luto velado se instala no "self" em decorrência de uma "condenação à morte", que ele subentende nas atitudes e palavras de acusação da pessoa responsável por sua proteção e sobrevivência. "Fique quieto", "você me atrapalha", "para que você nasceu?" que pareceu dizer: "você devia morrer". A conveniência pessoal pode arrancar ao outro o direito de viver, pode condená-lo à morte. A relação familiar, que deveria ser afetiva, apresenta-se como um tribunal e o novo ser terá que arranjar um argumento para "ainda estar vivo"; Por isso a obsessão do poder e prestígio pessoal será proporcional à rejeição ou privação, experimentadas subjetivamente ou não. Há na história pessoal uma situação de tribunal e condenação à morte velada ou não, instalada na relação familiar de rejeição, claramente ilustrada na história de Jesus em que sem motivo, ele foi condenado à morte; Embora não houvesse motivo que o justificasse pois "passou a sua vida fazendo o bem a todos" (At 10. 38) e os "olhos de todos", seduzidos pela Divindade, "estivessem fixos nele" (Lc 4.20), alguns

"Formavam conselho entre si, contra Jesus,
Para o condenarem a morte;
E prendendo-o, levaram-no
E o entregaram ao governador Pôncio Pilatos.

Então Judas, o que o traíra,
Vendo que fora condenado ...
Disse: Pequei, traindo um sangue inocente.
Eles, porém, disseram:
Que nos importa? Isso é contigo".

(Mt 27.1-4)

A conveniência pessoal, o egoísmo humano e outros fatores que parecem compor a natureza humana identificada como "a dureza da sua cerviz", têm uma solução fácil para os problemas que o ser mais fraco está-lhe causando: a eliminação. Pode se eliminar o outro diretamente por um ato mortal, ou pode se eliminar o outro paulatinamente pelas palavras.

A palavra é um poder que distingue o Homem dos animais e o assemelha ao Seu Criador. Como Ele, que pela palavra, chamou o universo à existência: "faça-se a luz! E a luz foi feita" (Gen 1.3), o Homem também pela palavra pode confortar, elevar, edificar o "self", o universo interior ou, pode ferí-lo, magoá-lo, acusá-lo, culpá-lo, condená-lo, destruí-lo, fazê-lo por si próprio perder o amor e o respeito e a esperança. Pela palavra manifesta ou velada - apenas em pensamentos e desejos - pode-se aproximar alguém ou afastá-lo, protegê-lo ou condená-lo.

A Paixão de Cristo retrata a tragédia humana pessoal, no tribunal familiar.



Quando Ele veio estar com o homem, este O colocou num tribunal. Ele foi acusado e condenado à morte por este tribunal humano, mas "não abriu a sua boca" (Is 53.9) para acusar o homem, nem sob o pretexto de se defender:

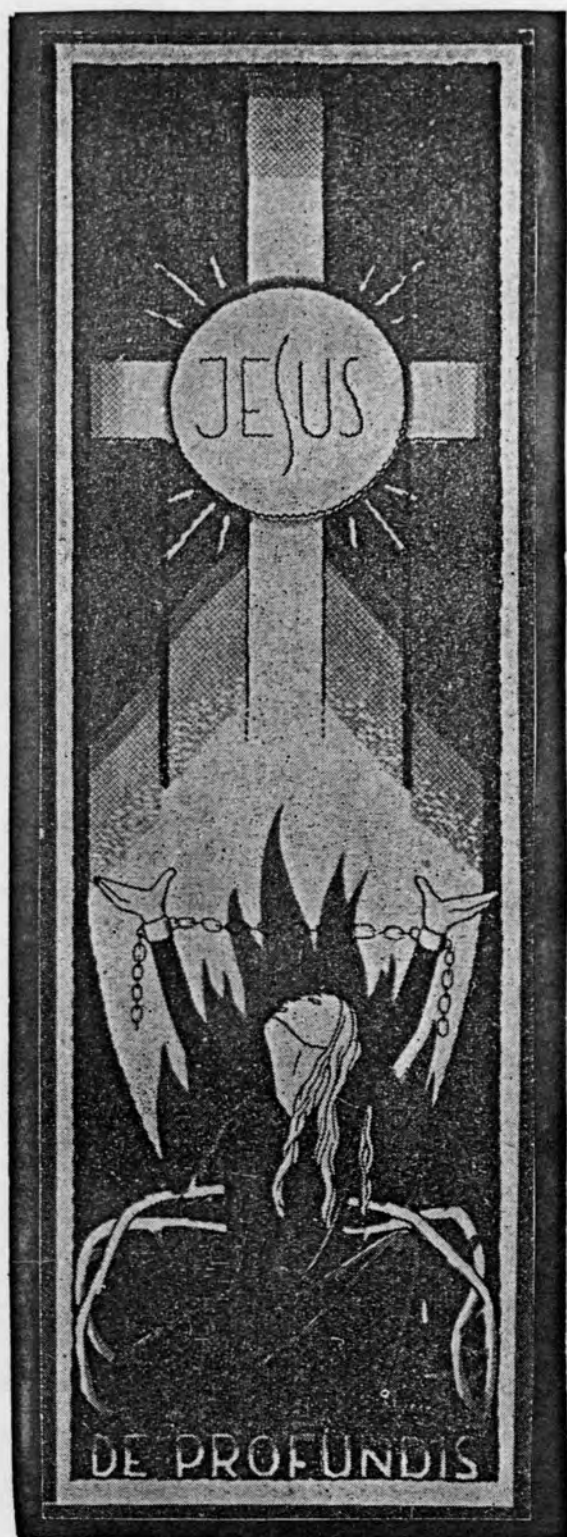
"Não ouves de quantas coisas te acusam?
Perguntou-lhe Pilatos:
Mas Ele não respondeu coisa alguma." (Mt 27.14)

Todavia, abriu a sua boca ante outro tribunal maior - o Divino - mas para desculpar o homem: "eles não sabem o que fazem" (Lc 23.34) e com sua palavra capaz de construir ou destruir universos internos e externos, "Ele intercedeu pe los homens" (Is 53.12):

"Pai, perdoai-os" (Lc 23.24)

E com Sua palavra, redimiu o homem. Essa a palavra de perdão, que no tribunal interior fala mais alto e liberta o homem.

Assim, com relação aos conceitos de origem freudiana, basicamente compartilhados por todas as escolas psicanalíticas e adotado por Bowlby, que centralizam o desenvolvimento dos distúrbios emocionais no papel da figura materna, nos inclinamos, após esta análise, a aceitar que a patogenia da privação não está tanto na ausência de um vínculo estável mas na dificuldade daí derivada de estabelecer um vínculo íntimo e profundo com o Criador, o único vínculo capaz de libertar o homem, desde as camadas mais profundas que o oprimem na inconsciência da relação humana.



"Das profundezas
Clamo a ti, Senhor"
(Sl 130.1)

3. COMPORTAMENTO DE APEGO DO HOMEM EM RELAÇÃO AO CRIADOR

"A impossibilidade de conceber este grande e maravilhoso universo, com nossos "eus" conscientes, como obra do acaso, é, a meu ver, o argumento principal a favor da existência de Deus."

Darwin, Autobiografia

3.1. Variáveis que Interferem no Comportamento de Apego à Figura Divina

Segundo a hipótese central de Bowlby, no apego,

"o conjunto integrado de sistemas comportamentais envolvidos é facilmente ativado, especialmente pela partida da mãe ou por algo assustador, e os estímulos que mais efetivamente finalizam os sistemas são o som, a visão e o contato da mãe. Até a criança completar o seu terceiro aniversário, os sistemas continuam sendo muito facilmente ativados. Daí em diante, na maioria das crianças, eles passam a ser ativados com menos facilidade e também passam por outras mudanças que tornam menos urgente a proximidade com a mãe."

(Bowlby, 1984a:193-4)

O ruído forte, a escuridão, a aproximação de estranhos, situações que provocam medo porque implicam em perigo e risco, suscitam um intenso comportamento de apego em relação a "algum indivíduo diferenciado e preferido, o qual é usualmente considerado mais forte e (ou) mais sábio."

(Bowlby, 1982:122). Existe "uma propensão autônoma para um comportamento peculiar dirigido a objetos com certas propriedades" (idem, 1984:194), com atribuições de proteção e cuidado.

O comportamento de apego então observado

"inclui o choro e o chamamento, que suscitam cuidados e desvelos, o seguimento e o apego, e também os vigorosos protestos." (Idem, 1982:122)

Questionando-se se os sistemas comportamentais responsáveis pelo apego são ativados e finalizados em relação à Divindade, também pelas circunstâncias externas, observou-se no texto bíblico que sim; realmente, assim como na criança eles são ativados por algo assustador, no Homem eles são igualmente ativados em direção à figura Divina, nas situações de angústia, nos momentos de crise, de calamidade, enfim, em situações que suscitam medo, porque implicam em risco e perigo. Exemplos claros são encontrados por exemplo, no Livro dos Salmos, a oração do povo. Nele, a angústia, um dos temas centrais, é o motivo da aproximação de Deus:

"Angústias do inferno se apoderaram de mim:
Encontrei aperto e tristeza.
Então invoquei o nome do Senhor, dizendo:
Ó Senhor, livra a minha alma." (Sl 116:3)

Tende piedade de mim, Senhor,
porque estou em angústias;
Definham de tristeza os meus olhos,
A minha alma e o meu corpo. (Sl, 30.10)

Esperei por alguém que tivesse compaixão
Mas não houve nenhum;
E por consoladores, mas não os achei. (Sl 68.20)

Agora pois, Senhor, que espero eu?
A minha esperança está em ti. (Sl 38.7)

Olha para mim, e tem piedade de mim,
Porque eu me vejo só e aflito.
Alivia as angústias do meu coração,
Livra-me das minhas aflições. (Sl 24, 16-8)

Exemplos típicos são também os períodos de guerra, invasão de outros povos, deportação, como os narrados nos livros de Judith, de Daniel e outros, em que o povo chorava, clamava, chamava por Deus, jejuava, propunha-se a seguir os seus preceitos. De acordo com o Livro de Jonas, para o povo de Nínive, bastou a menção de uma calamidade social para que o povo manifestasse um forte comportamento de apego para com o Criador:

"E Jonas correu pela cidade durante um dia,
E pregava dizendo:
Daqui há quarenta dias, Nínive será destruída.
E os homens de Nínive creram em Deus.
E proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco,
Desde o maior até ao menor.
Porque esta palavra chegou ao rei de Nínive,
E levantou-se do seu trono,
E tirou de si os seus vestidos, e cobriu-se de saco,
E assentou-se sobre a cinza." (Jonas, 3.5-6)

Os comportamentos de apego à figura Divina, em decorrência de uma situação de crise, incluem: orar, clamar, chamar, chorar, seguir seus preceitos, se converter. Manifestações de um apego mais intenso, incluem jejuar, se privar e desapegar de valores humanos que estão em contradição com o apego à Divindade, como o luxo e a ostentação pessoal, que nada significam para ela, pois ela olha para o coração (II Sam). O comportamento de apego à Divindade mais evidente e frequente é a oração: é o ato de se aproximar da figura Divina. Assim, na Bíblia, algumas das mais belas orações parecem ter brotado do coração humano nestes momentos de crises.

À medida porém que as coisas melhoram, e ele sente certa segurança de que pode se firmar sozinho, independente da figura Divina, esses sistemas comportamentais "passam a ser ativados com menos facilidade e também passam por outras mudanças que tornam menos urgente a proximidade" com a figura Divina. Este sentimento de auto-suficiência humana mantém o Homem afastado de seu Criador, nos períodos de prosperidade, bem estar social e pessoal, realização afetiva.

"Eu dizia na minha prosperidade:
Não vacilarei jamais."

(Sl 29.6)

Por isso,

"É mais fácil um camelo passar
pelo fundo de uma agulha,
Do que um rico entrar no reino dos céus."

(Mt 19.24)

considerando-se como reino dos céus, a aceitação da fé.

Consideramos que os sistemas comportamentais responsáveis pelo apego são ativados ou finalizados pelas circunstâncias, em relação à Divindade, não em função da idade, como na criança dependente fisicamente do cuidado materno, mas em função da maturidade do vínculo para com a Divindade.

Este comportamento de apego intensificado por circunstâncias externas tende a ser situacional e transitório, superficial, imaturo ou quase dependente, e não pode ser confundido com um vínculo mais puro, eliciado não por situações externas, mas por uma atração específica ou por um vínculo mais profundo, como por exemplo, um comportamento exploratório qualquer, em que o Homem perde de vista o seu Criador, não só porque as coisas vão bem e as formas o seduzem, mas também porque sente um mais profundo sentimento de segurança,

"Quando a mãe está presente ou seu paradeiro é conhecido, e ela está disposta a participar num intercâmbio amistoso, a criança geralmente deixa de apresentar o comportamento de ligação e prefere explocar o seu meio ambiente. Nessa situação, a mãe pode ser considerada como a fornecedora de uma base segura a partir da qual a criança fará suas explorações, e à qual regressará, sobretudo quando se cansar ou se assustar. No restante de sua vida, a pessoa é suscetível de manifestar o mesmo padrão de comportamento, afastando-se cada vez mais e por períodos cada vez maiores daqueles a quem ama, ainda que mantendo sempre o contato e regressando, mais cedo ou mais tarde. A base a partir de onde um adulto opera será a sua família de origem, ou então uma nova base que ela criou para si mesmo. Qualquer indivíduo que não possua tal base é um ser sem raízes e intensamente solitário."

(Bowlby, 1982:125)

Assim, conclui-se que a segurança oferecida por uma forte consciência da onipresença da figura Divina de apego, e pela consciência de que ela está próxima e "disposta a participar num intercâmbio amistoso" leva o homem a "deixar de apresentar o comportamento de apego, afastando-se

2.1.1. Natureza Divina

Algumas características da Divindade atraem o Homem, favorecendo a formação do vínculo enquanto que outras dificultam a manutenção da proximidade com ela.

2.1.1.1. Variáveis que facilitam a formação do Vínculo

Algumas características, principalmente aquelas, pelas quais a figura de apego Divina exerce as mesmas atribuições que as principais figuras de apego humana e possui as mesmas características do vínculo humano, e ainda as possui mais intensamente do que os vínculos humanos, são variáveis da parte do Criador, que "atraem" o Homem. Face à fragilidade da natureza humana e a sua tendência natural à manutenção de proximidade como um ser superior, mais forte e mais sábio, estas características do Criador favorecem a formação do vínculo. São elas:

2.1.1.1.1. Atração que a Figura Divina exerce sobre o Homem.

2.1.1.1.2. Maior proximidade da figura de apego Divina em relação à figura de apego humana, devido à sua capacidade de interioridade e onipresença, à origem mais

remota da relação humana e à perspectiva transtemporal de união, que ela oferece.

2.1.1.1.3. Maior capacidade de proteção, que proporciona uma segurança ontológica, proporcional ao comportamento exploratório que o Homem deve desempenhar no universo externo e no interno, devida à: .

- . Cuidados que pode dispensar, face à atribuições próprias das principais figuras de apego humana: pai, mãe, esposa, terapeuta, psicoterapeuta, além das específicas da Divindade.
- . Sua onipotência e onipresença.

2.1.1.1.4. Segurança absoluta que pode proporcionar, em termos de sobrevivência, passando o Homem da condição humana, mortal, à condição de co-herdeiro da Divindade, em face das normas de conduta estabelecidas por ela e do controle dos acontecimentos.

2.1.1.1.5. Emoções associadas ao apego mais forte do que nos vínculos humanos, que implicam em maiores esforços no sentido da recuperação da proximidade com o Homem: ira, busca, misericórdia, perdão.

2.1.1.1.6. Universalidade das figuras de apego do Criador, pela qual não faz acepção de pessoas, e reco-

nhece a todas pelo seu nome próprio.

2.1.1.1.7. Maior universo de figuras de apoio do indivíduo, onde todas as pessoas devem ser vistas como irmãs, filhas do mesmo Pai.

Essas características que conferem ao vínculo do Criador um potencial para ser "inalterável" - uma condição de vínculo sonhada pelo Homem desde o berço - fascinam o Homem.

"Logo que me deito, em paz adormeço,
Porque só Tu, ó Senhor, me pões em segurança."

(Sl 4.9)

2.1.1.2. Variáveis que tendem a dificultar a manutenção da proximidade com a figura do Apego Divino

Já outras características e atribuições específicas da figura de apego Divina, que implicam da parte do Homem em comportamentos de apego específicos para com a Divindade diferentes dos comportamentos de apego ao humano, constituem variáveis que dificultam a formação do vínculo com a Divindade. São elas:

2.1.1.2.1. Invisibilidade

A invisibilidade dificulta a manutenção da proximidade com a Divindade, porque implica da parte do Homem em:

- . comportamento exploratório que finalize em:
 - . discriminação e reconhecimento da figura de apego Divina, por um ato de reflexão profunda acerca da realidade;
 - . louvor, num ato de admiração;
- . comportamento de interiorização e oração - por um ato de fé - numa busca direta da Divindade, com vista a uma relação afetiva.

Estes comportamentos encontram resistência e barreira na natureza sensível do Homem, que tende a distrair-se no seu comportamento exploratório, com laços que o atraem e seduzem.

2.1.1.2.2. Divindade

A característica de Divindade do Criador requer da parte do Homem o reconhecimento de sua superioridade, e o ato de reverência e admiração.

A tendência a aproximar-se de Deus para adorá-lo, parece tão natural e imperiosa no texto bíblico que, na falta do próprio Deus, o povo criou um bezerro de ouro para adorar; o Homem, não podendo suportar a invisibilidade e a espera da Divindade real, prefere "desapegar-se" desse Deus que demora e se esconde aos sentidos e criar outros ídolos que se deixem ver; ou então se apega às coisas visíveis: àquilo que do próprio Deus se pode ver:

"Porquanto eles buscam-no pelo exame de suas obras,
E são seduzidos pela beleza das coisas que vêem.
Estes homens são menos repreensíveis,
Porque, se caem no erro,
É talvez, buscando a Deus, e desejando encontrá-lo."

(Sab 13.7,1)

Assim, embora mantenha o Homem afastado de seu Criador, o apego ao sensível deixa transparecer no fundo, uma busca angustiosa da Divindade - emerge como uma forma de ansiedade gerada pela separação da figura Divina.

Por outro lado, como o Homem foi criado à imagem e semelhança da Divindade, e é animado pelo próprio Espírito de Deus, ele tem um potencial divino latente, que aspira a realização plena e o mobiliza, de forma que, o primeiro impulso que a Divindade lhe suscitou foi a competição e a inveja - o desejo de ser igual a Deus, pelo que ele não relutou em desobedecer às diretrizes divinas.

2.1.1.2.3. Divindade Legisladora

As leis impostas implicam, da parte da Divindade, um vínculo muito forte, porque foram prescritas "para que sejas feliz." (Dt 6.10), pois:

- Visam o bem comum, se resumem em amar.
- Visam dar ao Homem acesso à condição de co-herdeiro da Divindade, o que significa uma segurança absoluta:
 - . assegura a união com o Criador;
 - . assegura a sobrevivência do Homem.
- Visam assegurar o tranquilo desfrutar desta condição de co-herdeiro da Divindade, restringindo esta condição de supremo poder a

"Quem tem as mãos limpas e o coração puro,
Quem não é vaidoso e sabe amar."

(Sl 24.4)

Todavia, há, da parte do Homem, uma distorção desta realidade, pela qual a lei é interpretada como um obstáculo às metas imediatas auto-delineadas por ele, motivo pelo qual, muitas vezes, ele prefere romper com o seu Criador, para alcançá-las.

2.1.1.2.4. Senhor que rege os acontecimentos da vida

A Divindade dirige os fatos da vida humana de modo a convertê-los em última instância, em bem para o homem; Assim, neste contexto, os sofrimentos humanos, como por exemplo, os ocasionados pela separação ou perda dos laços afetivos das figuras de apego humanas - para Bowlby, os principais aparecem como providenciais: são uma forma de alvagar-se o único vínculo "inalterável" capaz de garantir ao Homem uma segurança ontológica, proporcional ao comportamento exploratório no universo e uma segurança absoluta e perene, em termos de sobrevivência.

Em função desta atribuição Divina, a manutenção do vínculo com a Divindade implica, da parte do Homem, em dois comportamentos difíceis para ele:

- abrir mão de metas auto-delineadas, que em geral visam satisfações sensíveis e imediatas, em favor das metas de outro ser, isto é, exige docilidade ao Criador, que implica em conhecê-lo, confiar que suas decisões são para seu bem e que ele tem poder para realizar a sua felicidade;
- paciência, para "sofrer as demoras de Deus" (Eclo 2) crer no que não vê ainda, sem desfalecer; isto significa esperar no resultado final, sem murmurar, mas

com serenidade e alegria confiantes, na certeza e esperança de que o Criador tirará partido de todas as situações para o seu bem.

Estes dois comportamentos são difíceis para o Homem, porque:

- prefere suas próprias metas: não é capaz de conceber outras, ou acreditar que o Criador vise o seu bem e tem melhores condições do que ele para decidir e agir - auto-suficiência humana.
- seu natural é impaciente, e com as demoras, ele tende a perder sua esperança, a alegria e a serenidade, assim, à medida que as coisas vão bem, permanece o apego à Divindade e se desfaz quando as coisas vão mal.

2.1.2. Natureza Humana

A natureza humana aparece contraditória e ambivalente em relação à Divindade. Por um lado, o Homem sente uma tendência inata, natural para o Criador. É atraído pela Divindade; deseja adorá-la e dirige-lhe um afeto especial - afeiçoou-se à pessoa de seu Criador. A segurança e a paz que ela pode lhe proporcionar respondem a necessidades básicas dele.

Todavia, por outro lado, essa mesma natureza humana resis
te às características da Divindade, devido a:

- sedução pelo mundo das formas; pelo sensível e ime-
diato;
- aspiração ao poder;
- tendência à uma relação de competição e não de iden-
tificação;
- auto-suficiência humana;
- auto-comando, liberdade de se delinear metas;
- impaciência.

A ação conjunta destas e outras características parecem con
ferir à natureza do Homem uma tendência a manter-se afas-
tado de seu Criador, explicada como dureza do coração hu-
mano:

"Temos sido rebeldes ao Senhor nosso Deus;
Não lhe quisemos estar sujeitos,
Não ouvimos a voz do Senhor.
E dissipados, nos afastamos dele,
Para não ouvir a sua voz.

E cada um de nós andou segundo o sentido
E a inclinação do seu coração corrompido,
Para servir a ídolos,
E praticar obras más diante dos seus olhos."

(Br 1.15-22)

2.1.3. Experiências com a Figura de apego Protótipo

Além dessa tendência natural no Homem, ainda vai influenciar na resposta pessoal ao vínculo do Criador, a capacidade individual para estabelecer vínculos afetivos. Esta, segundo Bowlby, é fortemente determinada pelas experiências com a figura de apego protótipo, nos primeiros anos de vida.

"Existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade para estabelecer vínculos afetivos."

"A natureza da figura para a qual o comportamento de apego é dirigido durante a infância tem, portanto, numerosos efeitos a longo prazo."

(1969:213)

A relação familiar às vezes contamina também a imagem do Criador. Muitos pais usam a figura de Deus como forma de controle sobre os filhos, conforme estudo conduzido por McDavid e Harari.

Assim, a relação com Deus depende de "um processo de remodelação de modelos representacionais interiores." (Bowlby, 1985:97). O processo de se estabelecer e manter relações íntimas e duradouras com ela, requer que se abandone os modelos de Divindade aprendidos e internalizados nas relações humanas anteriores.

2.1.4. Aprendizagem

Devido à sua invisibilidade, a discriminação e reconhecimento da figura de apego Divina fica condicionada, senão a uma revelação pessoal, ou a uma reflexão mais profunda acerca da realidade, à aprendizagem. Por isso Ele instruiu mensageiros:

"Ide, pois,
e ensinai a todas as pessoas."
(At 28.19)

No Antigo Testamento, inúmeras passagens dão ênfase ao papel dos pais em apresentar aos filhos a figura de apego Divina:

"Ensine a criança no caminho que deve andar
E ainda quando envelhecer
Não se desviará dele" (Pr 22.6)

E estas palavras, que hoje te ordeno,
Estarão no teu coração,
E tu as ensinarás a teus filhos,
E delas falarás assentado em tua casa,
E andando pelo caminho,
E deitando-te e levantando-te."

(Dt 6.6-7)

"Conte aos teus filhos e aos teus netos
As maravilhas que fiz no Egito.
E os prodígios que operei no meio deles."

(Ex 10.2)

"E quando teu filho te perguntar um dia
 O que isto significa, dir-lhe-ás:
 É que o Senhor nos tirou do Egito
 Com a sua mão poderosa, da Casa da Servidão."

(Ex 13.13-14)

Esta propaganda se faz necessária por causa da dificuldade que o Homem tem em discriminar e reconhecer, imerso como está, num mundo de formas que o seduzem, uma figura de apego invisível.

2.1.5. Circunstâncias da Vida

Situações que podem ativar o comportamento de apego à figura Divina - situações de crise, tais como:

- . Perigos, calamidades, catástrofes:
 Situações de desproteção;
- . Perdas efetivas, solidão, abandono;
- . Aflição, angústia, tristeza;
- . Doenças, enfermidades, confronto com a morte;
- . Dificuldades econômicas.

Circunstâncias que podem finalizar o comportamento de apego à Figura Divina, tais como: realização afetiva, saúde, prosperidade, períodos de paz e outras opostas àquelas. A seguir compomos as variações que o apego à Divindade pode assumir em função das circunstâncias de vida:

VARIAÇÕES POSSÍVEIS DO APEGO À DIVINDADE EM FUNÇÃO DAS CIRCUNSTÂNCIAS

	Natureza do Apego antes e após uma Situação de Crise		Resultado da Crise	Curso Provável do Apego na Prosperidade
	Antes	Após		
1.	Ausente	Ausente	Não houve alteração	Tendência Agnóstica
2.	Ausente	Emergente	Conversão	Tendência a romper-se
3.	Ausente	Consistente	Conversão	Tendência a permanecer e se fortalecer
4.	Emergente	Emergente	Não houve alteração	Tendência a permanecer superficial; pode romper-se
5.	Emergente	Consistente	Amadurecimento	Tendência a permanecer e se fortalecer
6.	Emergente	Ausente	Perde apego	Tendência a um apego imaturo e superficial, instável
7.	Consistente	Consistente	Não houve alteração	Tendência a permanecer e se fortalecer
8.	Consistente	Ausente	Perda de apego	Agnose. Pode voltar a ser consistente
9.	Consistente	Emergente	Regressão Psicológica	Regressão que pode ser transitória, situacional. Pode voltar a ser consistente.
10.	Consistente	Consistente + Emergente	Acumulação	Tendência a permanecer e se fortalecer. Acumulação que pode ser situacional e regredir quando firmar um laço humano.

2.2. Padrões de apego e de desapego ao Criador

Em função das características do vínculo do Criador, identificou-se alguns padrões de apego e de desapego ao Criador. Por padrões de apego compreende-se a presença de um vínculo profundo com a figura de apego divina e por padrões de desapego compreende-se a ausência de apego ou a presença de um apego superficial.

CARACTERÍSTICAS DO CRIADOR	PADRÕES DE APEGO AO CRIADOR Um vínculo profundo com a Divindade implica em:	PADRÕES DE DESAPEGO AO CRIADOR Atitudes que implicam em ausência de vínculo com o Criador ou num vínculo superficial com Ele.
<p>1. Maior Proximidade, em termos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Interioridade, onipresença; . Origem mais remota; . Perspectiva transtemporal; . Emoções associadas: Misericórdia, perdão <p>2. Paternidade Divina</p> <ul style="list-style-type: none"> . Por suas atribuições de pai - mãe, como Criador do Homem; . Pela universalidade de suas figuras de apego - não faz acepção de pessoas <p>3. Ampliação do universo de figuras de apoio pelo cumprimento da lei de amar o próximo</p>	<p>1. Sentimento de companheirismo</p> <p>2. Sentimento de filiação e dignidade divina; auto-valorização; sentimento de igualdade</p> <p>3. Reconhecimento, Valorização e respeito pela pessoa do outro</p> <p>4. Boa convivência e interações sociais felizes</p>	<p>1. Solidão, isolamento, auto-suficiência</p> <p>2. Auto-desvalorização; sentimentos de inferioridade</p> <p>3. Desvalorização da pessoa do outro.</p> <p>4. Dificuldades de estabelecer e manter relações interpessoais</p>

4. Invisibilidade	<p>5. Comportamento exploratório que finalize em:</p> <ul style="list-style-type: none"> . reconhecimento da figura de apego divina por um ato de reflexão profunda acerca da realidade . louvor e admiração por sua inteligência e poder. <p>6. Comportamento de interiorização e oração, num ato de fé</p>	<p>5. Sedução e envolvimento com o mundo sensível que impede o reconhecimento da figura de apego divina</p> <p>6. Desconhecimento e negação do Criador. Ceticismo, incredulidade, ateísmo</p>
5. Divindade	<p>7. Atração pela Divindade</p> <p>8. Adoração, reverência e outros comportamento que impliquem em reconhecimento da superioridade da Divindade</p>	<p>7. Inveja da Divindade, competição, aspiração ao seu poder.</p> <p>8. Auto-suficiência, irreverência, idolatria a coisas e valores que impliquem em negar ou desconhecer a superioridade da Divindade</p>
6. Divindade Legisladora	<p>9. Confiança nas boas intenções do Criador</p> <p>10. Obediência às suas leis</p>	<p>9. Desconfiança nas intenções do Criador</p> <p>10. Desobediência, teimosia. Descaso por suas leis. Resistência ao Criador.</p>

<p>7. Maior proteção e oportunidade de sobrevivência que oferece devido a:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Maior proximidade em termos de interioridade, origem mais remota, perspectiva transtemporal. . Emoções mais fortes em termos de ira e busca de proximidade, misericórdia e perdão . Perspectiva transtemporal . Oportunidade que oferece de participar de sua Divindade pela obediência às suas leis . Controle dos acontecimentos da vida humana 	<p>11. Sentimento de segurança e <u>con</u>fiança</p> <p>12. Comportamento exploratório mais amplo e livre, tanto no sentido do universo externo, quanto no do interno.</p> <p>13. Alegria, esperança e outros sentimentos que impliquem em perspectiva de vida transtemporal, poder, glória e vitória</p> <p>14. Confiança e acatamento das decisões do Criador</p>	<p>11. Sentimento de insegurança e de medo, fobias</p> <p>12. Comportamento exploratório cerceado e pobre tanto no sentido do universo externo, quanto no sentido do interno.</p> <p>13. Desânimo, desestímulo, <u>desistên</u>cia, tristeza e outros <u>sentimen</u>tos que impliquem numa perspectiva de morte, corrupção, aniquilamento e derrota.</p> <p>14. Desconfiança em relação ao êxito das decisões do Criador. <u>Murmura</u>ção, queixas, revolta contra as suas decisões.</p>
--	--	---

<ul style="list-style-type: none"> . Sua onipotência . Suas inúmeras atribuições: pai, mãe, esposo, terapeuta, psicoterapeuta, guia, Pastor, Juiz e Deus 	<p>15. Serenidade, paz, paciência, descontração, otimismo, alegria que impliquem em abandono às decisões do Criador na certeza de que todos os males concorrem para o bem daqueles que se confiam ao Criador</p>	<p>15. Preocupação, ensimesmismo, apreensão, impaciência, tensões, negativismo, pessimismo, tristeza, prostração, desinteresse, desmotivação, derrotismo, que impliquem em desânimo e desistência de na direção da Divindade.</p> <p>16. Abandono do Criador, perda da fé.</p>
--	--	--

Observa-se assim, que o comportamento de apego ao Divino coincide com um quadro de saúde mental ou como que levando a um quadro de saúde mental, caracterizado pelo sentimento de segurança, confiança, descontração, por um comportamento exploratório mais amplo e livre, tanto no sentido do universo externo quanto do interno, e ainda pela realização de um potencial afetivo, em termos de atração pelo Criador como figura principal de apego e de ampliação do universo de figuras de apoio.

Observa-se também que o comportamento de apego ao Criador coincide com um quadro de certa euforia, de paz e esperanças aquém da realidade humana, mas que são, todavia, baseadas na onipotência e outros atributos da Divindade e não próprias; sem o perigo portanto, de um sentimento inadequado de onipotência, que pode conduzir a delírios de grandeza e de auto-referência, uma vez que os atribui não a si, mas à Divindade.

Assim, um reconhecimento da figura da Divindade, no âmago do conhecimento de si mesmo, resguarda o Homem, tanto da solidão, da insegurança, dos medos e tensões, do desânimo, ou desespero e das tristezas inerentes à condição humana quanto do perigo da presunção de auto-suficiência e da onipotência. Em outras palavras, é uma chance que o Homem tem de solucionar seus problemas existenciais, superar a dor e a morte, sem se envolver com os delírios de gran

deza e onipotência, ou seja, sem cair nos braços da loucura.

E conclui-se que, se a separação da figura humana de apego protótipa que confere um sentimento de segurança e proteção ao ser imaturo é tão dolorosa e decisiva para o desenvolvimento da personalidade e para a saúde mental, a separação ou perda da figura Divina deve ser bem mais dolorosa e implica num potencial patogênico bem maior porque as consequências assim como a segurança antes conferida são bem mais intensas.

Sendo assim, a dor da existência humana fundamental aparece como a perda da convivência Divina que ele teria na pré-história da criação e que teve no Paraíso-perdido.

2.3. Padrões Patológicos de Apego à Divindade

2.3.1. Auto-suficiência

A ausência absoluta de um vínculo com a Criador pode ser considerada um sintoma neurótico de auto-suficiência, quando deriva de dificuldades de estabelecer relações interpessoais, originadas por experiências infantis de privação afetiva. É um ceticismo gerado pelo medo de formar um vínculo afetivo, medo de perder a figura de apego, e não por alguma convicção ou reflexão pessoal ou por questão de falta de aprendizagem. Nem todas as formas de negação da Divindade derivam de dificuldades de estabelecer relações.

Todavia, a ausência absoluta de um vínculo com a Divindade, por qualquer razão, implica na negação do único vínculo estável, capaz de proporcionar ao Homem uma segurança inalterável e o sentido de permanência do ser. A sua ausência implica, pois, em um potencial humano aberto à insegurança, à ansiedade de separação, ao luto, ao desespero e ao desapego com seus desdobramentos psicopatológicos que podem assumir.

2.3.2. Super-dependência Ansiosa

Se alguns, devido às experiências privadoras na infância, não conseguem estabelecer um vínculo mais profunda com a Divindade, outros, por este mesmo motivo, podem se apegar a Ele mor

bidamente. Havendo medo de novas relações e rompimentos, pode se fixar patologicamente na Divindade, devido à sua "atraente característica de permanência", desencadeando uma super-dependência. Esta será patológica, quando exclui as outras figuras humanas de apego por medo de perde-las. Seria um vínculo atípico porque deriva não de uma maior confiança no Criador, mas numa insegurança. Seria ainda, atípico porque rompe com as figuras humanas, o que significa, na legislação do Criador, um movimento de afastamento e não de aproximação em relação a Ele: Não O reconheceu nas pessoas, onde Ele mora.

Se o laço afetivo se forma, em relação à Divindade, apenas com base numa perda afetiva humana, e se fixa nela por medo de novas perdas, ele não atinge níveis mais profundos de um verdadeiro e puro laço com a Divindade. É situacional, frágil, com tendências ao rompimento ou à instabilidade: Pode romper-se se as coisas não forem muito bem também em relação ao Criador.

Um vínculo instável e superficial com a Divindade pode tender a afastar-se quando as coisas vão mal ou quando as coisas vão muito bem: esquece-o facilmente, quando os laços humanos voltam a ser satisfatórios. E quando as coisas vão muito mal, pode tentar se "desapegar" dele, mesmo Ele sendo o vínculo principal - desilude-se com Ele.

Uma outra variante aparentemente semelhante à super-dependência, mas que na realidade difere dele, aparece nos níveis mais profundos da mística, nos quais ele é comparado, na tradição bíblica, ao vínculo conjugal. Por sua intensidade pode provocar um rompimento com os vínculos humanos familiares, da mesma forma que o casamento humano o provoca:

"Quem amar pai e mãe mais do que a Mim,
Não é digno de Mim." [Mt 10.37]

Pode afastar-se do convívio familiar e social por este vínculo assim como na super-dependência, porém, não pode ser considerado patológico e atípico, porque não deriva do medo de uma nova ou profunda relação humana, mas sim de uma identificação e união maior com a figura de apego Divina. Também não implica em evitação de uma figura de apoio, por medo de amá-la e perdê-la, mas sim por uma oblação maior de si mesmo, em prol de uma união que sempre visa o bem comum, - meta principal em função da qual o Criador corrige o seu comportamento, aproximando-se mais do Homem, inclinando-se mais sobre ele, buscando-o, chamando-o, exortando-o, e nela precisa de cooperadores, mensageiros etc. O amor maior as vezes implica em renúncia. A renúncia por amor, porém, não pode ser equiparada à renúncia por medo.

Allport propõe dois tipos de orientação religiosa: extrínseca - é utilitária, autocentrada, oportunista e auto-dirigida - e intrínseca - é altruísta, adulta, mais voltada pa-

ra o outro.

Em função dessas duas variantes, porém, pode se propor uma diferenciação entre vínculo espiritual atípico e sadio, em função da força que o mantêm e o fortalece: É gerado pela tendência humana a aproximação com uma figura de apego, ou é gerado pela dificuldade de formar e manter relações inter_pessoais? É um vínculo genuíno, natural ou é fruto do medo de novas perdas afetivas?

"No amor não há temor,
Antes, o verdadeiro amor
Lança fora o temor;
O que teme não é
Perfeito no amor." (I Jo 4.17)

O vínculo com a Divindade parece ser especialmente capaz de ser eliciado por experiências de perda afetiva porque é o único vínculo que proporciona ao homem o sentido de permanência do ser; Uma proximidade inalterável. Então, o homem, quando cansado de suas andanças, onde formou e perdeu muitos vínculos, pode sentir-se atraído, sadiamente, pela "permanência" do Criador e, na nostalgia do transitório, vir a formar com Ele um vínculo forte e saudável. Todavia, o vínculo com a Divindade não aparece como algo necessariamente condicionado a perdas de figuras humanas de apego. Pode ser desenvolvido paralelamente, aos vínculos interpessoais. Porém, quanto mais forte for este vínculo e a segurança por ele conferida, mais pode o homem tornar-se arrojado no seu comportamento exploratório, formando novos vínculos, com os pode se envolver de tal forma, que vem a perdê-lo.

2.4. Realização do Potencial Humano de Apego à Divindade

Houve dois casos na História Bíblica, em que se realizou plenamente, o potencial humano de apego à Divindade: Um homem e uma mulher - mãe e filho. Tendo já identificado, anteriormente, os padrões de apego à Divindade, passamos a analisar como alguns deles se realizaram em suas vidas: Jesus e Maria.

- Comportamento exploratório que finalize em reconhecimento da Divindade:

Algumas passagens deixam entrever que o contato com o ambiente externo é que lhe evocava a Figura de um Progenitor Divino:

"Olhai para os lírios dos campos,
Como eles crescem:
Não trabalham nem fiam.
Eu vos digo que nem Salomão,
Em toda a sua glória,
Se vestiu como qualquer deles.
Se pois, Deus veste assim
A erva do campo, que hoje existe,
E amanhã, é lançada ao fogo,
Não vos vestirá muito mais a vós,
Homens de pouca fé?"
(Mt 6.26-8)

- Comportamento de interiorização:

São bastante frequentes, as passagens que permitem deduzir que buscava a Divindade, com a mesma coerência com que buscava o contato interpessoal:

"E despedida a multidão,
 Subiu só a um monte para orar,
 E, quando chegou a noite,
 Ainda achava-se ali."

(Mt 14.24-5)

- Adoração e reverência:

No relacionamento com a Divindade, ele não sonhou usurpar-lhe o reino; Enquanto esteve na terra, não exigiu para si, "um trono nas nuvens", como Lúcifer, para receber as homenagens reservadas à Divindade, mas

"Sendo homem, não considerou
 O fato de ser semelhante a Deus,
 Como algo de que se valer
 Para sua auto-promoção,

Mas, despojado de si,
 Assumiu uma atitude de servo,
 E foi obediente até à morte,
 E morte de cruz."

(Fil 2.5-8)

Como um ser criado para o mais íntimo trato com a Divindade, e com ela identificar-se, o homem é desejoso também, da glória e poder que Lhe são reservados e não relutou em romper o vínculo com a figura de apego infinitamente mais sábia e mais poderosa do que ele, na ilusão de poder arrebatá-lhe a própria divindade, com a glória e o poder. Já ele, sendo de condição divina, colocou-se em completa disponibilidade para servir. O seu trato, com a Divindade era de cooperação e não de competição:

"Tu, ó Deus, não quiseste sacrifícios,
 Oferendas e holocaustos
 Não foram do teu agrado;
 Tu, porém, deste-me um corpo,
 Por isto eu digo:
 Eis-me aqui, eu vim, ó Deus,
 Para fazer a tua vontade."
 (Sl 40.7)

Desejoso de glória e poder, de uma condição divina, o homem sempre se agarra à possibilidade de obtê-las e assegurá-las pelas aquisições externas; Já ele não se deixou apanhar pela ilusão da facilidade. Não são as riquezas, reinos e pompas que asseguram a preservação do ser. Optou pela sabedoria. Em vez de glória, melhor era pedir a sabedoria divina para poder penetrar profundamente os problemas da existência humana e resolve-los:

"Quando eu era ainda jovem,
 Antes de andar errante,
 Busquei a sabedoria com a minha oração;
 Diante do templo eu a pedia,
 E ela me foi dada;
 Invoquei e ela veio a mim;
 Supliquei e o Espírito de sabedoria
 me foi dado;
 Prefери a sabedoria aos cetros,
 Aos reinos e aos tronos,
 Julguei a riqueza um nada
 Em comparação com ela." (Sab 7.7)

E foi a Sabedoria que vindo a ele, guardou-o, defendeu-o, alcançou-lhe a vitória sobre a morte - sobre o real problema humano:

"Meteu-o num duro combate, para que vencesse,
 E soubesse que de todas as coisas,
 A mais perfeita é a sabedoria;
 Esta não desamparou o justo vendido,
 Mas livrou-o dos iníquos;
 Desceu com ele ao fosso da morte,
 E não desamparou-o nas cadeias da morte,
 Até que depositasse nas suas mãos,
 o Cetro do Reino,
 E o poder sobre os seus opressores,
 E deu-lhe uma coroa de glória eterna."

(Sab 10.12-4)

Assim, ele obteve pela Sabedoria, o que o homem sonhou ar
 rebatar pelas aquisições externas; Obteve pelo vínculo
 mais profundo com a Divindade, o que o homem pensou em
 conseguir, rompendo com ela.

"Vemos a Jesus,
 Que foi feito, por um pouco
 Menor do que os anjos,
 Por causa dos sofrimentos da morte,
 Coroado de honra e de glória." (Heb 2.9)

"A realeza do mundo passou agora
 Para nosso Senhor e seu Cristo,
 E Ele reinará pelos séculos sem fim." (Ap 11.15)

"Tudo Ele colocou debaixo dos seus pés,
 E o pôs, acima de tudo,
 Como cabeça da Igreja que é o seu corpo."

"Sentou-se à dextra da majestade nas alturas,
 Tão mais alto do que os anjos,
 Quanto herdou mais excelente nome do que eles."

(Rom 1.4)

Pelo que o seu despojamento das aquisições externas não
 significam um abandono dos sonhos mais caros do homem, de
 seus anseios mais profundos, mas a busca da maneira mais

certa de assegurá-los; não só por um pouco de tempo, mas perenemente. Não é uma desistência da vida, mas o empenho em possuí-la em toda a sua plenitude:

"Eu vim para que todos tenham vida
E vida em abundância." (Jo 10.10)

Assim como no enfoque evolucionário de Bowlby, todos os sistemas do organismo servem à meta da sobrevivência, as sim também na tradição cristã, o tema central desabrocha na Ressurreição - a quarta etapa na sequência emocional à perda: A preservação do ser.

Quanto às variáveis que favoreceram a formação de um vínculo profundo com a Divindade, encontrou-se, por um lado, a sua natureza especial:

"Eu porém, era um menino de bom natural
E coube-me por sorte, uma boa alma,
Ou antes, como era bom,
Entrei num corpo incontaminado."

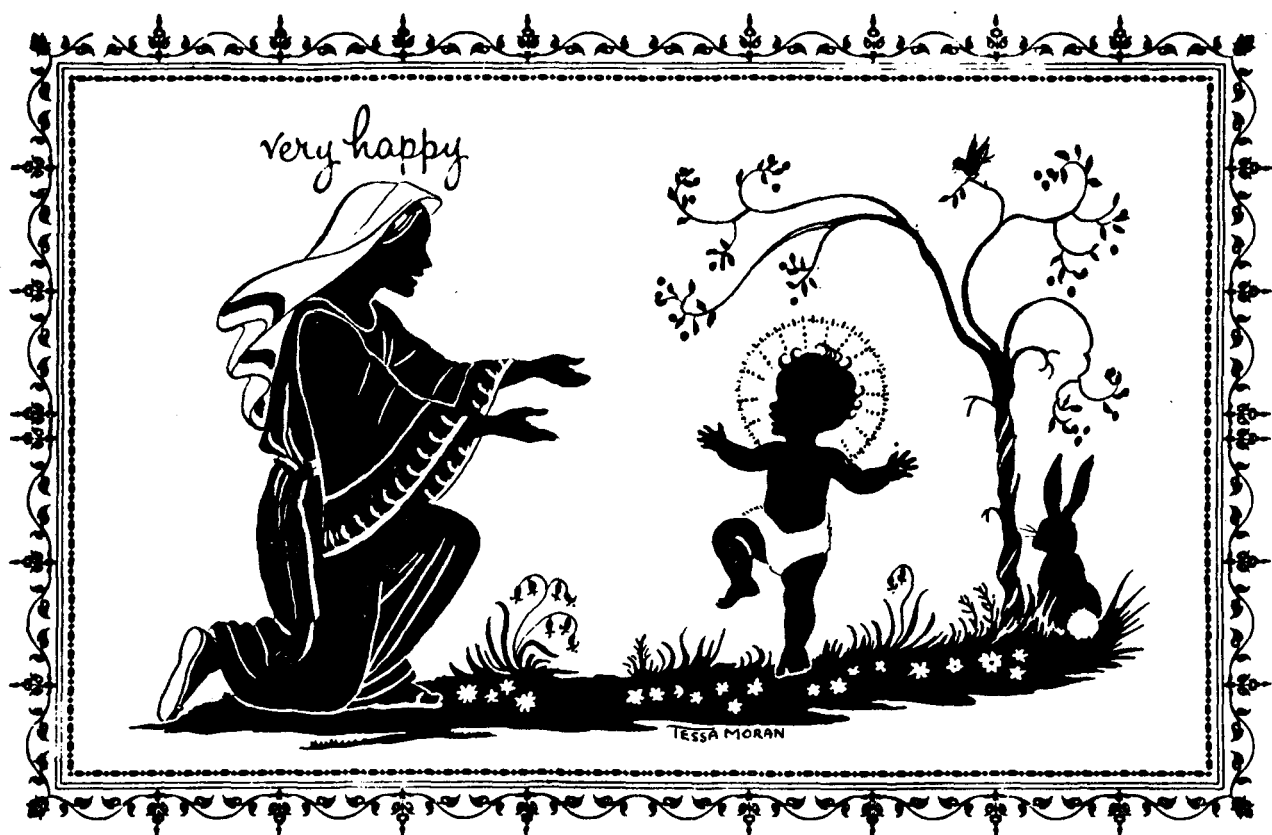
(Sab 8.19-20)

Por outro lado, temos que,

"... todo indivíduo mentalmente são, todo aquele que se sente como pessoa no mundo e para quem o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz, está em infinito débito para com uma mulher."

(Winnicott, 1971:10)

Na ausência de maiores informações no texto bíblico, sobre



a qualidade das interações mãe-filho na primeira infância, o protótipo de todas as relações posteriores, podemos todavia, inferí-la, a partir dos estudos de Bowlby. Pela profundidade e intensidade que a relação com o Criador assumiu, supõe-se que, na sua história pessoal, Ele teve por mãe, uma figura estável, com quem não vivenciou uma situação de privação afetiva, física ou psicológica. Uma mulher capaz de oferecer à sua criança, a base mais segura, partir da qual, ela pudesse fazer livres explorações ao seu redor, ensaiando assim, explorações adultas. Incentivava e não tolhia as suas iniciativas, mas permanecia como uma presença disponível e atenta, de modo que ofereceu-lhe

a base mais segura para que ele pudesse dar livre expressão à sua criatividade, ao seu universo interno, despertando nele assim, sua identidade mais profunda. E, a partir destas, que ela encorajou, Ele passou a empreender explorações tão profundas, tanto externa quanto interiormente, que acabou por encontrar a Divina figura de um progenitor universal que, afinal, não se esconde aos sentidos a à introspecção.

Essa boa mãe contou, é verdade, "com o apoio de seu marido" (Winnicott) e, a criança, com a imagem de um pai.



Acredita-se que as experiências infantis pelas quais o casal passou na sua história pessoal, principalmente a figura materna, vão refletir diretamente no relacionamento com a criança. Todavia, tenham eles passado pelas experiências que fossem, o importante é que tivessem desenvolvido o sentido de uma Presença interior, mais do que proximidade, que o Criador lhes proporcionava; Que tivessem em si, a imagem de um Pai comum, por quem eram eternamente amados e que tudo dispunha para o bem daqueles que a Ele se confiavam. Assim, a confiança e as expectativas eram depositadas nEle e, não nas aquisições externas, sempre instáveis e geradoras em si, de ansiedade. O abandono confiante às disposições divinas, na certeza de que "todas as coisas concorrem para o seu bem", formavam um clima em que tudo era interpretado como mais uma prova de amor, como felicidade à vista, e não como um castigo; um clima de descontração, jovialidade e bem-aventurança, que ambos, transmitiram a seu bebê; e que da parte da mãe, formou o ambiente interior ideal para sua gestação. E não parou na infância; Este mesmo clima ela levou até à cruz, quando sua confiança foi provada no cadinho da mais dolorosa separação. Ali, imersa no luto, reorganizava a sua realidade, não a partir da perda, mas da recuperação da sua figura afetiva. Desta forma, o vínculo feliz e estável com sua mãe lhe deram as bases para estabelecer um vínculo estável com o Seu Criador e Pai, o que, por sua vez, lhe permitiu salvaguardar o vínculo materno como um vínculo inalterável:



"Tira, ó Jerusalém,
Os vestidos do teu luto e da tua aflição,
E enfeita-te de gala e da magnificência
Daquela glória sempiterna,
Que te vem de Deus." (Bar 5.1)

"Esses irmãos, depois de
Terem suportado aqui,
Uma dor transitória,
Entraram já na aliança eterna." (2Mac 7.36)

"E este corpo corruptível
Se revestiu de incorruptibilidade,
E este corpo mortal,
Se revestiu de imortalidade." (ICo 15.53)

CONCLUSÃO

Em 1958, John Bowlby, psicanalista inglês, introduziu uma nova teoria, para explicar a natureza e origem do laço que une a criança a sua mãe, o protótipo de todos os laços afetivos posteriores. Até então, este laço era explicado pela psicanálise e pelas Teorias da Aprendizagem Social, essencialmente em termos de oralidade, como uma aquisição secundária, derivada da satisfação dos impulsos primários.

Servindo-se paralelamente à Psicanálise, de princípios da Etologia, Bowlby propõe que este laço constitui uma classe especial de comportamento, que tem seus próprios fatores causais que o ativam, independentemente daqueles impulsos, e com igual significado que eles, para a sobrevivência: "A avidez da criança pelo amor e presença da mãe é tão grande quanto a fome de alimentos." (Bowlby, 1984:XI). Constituindo um elemento central do desenvolvimento psicológico, esse sistema comportamental, a que ele denomina "attachment", é organizado e ativado de tal modo, que a criança tende a manter a proximidade com a sua mãe. Sua função biológica mais provável é de proteção de um organismo mais frágil, podendo ser definido como

"um sistema cujas atividades tendem a reduzir o risco de o indivíduo se dar mal e são sentidas como levando a um alívio da ansiedade e a um aumento da sensação de segurança" (Bowlby, 1984:3)

A proposta desta Dissertação foi analisar, à luz da teoria do "Attachment", a natureza do laço que une o Criador ao homem e a resposta humana a esta figura específica. Reconheceu-se como um objeto adequado para este fim, a tradição judaico-cristã, condensada na Bíblia.

Encontrou-se, como resultado, que a Divindade aparece aí, como uma figura de apego, cujo "comportamento" em relação ao homem, pode ser descrito, embora a seu modo, nos mesmos termos com que Bowlby descreve o comportamento humano de apego. Pode se observar nela, as mesmas características de tendência a manutenção de proximidade, protesto à separação e perda de sua figura de apego, atribuições de cuidado e proteção que, em forma menos elaborada, definem o comportamento humano. A seu modo, a Divindade também corrige o seu comportamento em função da meta comum de manter a proximidade em relação a seu parceiro humano. Todavia, uma complexidade que transcende infinitamente os meios humanos, lhe permite que, embora invisível, estes mesmos resultados sejam atingidos com uma eficiência muito maiores do que aqueles alcançados pelos meios meramente humanos. A abordagem bíblica nos descobre que, a Divindade, mais do que em função da proximidade, corrige o seu comportamento em função da identificação do homem com ela; da transfiguração do homem nela. Em função desta meta, ela, que já fizera o homem à sua imagem e semelhança, fez-se também semelhante a ele.

Do comportamento exploratório em qualquer direção, deve e mergir no homem, uma reflexão que conduz ao reconhecimento e discriminação da Divina figura de apego e a uma relação afetiva com ela: A mega-meta da existência. Ao ho- mem está reservado o lugar quarto na Trindade Divina, a qual, ama a si mesmo com amor eterno e orienta-se no sen- tido da unidade também com o criado:

"Que todos sejam um, como tu, ó Pai,
 O é em mim e eu em ti;
 Que também eles sejam um em nós;
 Eu neles e tu em mim,
 Para que eles sejam perfeitos na unidade."

(Jo 17.21,23)

Se na Divindade, as mesmas características que definem os vínculos humanos aparecem numa dimensão infinita, temos que, se por um lado, os vínculos interpessoais podem ser to- mados como um modelo para se compreender o divino, este, por sua vez, se apresenta como padrão original, incriado e eterno, a partir do qual aqueles foram previstos e plas- mados e podem também, ser melhor compreendidos. De acor- do com o livro do Gênesis, a Divindade decidiu-se por fa- zer um ser a ela semelhante - um correspondente no visí- vel, a sua realidade invisível. Isto significa que, nos seus sistemas comportamentais responsáveis pelos laços a- fetivos, assim como na sua totalidade, o homem foi previs- to e plasmado de modo a reproduzir sensivelmente, uma Rea- lidade que se define como "Amor" (I Jo 4.8) e a ser ainda,

por esta mesma Realidade, animado e sustentado, porque so
 prou sobre ela o seu fôlego de vida: "Porque o espírito
 saiu de mim, e eu criei as almas." (Is 57.15). Isto é, a
 estrutura humana foi prevista para ser o arcabouço físico
 para conter esta mesma Realidade. Isto significa que a
 Divindade decidiu-se por assumir formas físicas de expres
 são e, em função desta meta, toda o sistema universal a
 parece disposto e organizado em torno do homem.

Pela busca natural de proximidade com uma figura específi
 ca, o "attachment" humano tende a reproduzir uma condição
 anterior e interior que, sugerem afeto, cuidado, preser
 vação do ser e que, mais do que como proximidade, pode ser
 definida como unidade do ser. O "attachment" aparece co
 mo a expressão de uma tendência eterna à unidade, com que
 se pode definir a Divindade una e trina, que corrige o seu
 comportamento, no sentido da unidade também com o ser por
 ela chamado a existência.

O protesto, que se traduz à primeira vista, ambivalente -
 mente, por esforços para recuperar a proximidade com a fi
 gura de apego e de recriá-la por sua deserção - pela
 raiva - teria sido previsto no repertório comportamental
 do homem, em função do mesmo modelo eterno, segundo o qual,
 "a sua misericórdia e a sua ira andam perto uma da outra"
 (Eclo 5.6). Raiva que não é desafeto ou fraqueza, mas ze
 lo pela preservação do ser. A auto-preservação, entendi
 da como a tendência à integridade física, aparece como o

reflexo de um sentido de integridade eterna, pelo qual a Divindade deseja preservar o humano e preservar-se no humano, e, nele, alcançar níveis de expressão cada vez mais elevados do seu amor.

Chamado a formar uma só unidade com a Divindade, o homem aparece, no texto bíblico, como uma figura afetiva ambivalente, que tende a romper uma forma de proximidade que transcende a obtida pelos sentidos. As peculiaridades da Divindade, se facilitam da parte dela, a manutenção da proximidade com o homem, da parte dele, todavia, constituem variáveis que tendem a dificultar a formação e a manutenção de uma proximidade com ela. A manutenção desta proximidade vai corresponder um repertório de comportamentos específicos para com a Divindade, que não pode ser definido em termos físicos, mas sim em termos de uma atitude subjetiva, na qual o homem se volta aparentemente, para si mesmo, em busca do mesmo ser com quem compõe uma unidade indissolúvel. Criador e criatura são dois seres inseparáveis e tão unidos, que dão esta ilusão de unidade, que também não deixa de ser uma unidade, que tende à unidade, que é o ser humano. "Nele, o homem vive, se move e tem o seu ser" (At).

Embora confesse a atração que a Divindade exerce sobre ele: "Ele é o meu Deus e eu O admiro" (Sl 72), e revele que afeiçãoou-se a Ele porque as suas mãos o fizeram" (Sl 119.73), comprometido, na existência, diante da própria Di

vindade, a explorar o universo, no qual se acha inserido, nele o homem se envolve facilmente com outros laços transitórios - objetos, pessoas, valores - vindo a perder o sentido de orientação para a sua "Primeira e Última" (Is) Figura de apego, única capaz de conferir-lhe o sentido de permanência do ser, passando a buscar fora de si, a segurança e permanência que só nela pode encontrar. Com os laços transitórios, ele encontra o sofrimento, porque não se perde sem dor o que se ama. É em função da meta de a traír o homem a si, que a Divindade orienta os fatos da vida, no sentido de não deixá-lo absorver-se pelos laços transitórios, com os quais tende a se identificar, para salvaguardar-lhe o único laço que pode lhe proporcionar a condição de co-herdeiro da Divindade, condição única ca paz de lhe garantir absoluta segurança e integridade do ser. Condição esta, que só poderá arrebatá-lo "quem tendo as mãos limpas e o coração puro"; despretensioso, desejá-la por amor, e não por vaidade.

Nos primeiros passos da espiritualidade, quando a relação com a Divindade é ainda inconsistente, o apego a ela pode incluir clamar por ela, principalmente nos momentos de cri se e cumprir deveres religiosos mais por medo; à medida po rém, que o indivíduo amadurece, a relação tende a integrar um mais sofisticado repertório de comportamentos, em termos de uma maior confiança de eternamente amado e assis tido por ela. A variável que aí mais vai interferir é a qualidade da relação materna, protótipo de todas e que

perduram e se refletem nas capacidade posterior de estabelecer e manter novas relações. Isso significa, na relação com o Criador, a dificuldade em conceituar um vínculo estável, profundo, inalterável e feliz, com um Ser, após tantas experiências humanas de vínculos instáveis, superficiais, infelizes. e ameaçados pela separação e pela perda. Para chegar a formar um vínculo profundo e feliz com o Seu Criador, o Homem teria que romper com os velhos padrões de perdas, separações, rompimentos, privações, insegurança, medos, ansiedade de separação, luto, desespero, defesas e de sapego, e desenvolver um novo padrão de estabilidade da figura de apego, proximidade, segurança: Tem que "nascer de novo" (Jo 3.3).

Identificou-se anteriormente, alguns padrões de apego e de desapego ao Criador. Em cada ítem, o indivíduo pode oscilar entre o padrão de apego e o de desapego, situando-se em diferentes pontos. Entre esses dois extremos - apego e de sapego, pode se estabelecer uma escala de 0 a 10.

A partir desta escala pode se localizar áreas de dificuldades de relacionamento com o Criador. Observa-se que um perfil inclinado no sentido do padrão de apego coincide com um quadro de saúde mental, em franco contraste com os episódios patológicos ou atípicos, identificados por Bowlby como o desfecho mais provável para as histórias de privação afetiva. Observa-se também que o comportamento de apego ao Criador coincide com um quadro de certa euforia e esperan-

NÍVEL DE PROFUNDIDADE DO RELACIONAMENTO COM O CRIADOR

PADRÕES DE DESAPEGO Atitudes que podem implicar em <u>au</u> sência de vínculo com o Criador												PADRÕES DE APEGO Um vínculo profundo com a Divi <u>n</u> dade implica em:
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
1. Solidão, isolamento	1. Sentimento de companheirismo
2. Auto-desvalorização	2. Sentim.de filiação divina
3. Perspectiva de aniquilamento	3. Perspectiva de vida
4. Sentimento de rejeição	4. Sentim. de ser amado
5. Culpa, medo, afastamento	5. Confiança para se aproximar
6. Dific. de relacionamento	6. Aceitação do outro
7. Insegurança	7. Segurança
8. Preocupações, desânimo	8. Serenidade
9. Resistência à sua direção	9. Obediências às leis
10.Revolta contra as decisões	10. Confiança
11.Queixas, pessimismo	11. Paciência, otimismo
12.Comp.exploratório cerceado	12. Comp. explor. amplo.intrepidez
13.Medo de se conhecer	13. Esforços em se conhecer
14.Irreverência	14. Adoração
15.Auto-suficiência, soberba	15. Reverência, humildade
16.Ateísmo, ceticismo	16. Fé, oração

ças aquém da realidade humana, mas que são, todavia, baseados na onipotência e outros atributos da Divindade e não próprios; sem o perigo portanto, de um sentido inadequado de onipotência, que pode conduzir a quadros de delírios de grandeza e auto-referência. Tem-se assim, que uma vida de intimidade com a Figura de Apego Divina tende a resguardar o Homem, do sentimento de insegurança, desespero, desânimo etc, tanto como de delírios de grandeza e sentimentos de onipotência.

Conclui-se também que, se a separação da figura humana de apego protótipa, que pode conferir um sentimento de segurança e proteção ao ser imaturo, é tão dolorosa e decisiva para o desenvolvimento da personalidade e para a saúde mental, a separação ou perda da figura divina de apego deve ser bem mais dolorosa e implicar num potencial patogênico bem maior. Assim, a angústia existencial humana pode ser atribuída à perda da convivência divina que teria na pré-criação ou que teve no paraíso-perdido.

Assim, com relação aos conceitos de origem freudiana, basicamente compartilhados por todas as correntes psicanalíticas e adotado por Bowlby, que centralizam o desenvolvimento dos distúrbios emocionais no papel da figura materna, nos inclinamos, após esta análise, a aceitar que apatogenia da privação materna não está tanto na ausência de um vínculo estável no período crítico do desenvolvimento, mas na dificuldade daí derivada em estabelecer um vínculo

Íntimo e profundo com o Criador.

Logo, uma psicoterapia de base religiosa deve ser conduzida no sentido de detectar o nível de profundidade do relacionamento Criador-criatura e de aumentar este nível, principalmente em termos de confiança, identificada aqui, como o mais alto padrão de apego ao Criador. Com base na confiança no Criador, pode desenvolver a capacidade de enfrentar desafios sem desorganizar-se interiormente. Da visão dos fatos por parte do Criador até uma visão dos mesmos por parte do Homem, há uma distorção: Para o Criador tudo é ato de amor, um bem, ou um mal do qual Ele pode tirar um bem. Já o Homem se posiciona numa visão traumática da realidade: O acontecimento coloca em risco sua segurança ou proximidade com a figura de apego divina: não é prova de amor, por parte da Divindade; é abandono. Enquanto ele permanece na visão traumática dos fatos, ele fica paralisado pelas emoções, bloqueado: rancor, queixas, rebeldias, inveja do poder da Divindade, frustração, depressão, desânimo etc. Requer-se uma mudança na interpretação dos fatos. Se ele consegue sobrepujar a sua própria visão e passar a interpretar os fatos pelo prisma da Divindade - suas boas intenções, fidelidade, ~~amor~~ etc - mudará também de atitude diante do fato: passará a aguardar um desfecho favorável dos fatos e/ou ainda, a louvar a Divindade; a dor era provoca da por sua visão. Uma proposta baseada nesta fé, incluirá a reavaliação da realidade e aprofundar o conhecimento da Divindade. A conversão é, antes de tudo, cognitiva.



A interação mãe-filho é uma versão humana do laço que une Criador-criatura e cremos que nessa perspectiva, a natureza de ambos os laços pode ser melhor compreendida.

BIBLIOGRAFIA

- 1) A BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Corrigida. Soc. Bíblica Brasileira, Brasília, 1961.
- 2) ADAM, K. S., Childhood Parental Loss. Suicidal Ideation and Suicidal Behavior. In: E.J. Anthony e C. Koupernik (Orgs.). The Child in his Family. Volume 2. N.Y. John Wiley, 1973.
- 3) AINSWORTH, M.S., The Development of Infant-mother interaction among the Ganda. In: Determinants of Infant Behavior, vol. 2, ed. B.M. Foss, London: Methuen; N.Y.: Wiley, 1963.
- 4) AINSWORTH, M.S. et alli. Object Relations, Dependency and Attachment: A Theoretical Review of the Infant-Mother Relationship - Child Development, 1969,40, 969-1025.
- 5) AINSWORTH, M.S. et alli. Privación de los Cuidados Maternos. Revisión de sus consecuencias. Organización Mundial de la Salud. Ginebra, 1963.
- 6) ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. SP, Cultrix, 1976.

- 7) ALLPORT, G.W., Personalidade, Padrões e Desenvolvimento, SP, Herder, 1961.
- 8) ARTHUR, B. & KEMME, M.L., Bereavement in Childhood. J. Chil Psychol. Psychiat. 5:37-49, 1964.
- 9) AUBRY, J., La Carence des Soins Maternels. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- 10) BARKIN, H., Emotional Deprivation in Infants. J. Pediat., 1949, 35:512.
- 11) BATESON, P.P.G., The Characteristics and Context of Imprinting. Biol. Rev. 41, 177-220, 1966.
- 12) BENDER, L. & YARNELL, H., An Observation Nursey. Amer. J. Psychiat. 97, 1158, 1941.
- 13) BENEDEK, T., Insight and Personality Adjustment: A Study of the Psychological Effects of War. N. Y.: Ronald Press, 1946.
- 14) BENKO, Antonio, A Psicologia da Religião. SP. Loyolas, 1981.
- 15) BIBLIA SACRA. Vulgatam Clementinam. Madrid, B.A.C. 5^a Ed., 1977.

- 16) BIBLIA SAGRADA. SP, Ave Maria, 40^a ed., 1982.
- 17) BIBLIA SAGRADA. SP, Paulinas. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. 41.^a ed., 1985.
- 18) BOLWIG, N., Brinding up a Young Monkey. Behaviour, 1963, 21, 300-30.
- 19) BORN, A. Van Den, Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis, Vozes, 1977.
- 20) BOUYER, L., Le Rite et l'Homme. Paris, Éditions du Cerf, 1962.
- 21) BOWLBY, J., The Nature of the Child's tie to his Mother. Intern. J. of Psycho-Analysis, 1958, 35: 350-373.
- 22) _____. Separation Anxiety. Int. F. Psycho-Anal. 1960, 41:89-113.
- 23) _____. Cuidados Maternos e Saúde Mental. SP, Martins Fontes, 1981.
- 24) _____. Formação e Rompimento de Vínculos Afetivos. SP, Martins Fontes, 1982.

- 25) _____. La Pérdida Afectiva Tristeza y Depressión. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1ª ed., 1983.
- 26) _____. Separação - Angústia e Raiva. SP, Martins Fontes, 1ª ed., 1984.
- 27) _____. Apego. SP, Martins Fontes, 1ª ed., 1984.
- 28) _____. Perda. Tristeza e Depressão. SP, Martins Fontes, 1985.
- 29) _____. Apego e Perda. Retrospectiva e Perspectiva. Dois Pontos. Inverno de 1986. Escola Brasileira de Psicanálise e Etologia. RJ, Imago.
- 30) _____. O Cuidado com o Jovem. As influências no Desenvolvimento. Dois Pontos. Primavera de 1986. EBPE, RJ, Imago.
- 31) BROWN, F., Depression and Childhood Bereavement. J. Ment. Sci. 1961, 107:754-77.
- 32) BRUGGER, W., Dicionário de Filosofia. Herder, SP, 1969.
- 33) BURLINGHAM, D., & FREUD, A., Young Children in War - time. London: Allen & Unwin, 1942.

- 34) _____. Infants without families. Londons, Allen & Unwin.
- 35) CAPLAN, G., Princípios de Psiquiatria Preventiva. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1966.
- 36) CINTRA, R.A., As mais belas orações de todos os tempos. 5^a ed., RJ, J. Olympio, 1984.
- 37) CLARKE, A.D.B. & CLARKE, A.M., Recovery from the Effects of Deprivation. Acta Psychol, 16, 137, 1959.
- 38) CONCORDÂNCIA BÍBLICA. Soc. Bíblica Brasileira, 1^a ed. RJ, 1975.
- 39) DANIEL-ROPS. La Vida Cotidiana en Palestina en Tiempo de Jesus. Librería Hachette S/A, Buenos Aires, 1961.
- 40) DARWIN, C., On the Origin of Species by Means of Natural Selection. London: Murray, 1895.
- 41) DENNEHY, C.M., Childhood Bereavement and Psychiatric Illness. British Journal of Psychiatry, 1966, 110: 1049-1069.

- 42) DOLLARD, J. & MILLER, N.E., Personality and Psychotherapy. N.Y.: McGraw-Hill, 1950.
- 43) ELIADE, Mircea, O Sagrado e o Profano. A essência das Religiões. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- 44) ENGEL, G., REICHSMAN, F. & SEGAL, H.,.A study of an Infant with a Gastric Fístula: Behaviour and the Rate of Total Hydrochloric Acid Secretion. Psychosom. Med. 18, 374, 1956.
- 45) FAUST, O., Reducing, Emotional Trauma in Hospitalized Children: a Study in Psychosomatic Pediatrics. In: Albany Medical College, Depart. of Pediatrics and Anesthesiology. Reducing Emotional Trauma in Hospitalize Children, Albany, 1952, 13.
- 46) FEINER, Johannes, & LOHRER, Magnus, Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica. A História Salvífica Antes de Cristo. Vol. II/2. 2. A Criação. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 47) _____. Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica. A História Salvífica antes de Cristo. Vol. II/3. A Antropologia Teológica. Petrópolis, Vozes, 1980.

- 48) FESQUET, Henri, Religião de Amanhã. Lisboa, Livraria Moraes Editora. 1964.
- 49) FISCHER, L.L., Hospitalism in six-month-old infants. Amer. J. Ortho-psychiat., 22, 522.
- 50) FREUD, S., Los Actos Obsesivos y las Prácticas Religiosas. Obras Completas, Tomo II:1337-1342. Madrid, Bib. Nueva, 1973.
- 51) _____. Un Recuerdo Infantil de Leonardo da Vinci. Obras Completas. Tomo II. Madrid, Bib. Nueva, 1973.
- 52) _____. Los instintos y sus Destinos. Obras Completas. Tomo II: 2039-2052, Madrid, Bib. Nueva, 1973.
- 53) _____. Duelo y Melancolia. Obras Completas. Tomo II: 2091-2100, Madrid, Bib. Nueva, 1973.
- 54) _____. Inhibicion, Sintoma y Angustia. Obras Completas, Tomo III:2833-2883, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- 55) _____. Compendio del Psicoanálisis. Obras Completas, Tomo III:3379-3418, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

- 56) GESELL, A., & AMATRUDA, C.S., Developmental Diagnosis.
2nd ed. N.Y., Hoeber, 1954.
- 57) GLASER, K., & EISEMBERG, L., Maternal Deprivation.
Pediatrics, 1956, 18:626.
- 58) GOLDFARB, W., Infant Rearing and Problem Behaviour.
Amer. J. Orthophychiat., 1943, 13:249.
- 59) GOOD NEW BIBLE. Today's English Version. American Bi-
ble Society, New York, 1976.
- 60) GREER, S., & GUM, J.C., Attempted Suicides from Intact
and Groken Parental Homes. British Journal, 1966,
2:1352-1355.
- 61) HARLOW, H.F., The Nature of Love. Am.Psychol. 1958,
13, 573-85.
- 62) HAYES, C., The Ape in Our House. N.Y.: Harper, London,
Gollancz, 1952.
- 63) HERNÁNDEZ, Carlos José, O Lugar do Sagrado na Terapia,
SP, Nascente/CPPC, 1986.
- 64) HEINECKE, C.M., Some Effects of Separating two-yeard-
old Children from their parents. Comparative study.
Hum. Relat. 9, 105.

- 65) HILLE, O.W., & PRICE, J.S., Childhood Breavement and Adult Depression. British Journal of Psychiatry, 1967, 113:743-751.
- 66) HINDE, R.A., Animal Behaviour: a syntheis of Ethology and Comparative Psychology. 2^a ed., N.Y., McGraw-Hill, 1970.
- 67) HINDE, R.A., & SPENCER-BOOTH, Y., The Behaviour of Socially Living Thesus Monkeys in their First Two and a half years. Anim. Behav. 1967, 15, 169-96.
- 68) HOWELS, Y.G., & LAYING, J., Separation Experience and Mental Health. Lancet, 2, 285, 1955.
- 69) ILLINGWORTH, R.S., & HOLT, K.W., Children in Hospital: Some Observations on Their Reactions with Special Reference to Daily Visiting. Lancet ii:1257-1262, 1955.
- 70) JACKSON, E.B., Treatment of the Young Child in the Hospital. Amer. J. Ortho-psychiat. 12, 56.
- 71) JERSILD, A., Child Psychology, 3^a ed., London, Staples Press.

- 72) _____. Evolução de la Afectividad. In: CARMICHAEL, Leonard, Manual de Psicologia Infantil, II, 2^aed. Barcelona, El Ateneo, 1964.
- 73) JESSNER, L., BLOM, G., & WALDFOGEL, S., Emotional Implications of Tonsillectomy and Adenectomy on Children. Psycho-analytic Study of The Child, N.Y., International Universities Press, vol. 7:126.
- 74) JONES, Ernest, Sigmund Freud: Life and Work. Vol. I, London: Hogarth, N.Y.: Basic Books, 1953.
- 75) KAUFMANN, J.C., & ROSENBLUM, L.A., Depression in Infant Monkeys Separated from their Mothers. Science, 1967, 155:1030-1.
- 76) KLEIN, Melanie, A Contribution to the Psychogenesis of Maniac-Depressive States. In: Love, Guilt and Reparation and other Papers, 1921-1946. London: Hogarth, 1947.
- 77) KLEIN, Melanie, Mourning and its Selection to Manic-Depressive States. In Love, Guilt and Reparation and Other Papers, 1921-1946. (1940)
- 78) KOLLER, K.M., & CASTANOS, J.N., The Influence of Parental Deprivation in Attempted Suicide. Med. J. Australia. 1:396-9, 1968.

- 79) LANGFORB, W.S., Physical Illness and Convalescence
their Meaning to the Child. J.Pediat., 33:242.
- 80) LEBOVICI, S. El Concepto de la Privación Materna: Análisis de las investigaciones. In: AINSWORTH, M.S., et alii. Privación de los cuidados maternos. Revisión de sus Consecuencias. Cuadernos de Salud Pública nº 14, 76-77, Organización Mundial de la Salud. Ginebra, 1963.
- 81) LEVIN, S., Understanding religions behaviour. Journal of Religion and Health, 1979, Jan, vol. 18 (1):8-20.
- 82) LÉON-DUFOUR, Xavier, Vocabulário de Teologia Bíblica, Petrópolis, Vozes, 1977, 2ª ed.
- 83) LEVY, D.M., Primaty Affect Hunger. Amer. J. Psychiat. 94:643, 1937.
- 84) LINDEMANN, E., Symotomatology and Management of Acute Grief. Amer. J. Psychiat., 101:141-9, 1944.
- 85) LORENZ, K.Z., Der Kumpan in der Umwelt des Vogels. J. Orn. Berl. 83, 1935.
- 86) LOS EVANGELIOS APÓCRIFOS. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos. 1975.

- 87) LOWREY, L.G., Personality Distortion and Early Institutional Care. Amer. J. Orthopsychiat. 10, 76, 2940.
- 88) MARRIS, P., Widows and Their Families. London: Routledge & Kegan Paul, 1958.
- 89) MAY, Rollo, A Arte do Aconselhamento Psicológico. Petrópolis, Vozes, 1977.
- 90) MILLER, G.A., GALANTER, E., & PRIBAM, K.M., Plans and the Structure of Behaviour. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1960.
- 91) MITCHELL, M.E., The Child's Attitude Toward Death. London. Barry & Rockliff. New York, Schocken Books, 1966.
- 92) MONCRIEFF, A., Social Pediatrics. Courrier, 1, 3:3, 1951.
- 93) MUNRO, A., Parental Deprivation in Depressive Patients. British Journal of Psychiatry, 112:443-448, 1966.
- 94) PARKES, C.M., Separation Anxiety: An Aspect of the Search for a Host Object. In: M.H.Lader (Org.) Studies of Anxiety. British Journal of Psychiatry. Special Publication, nº 3, 1969.

- 95) PARKES, C.M., Psycho-social Transition: A Field of Study. Soc. Sci. & Med. 5:101-115, 1971.
- 96) PARKES, C.M., Factors Determining the Persistence of Phantom Pain in the Amputee. Journal of Psychosomatic Research, 17:97-108, 1973.
- 97) PIMENTA, Paulo Emílio, As Origens do Fenômeno Religioso. Editora São Vicente, BH, 1980.
- 98) POLLOCK, G.H., Mourning and Adaptation. International Journal of Psycho-analysis, 42:341-361, 1961.
- 99) POWDERMAKER, F., LEVIS, M.T., & TOURAINÉ, S., Psycho pathology and Treatment of Delinquent Girls. Amer. J. Orthopsychiat. 7, 58, 1937.
- 100) PROVENCE, S., & COLEMAN, R., Environmental Retardation (Hospitalism) in Infants Living in Families, Pediatrics, 19, 285, 1957.
- 101) PRUGH, D.G., et alli. A Study of the Emotional Reactions of Children Families to Hospitalization and Illness. Amer. J. Orthopsychiat. 23, 70, 1953.

- 102) PRUGH, Dane G., & HARLOW, Robert G., Privación Encubierta en Lactantes y Niños Pequeños. In: Ainsworth, M.S. et alii. Privación de los Cuidados Maternos, Ginebra, 1963.
- 103) ROBWEILL, T.E., & HINDE, R.A., Responses of Rhesus Monkeys to Mildly Stressful Situations. Animal Behaviour, 11:235-243, 1963.
- 104) ROBERTSON, J., Some Responses of Young Children to Loss of Maternal Care. Nurs. Times, 49, 382-6, 1953.
- 105) ROUDINESCO, D., DAVID, M., & NICHOLAS, J., Responses of Young Children to Separation from their Mothers. Courrier, 2, n° 2, 66, 1952.
- 106) SCHAFFER, H.R., Objective Observations of Personality Development in Early Infancy. Br. J. Med. Psychol. 31, 174-83, 1958.
- 107) SCHAFFER, A.R., & EMERSON, P.E., The Development of Social Attachment in Infancy. Monog. Soc. Res. Child. Dev. 2^a (3):1-77, 1967.
- 108) SEARS, R.R., MACCOBY, E.E., & LEVIN, A., Patterns of Child Rearing. Evanston, Ill.: Row, Peterson, 1957.


- 109) SENN, M.J.E., Emotional Aspects of Convalescence.
Child (Wash) 10, 24, 1945.
- 110) SIEGELMANN, Élida, Tipos de Pesquisa: Aspectos Metodológicos Específicos. Arq. Bras. Psicologia, 36 (3):141-155, Jul/set. 1984.
- 111) SLUCKIN, W., Imprinting and Early Learning. London: Methuen; Chicago, Aldine, 1965.
- 112) SPENCER-BOOTH, Y. & HINDE, R.A., The Effects of Separating Rhesus Monkey Infants from their Mothers for Six Days. J. Child Psychol. Psychiat. 7:179-97, 1967.
- 113) SOROKIN, Pitirin A. The Ways and power of love. Types, factors, and Techniques of Moral Transformations. The Beacon Press, Boston, 1954.
- 114) SPITZ, R.A., & WOLF, K., Anaclitic Depression. In: Psychoanalytic Study of the Child. New York, International Universities Press, vol. 2:313, 1946.
- 115) SPITZ, R., The Psychogenic Diseases in Infancy: An Attempt at Their Etiologic Classification. In: Psychoanalytic Study of the Child, New York, International Universities Press, vol. 6:255, 1951.

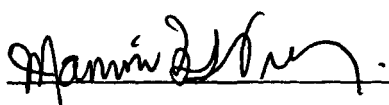
- 116) STAYTON, D.J., & AINSWORTH, M.D.S., Individual Differences in Infant Responses to Brief, Everyday Separations as Related to Other Infant and Maternal Behaviours, Developmental Psychology, 1973, 9:226-235.
- 117) STEIN, Edith. Na força da Cruz, SP, Cidade Nova, 1984.
- 118) STONE, Doris Van, & LUTZER, Erwin, Doris: A Menina Rejeitada. RJ, Vida, 1980.
- 119) THE HOLY BIBLE. New International Version. Hodder and Stoughton. New York Intern. Bible Society London Sidney Auckland Toronto, 1977.
- 120) TINBERGEN, N., The Study of Instinct. London: Oxford University Press.
- 121) TUTERS, E., Short-Term Contracts: Visha. Social Work To-Day, 5:226-31, 1974.
- 122) WALLACE, M., & FEINAUER, V., Understanding a sick Child's behaviour. Amer. J. Nursing, 48, 517.
- 123) WASHBURN, David A. Dimensions of Spiritual Attachment. Journal of Psychology and Christianity. 1982, 1 (3):2-11.


- 124) WATERS, Everett, et alii. Individual Differences in Infant-Mother Attachment relationships at age 1. Child Development, 1980, Mar., v. 51(1):208-217.
- 125) WILLIAMS, J.M. Children Who Break Down in Fosterhomes: A Psychological Study of Patterns of Personality Growth in Grossly Deprived Children. J. Child Psychol. Psychiat. 1961, 2,5.
- 126) WINNICOTT, Donald. A criança e o seu mundo. RJ, Zahar, 1971.
- 127) WOLFENSTEIN, M., How is Mourning Possible? Psychoanal. Study Child, 1966, 21:93-123.
- 128) YOUNG, J.Z., A model of the Brain. London Oxford University Press, 1969.

A dissertação "PADRÕES ARCAICOS DO VÍNCULO AFETIVO"
foi considerada *aprovada*

Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1987


Elida Sigelmann


Marion Merlone dos Santos Penna


Eliezer Schneider